

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

RAFHAEL MARTINS GALVÃO

**ATIVIDADES ARTÍSTICAS NÃO FORMAIS: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/ MT**

RONDONÓPOLIS/MT
2022

RAFHAEL MARTINS GALVÃO

**ATIVIDADES ARTÍSTICAS NÃO FORMAIS: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/ MT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondonópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Ronei Coelho de Lima

RONDONÓPOLIS/MT
2022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Rodovia Rondonópolis-Guratinga, km 6 (MT-270) - - Cep: 78735901 - Rondonópolis/MT
Tel : (66) 3410-4020 - Email : mestrado.pgeo.cur@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "ATIVIDADES ARTÍSTICAS NÃO FORMAIS: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/ MT"

AUTOR : Mestrando Rafael Martins Galvão

Dissertação defendida e aprovada em 12/12/2022.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador	Doutor(a)	RONEI COELHO DE LIMA
Instituição :	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	
Examinador Interno	Doutor(a)	Antonia Marília Medeiros Nardes
Instituição :	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	
Examinador Externo	Pós-Doutor(a)	Roberto de Souza Santos
Instituição :	Universidade Federal do Tocantins	
Examinador Suplente	Doutor(a)	Márcio Júnior Benassuly Barros
Instituição :	Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA	
Examinador Suplente	Doutor(a)	SERGIO SEBASTIAO NEGRI
Instituição :	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	

RONDONÓPOLIS, 12/12/2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

G182a Galvão, Rafael Martins.
ATIVIDADES ARTÍSTICAS NÃO FORMAIS: UM
ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM
ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/
MT / Rafael Martins Galvão. – 2022
176 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Ronei Coelho de Lima.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Rondonópolis, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Lugar. 2. Artistas Informais. 3. Espaços não
convencionais. 4. Arte. 5. Cultura. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

RAFHAEL MARTINS GALVÃO

ATIVIDADES ARTÍSTICAS NÃO FORMAIS: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/ MT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondonópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Ronei Coelho de Lima.

Aprovada em 12 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ronei Coelho de Lima
Orientador
Universidade Federal de Rondonópolis - UFR

Prof^a Dr^a Antonia Marília Medeiros Nardes
Examinador(a) Interna
Universidade Federal de Rondonópolis - UFR

Prof. Pós-Doutor Roberto de Souza Santos
Examinador Externo
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Dedico este trabalho a meus pais, irmãos, amigos, familiares e todos aqueles que direta e indiretamente estiveram ao meu lado durante todo esse processo. Com admiração e gratidão por seu apoio, carinho e presença ao longo do período de elaboração deste estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a graça da vida, me amparando e me dando força para seguir e sempre buscar meus objetivos. Deus que nesses anos tão difíceis cuidou da minha família, não permitindo de nenhum mal assolasse aqueles que eu tanto amo. Sempre me guardando e possibilitando bênçãos em minha vida, como essa de agora, fazendo com que eu concluísse essa pesquisa, me ajudando nas horas mais difíceis, colocando pessoas incríveis no meu caminho e cuidando para que tudo desse certo.

Explicito toda a minha gratidão aos meus pais, que me apoiaram em todos os estágios da minha formação educacional, me incentivando, me mantendo, me apoiando com gestos e palavras que só me impulsionam e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Minha mãe Marizete, uma mulher batalhadora, sinônimo de garra e de persistência, que sempre acreditou na educação, sendo minha maior inspiração, o retrato da mulher brasileira que é batalhadora, que dedicou sua vida a família, mas que também correu atrás dos seus sonhos, que abriu caminhos para seus filhos, se doando incondicionalmente. Meu pai Florisvaldo, homem simples, honesto e gentil, uma pessoa de pouco estudo, mas que sempre incentivou seus filhos a estudar, não medindo esforços para educar, nos amar e zelar.

Meus irmãos que contribuíram de maneira direta para a realização de mais essa conquista, mesmo que distantes, diariamente sentia o amor e a ternura deles emanando em minha vida. Minha irmã Karina o presente mais especial da minha vida, sempre se preocupando comigo, me ligando regularmente, preocupada com meu bem-estar, por também ser uma excelente artista, é a musa inspiradora desse estudo, o seu amor as artes e aos palcos sempre me fascinou, onde o processo de sermos fãs um do outro fez com que eu me tornasse um artista, um irmão e uma pessoa melhor. Meu irmão Douglas homem sério, de poucas palavras e coração enorme, sempre cuidadoso e leal, obrigado por sempre cuidar de mim, mesmo que a quilômetros de distância.

Meus sobrinhos Nícollas, Enthony, Bernardo e Heitor, aqueles no qual eu dedico todo o meu amor, eles que me fazem querer ser sempre melhor, aqueles que ocupam lugares de filhos no meu coração, eles que me motivam a seguir, que fazem eu continuar persistindo, em busca de um futuro melhor para toda a nossa família. Não devo esquecer do meu cunhado Elisian e da minha cunhada Luzia, minha avó

Silvia, mulher de fibra, minha tia Marizane sempre amorosa, minha tia Katia sempre intensa, e meu tio Marco Antônio que sempre foi um pilar para todos nós. Todos os meus familiares, primos, tios e agregados, agradeço infinitamente.

Não existem palavras capazes de expressar a profunda gratidão que tenho pelo orientador dessa pesquisa, o Professor Doutor Ronei Coelho de Lima, ele que me instruiu em todos os estágios desse estudo, me aconselhando, me ajudando com palavras amigas e gestos de incentivo, dividindo suas experiências e conhecimentos durante as aulas ministradas no decorrer do curso e nas reuniões de orientação. Suas correções, críticas e análises fizeram toda a diferença para o resultado final desse estudo, e com toda essa grata experiência só posso ressaltar meu carinho e admiração por esse professor muito humano e íntegro, querido por todos a sua volta, que para mim é uma inspiração como pessoa, profissional e cidadão.

Gostaria de evidenciar toda a minha gratidão por todos os professores que fazem parte do grupo de docente do PPGeo, obrigado pelos conteúdos ministrados, pelos conhecimentos teóricos adquiridos, pelas conversas formais e informais tidas durante as aulas presenciais e online, pelos comentários e recomendações sobre minha pesquisa desde o primeiro momento em que me tornei aluno do mestrado, sendo assim, evidencio os meus reconhecimentos ao Prof. Dr. Ronei Coelho de Lima, Prof. ^a Dra. Antonia Marília Medeiros Nardes, Prof. Dr. Jeater Waldemar Maciel Correa Santos, Prof. Dr. Sergio Sebastião Negri, Prof. Dr. Fabio Angeoletto e Prof. Dr. José Roberto Tarifa. Também ao Professor Jepherson Correa Sales que me auxiliou no processo de confecção dos mapas que constam na pesquisa.

Quero também destacar minha gratidão aos meus amigos e colegas de turma do PPGeo, tanto os que ingressaram comigo na turma de 2020, mas também os que passaram a fazer parte do programa do ano seguinte, em 2021. Obrigado pelo companheirismo, pelas trocas, pelas palavras amigas, e por estarem comigo em momentos difíceis. Gostaria de agradecer de maneira especial a minha amiga e colega de turma Angelica da Silva Rodrigues Souza Araldi, obrigado por estar ao meu lado, pelas confidências, desabaços, chamadas de atenção, datas lembradas e risadas, seu apoio fez toda a diferença durante esse processo.

Todos os meus amigos, que compreenderam meus maus momentos, de stress e irritação, e que ainda assim continuaram torcendo por mim, sempre me colocando para cima e me fazendo sorrir, aos meus melhores amigos Samuel, Eduardo e Viviane, também os meus amigos Geoloucos, Cristiane, Kelbiane, Tiago,

Katia, Adeilson, Micheli e a Luzirene que me deram toda força no processo de submissão da pesquisa ao Comitê de Ética da UFR, a todos vocês quero ressaltar que vocês possuem papéis de destaque na minha vida. Com destaque para minha amiga de longa data Doutora Tainara que me ajudou na formatação desse estudo.

Outra pessoa que merece ser lembrada nesse momento tão feliz, é minha psicóloga Gisele Pimentel Machado, seu trabalho foi primordial para que eu chegasse até o final do curso, seu cuidado com a minha saúde mental me ajudou nos momentos mais cruciais, obrigado por não ter desistido de mim, por me fazer refletir quando era necessário e por tornar o processo menos sofrível.

Sou muito grato também aos meus amigos e colegas de trabalho, todos os funcionários das escolas São Domingos Sávio e José Rodrigues dos Santos que me estenderam a mão e sempre agiram com bom senso comigo, gostaria de destacar o apoio das professoras Osania, Marcia e Silmara, as conversas, o afago e o companheirismo de vocês muito me ajudaram. Meus alunos que são crianças e adolescentes tão incríveis, que por vezes souberam compreender meus maus momentos, todo o carinho e ternura recebido por vocês foi transformado em força e empenho.

Todos os meus amigos, companheiros e parceiros do meio artístico de Rondonópolis, especialmente os que participaram das entrevistas respondendo ao questionário da pesquisa, suas vivências, interpretações e sentidos contribuíram enormemente para esse estudo, vocês são únicos, as ações artísticas e culturais de cada um de vocês são fundamentais para todo rondonopolitano, dentre todos os artistas de Rondonópolis, gostaria de destacar o apoio das minhas grandes amigas Ana Patrícia e Karollyne Caetano, que muito me estimulavam durante nossas conversas no casario, que sempre me perguntavam como a pesquisa estava se encaminhando e não podiam ver um artista nas ruas da cidade que me ligavam ou mandavam mensagem, meninas vocês valem ouro.

E por último, mas não menos importante, quero destacar a grande relevância de todos os artistas amadores, artesãos e artistas de rua que responderam ao questionário da pesquisa, principalmente que atenderam de pronto o meu contato e que logo me ajudaram, tirando alguns minutos do seu dia para contribuir com a pesquisa, aqueles que mesmo se apresentando, expondo ou vendendo suas manifestações artísticas ainda assim não mediram esforços para me atender, quero

aqui destacar minha imensa gratidão, vocês me auxiliaram, tornando minha pesquisa concreta, vocês fizeram com que o meu mais lindo sonho se tornasse realidade.

RESUMO

O estudo visa compreender as dinâmicas artísticas e culturais desenvolvidas em espaços não convencionais no perímetro urbano em Rondonópolis/MT, levantando os locais onde elas são promovidas pelos artistas informais locais ou itinerantes. Haja visto que a classe artística de Rondonópolis sofre com a falta de incentivos por parte do poder público e da sociedade local, são abordadas as relações e as dinâmicas entre os artistas informais e os lugares em que eles utilizam para expor e expressar seus dons artísticos. Ao tratar o objeto de estudo através das suas próprias experiências e vivências, são promovidas discussões sobre segregação socioespacial e preconceito, ao mesmo tempo em que aborda os motivos que levam a inserção dos artistas em tais lugares. Norteada pela geografia cultural, análises do espaço vivido foram promovidas na tentativa de entender as relações homem-natureza através das ligações que as pessoas possuem com seu lugar. Partindo de: pesquisas bibliográficas, pesquisa qualitativa, aplicação de questionário, análise de dados e mapeamentos, foi possível identificar que tais atividades acontecem principalmente em espaços com maior fluxo de pessoas, alcançando maiores percentuais da sociedade por serem desenvolvidas principalmente na região central, por conta da maior de circulação de pessoas, veículos e capital, sendo assim, os maiores fomentos de artes e cultura acabam sendo realizados principalmente pelos artistas informais por ocuparem diversos pontos do área urbana de Rondonópolis.

Palavras-chave: Lugar. Artistas Informais. Espaços não convencionais. Arte. Cultura.

ABSTRACT

The study aims to understand the artistic and cultural dynamics developed in unconventional spaces in the urban perimeter of Rondonópolis/MT, surveying the places where they are promoted by local or itinerant informal artists. Given that the artistic class of Rondonópolis suffers from a lack of incentives from the public authorities and the local society, the relationships and dynamics between informal artists and the places where they use to expose and express their artistic gifts are addressed. By treating the object of study through their own experiences and experiences, discussions about socio-spatial segregation and prejudice are promoted, at the same time that it addresses the reasons that lead to the insertion of artists in such places. Guided by cultural geography, analyzes of lived space were promoted in an attempt to understand man-nature relations through the connections that people have with their place. Based on: bibliographic research, qualitative research, questionnaire application, data analysis and mapping, it was possible to identify that such activities take place mainly in spaces with a greater flow of people, reaching higher percentages of society because they are developed mainly in the central region, due to of greater movement of people, vehicles and capital, therefore, the greatest promotion of arts and culture ends up being carried out mainly by informal artists, since they occupy several points in the urban area of Rondonópolis.

Keywords: Place. Informal Artists. Unconventional spaces. Art. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1 - Histórico de trâmites plataforma Brasil e comitê de ética e pesquisa UFR.....	30
Quadro 2 - Perspectiva teórica sobre o Lugar na visão de diferentes Autores.....	45

GRÁFICOS

Gráfico 1 -Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente? (Grupo A Artistas Amadores)	87
Gráfico 2 - Quais são os tipos de manifestações artísticas que você realiza nesses espaços? (Grupo A Artistas Amadores)	93
Gráfico 3 - Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis? (Grupo A Artistas Amadores).....	96
Gráfico 4 - De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho? (Grupo A Artistas Amadores)	97
Gráfico 5 - Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas? (Grupo A Artistas Amadores).....	99
Gráfico 6 - Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte? (Grupo A Artistas Amadores)	100
Gráfico 7 - Na sua opinião existe algum tipo de segregação em espaço aqui da cidade de Rondonópolis que o impede de frequentar determinados espaços? Se sim, quais são os motivos? (Grupo A Artistas Amadores).....	104
Gráfico 8 - Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista? (Grupo A Artistas Amadores).....	106
Gráfico 9 - Na sua opinião, existe uma classe de artistas de rua em Rondonópolis, se sim quais são as características dessa classe? (Grupo A Artistas Amadores)	109
Gráfico 10 - Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente? (Grupo B Artesãos).....	115

Gráfico 11 - Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis? (Grupo B Artesãos).....	120
Gráfico 12 - De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho? (Grupo B Artesãos)	123
Gráfico 13 -Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas? (Grupo B Artesãos).....	124
Gráfico 14 -Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte? (Grupo B Artesãos)	126
Gráfico 15 - Na sua opinião existe algum tipo de segregação em espaço aqui da cidade de Rondonópolis que o impede de frequentar determinados espaços? Se sim, quais são os motivos? (Grupo B Artesãos)	128
Gráfico 16 - Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista? (Grupo B Artesãos).....	130
Gráfico 17 - Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente? (Grupo C Artistas de rua)	138
Gráfico 18 - Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis (Grupo C Artistas de rua).....	142
Gráfico 19 - De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho? (Grupo C Artistas de rua)	143
Gráfico 20 - Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas? (Grupo C Artistas de rua)	144
Gráfico 21 - Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte? (Grupo C Artistas de rua)	145
Gráfico 22 - Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista? (Grupo C Artistas de rua).....	149

MAPAS CARTOGRÁFICOS

Mapa 1 - Área Urbana de Rondonópolis.....	32
Mapa 2 - Espaços não convencionais de maior presença dos artistas amadores em Rondonópolis/ MT.	90

Mapa 3 - Espaços não convencionais que os artesãos mais se fazem presente em Rondonópolis/ MT.	118
Mapa 4 - Espaços não convencionais onde os artistas de rua mais manifestam suas expressões artísticas do perímetro urbano de Rondonópolis / MT.	139
Mapa 5 - Espaços não convencionais onde artistas informais se manifestam em Rondonópolis/ MT.	156

FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Evento cultural no Casario de Rondonópolis.....	79
Foto 2 - Beco Cultural (Espaço não formal de Rondonópolis).....	80
Foto 3 - Grupo Cultural Caipiras Unidos ensaiando na quadra da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim.	82
Foto 4 - Foto da final de apresentações de Grupos de Teatro em Rondonópolis na praça do Bairro Alfredo de Castro	88
Foto 5 - Apresentação de dança contemporânea realizada no casario de Rondonópolis em um evento encabeçado pelo SESC/ ROO.....	93
Foto 6 - Apresentação da peça O sobrevivente do grupo Foco de Teatro na Escola Municipal Rural São Domingos Sávio em Rondonópolis/MT.	94
Foto 7 - Cantores amadores de Rondonópolis, soltando a voz na mostra cultural da escola estadual professora Amélia de Oliveira Silva.....	95
Foto 8 - Intervenção artística no Beco Cultural de Rondonópolis, explicitando a relação dos artistas com o lugar.	102
Foto 9 - Artista amador se maquiando em espaço não convencional, com defasagem na estrutura física do lugar.	111
Foto 10 - Exposição de artesanato na feira da Vila Operária.	116
Foto 11 - Feira de Artesanato na UFR.....	122
Foto 12 - Artesão expondo sua arte na Praça Brasil em Rondonópolis/MT.	127
Foto 13 - Loja de artesanato no casario em Rondonópolis/MT.	129
Foto 14 - Artista de Rua fazendo malabares no semáforo do Av. Dom Pedro II em Rondonópolis/MT.	140
Foto 15 - Grafite que compõe a paisagem da Av. dos Estudantes no perímetro urbano de Rondonópolis/MT.	148

Foto 16 - Artista de Rua do sexo feminino fazendo malabares nas ruas de Rondonópolis/MT. **152**

Foto 17 - Artista de Rua fazendo pirofagia na Av. Dom Pedro II em Rondonópolis/MT. **153**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAR - Associação Poguba de Artesãos de Rondonópolis

ARCGIS - Geographic Information System – GIS

AV - Avenida

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

CIA - Companhia

CIE - Centro Integrado de Ensino

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

IFMT - Instituto Federal Mato Grosso

PPGEO-CUR - Programa de Pós-Graduação em Geografia

ROO - Rondonópolis

SESC - Serviço Social do Comércio

UFR - Universidade Federal de Rondonópolis

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 METODOLOGIA	25
3 REFLEXÕES GEOGRÁFICAS SOBRE A CULTURA HUMANA NOS DIFERENTES LUGARES E ESPAÇOS	37
3.1 Pensamentos e aplicações sobre a Geografia Cultural.....	37
3.2 O Lugar	39
3.2.1 Lugar: Processo Histórico, Conceituação e Perspectivas Epistemológicas	41
3.3 O Lugar na Geografia crítica: Definição de Milton Santos.....	46
3.4 O lugar na Geografia Cultural-Humanista: A abordagem de Yi-Fu Tuan	51
3.5 O lugar e as vivências Humanas.....	53
3.6 O Lugar na Geografia: Um debate teórico entre Geografia Crítica e a Geografia Cultural.....	56
3.7 O Não-Lugar.....	58
3.8 Geografia Cultural: Espaço, Lugar e a Relação Homem-Natureza	60
3.9 Uma análise Geográfica da Cultura em Rondonópolis.....	63
3.10 Espaços Convencionais e Não Convencionais	67
4 MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/MT	70
4.1 Uma Cultura característica de Rondonópolis: verdades e mentiras	70
4.2 Uma caracterização dos pontos de acesso à Cultura não convencionais de Rondonópolis	76
4.3 Atividades artísticas não formais em espaços não convencionais em Rondonópolis/MT.....	85
4.3.1 Artistas amadores, aqueles que amam: suas análises e contribuições para a arte e a Cultura de Rondonópolis.....	85
4.3.2 Artesãos, os artistas que constroem esperança com suas mãos: a vitrine da arte de Rondonópolis	113
4.3.3 Os Artistas de rua e suas vivências nos Espaços não convencionais	136
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICES	168
Questionário para ser aplicado aos artistas de Rua – Pesquisa do Mestrado	168
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Tcle).....	171
ANEXO	173
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP (UFR).....	173

1 INTRODUÇÃO

A arte sempre foi uma vertente não muito valorizada pelo poder público e os cidadãos de Rondonópolis, onde conta-se sempre com poucos incentivos e com a falta de assistencialismo para com os artistas (GALVÃO, 2016).

Apesar da classe artística desenvolver inúmeras manifestações, trabalhos e ações na cidade, pouco se sabe a respeito, pouco é comentado, e conseqüentemente pouco é valorizado. Além do mais, essa falta de crédito acontece também quanto ao número de pesquisas e estudos desenvolvidos referente a temática artística e cultural de Rondonópolis.

Assim surge a seguinte indagação: se já é difícil exercer atividades ligadas ao cenário artístico e cultural em Rondonópolis, como seria para essas pessoas que põem em prática seus dons artísticos em espaços não convencionais? Imagina-se que seria uma tarefa árdua.

Se as vivências, as produções e as necessidades dos artistas rondonopolitanos estão sendo desassistidas e negligenciadas de um modo geral, a parcela dos artistas que se encaixam em grupos étnicos, raciais e econômicos que sofrem segregação de parte da sociedade deve ser maior ainda.

Na busca de compreender as dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, bem como, a acessibilidade dessas ações na área urbana de Rondonópolis, que o presente estudo se firma, tendo como objetivo principal entender toda essa dinâmica socioespacial e suas influências para as vivências daqueles que ocupam estes espaços.

Negros, pobres, moradores de periferias e rua devem sofrer ainda mais com a falta de prestígio artístico e cultural, não sendo só esses, mas no meio político e social também.

Se tratando de espaço, determinados grupos são impedidos de habitar e circular por certos ambientes, Ferreira e Kapanakis (2015, p. 79) ressaltam que:

Diante de um processo de crescimento desigual, contraditório e excludente das cidades modernas, a arte surge nas ruas representando a insatisfação e a necessidade de um espaço de manifestação artística e social, em um movimento no qual artistas urbanos aliam-se em defesa da liberdade de expressão.

Tendo em vista essa realidade, até que ponto esse fenômeno contribui para a falta de acessibilidade de locais artísticos daqueles que são suprimidos pela elite? E até que ponto isso favorece para o surgimento de manifestações independentes e tidas como não formais, mas que são riquíssimas e cheias de magnitude?

O ser humano precisa se manifestar, o ato de promover ações artísticas e culturais faz parte das vivências e da natureza da raça humana, o espaço é um grande agente condicionador de características e peculiaridades, que são vistas como expressões de povos e grupos, sendo assim, como funcionaria o processo de agregação e contribuição das manifestações de rua para toda a cultura local?

O professor Milton Santos coloca que o espaço seria constituído por fixos e fluxos, que os objetos, pessoas e elementos estáticos no espaço fazem com que se tenha grandes movimentações e ações oriundas destes (SANTOS, 2006, p. 53).

Este grande geógrafo brasileiro soube traduzir na modernidade o verdadeiro papel da geografia na interpretação das questões socioespaciais. Para o referido pesquisador “[...] a geografia pode ser construída a partir de consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos” (SANTOS, 2006, p. 38).

Porém, é intrigante tentar descobrir como pessoas e grupos que não se fazem presente nos ambientes diretamente, e que podem ser denominados nômades, acabam modificando o espaço, tendo em vista que apesar de não serem fixos, esses acabam gerando grande fluxo de pessoas, espectadores e consumidores.

Até mesmo, estes vão em busca dos fluxos proporcionados por elementos fixos para executar suas ações, vendas, apresentações e ensaios, estando assim completamente inclusos nos processos espaciais das cidades, participando efetivamente das construções e transformações do espaço geográfico.

Essas ações são aquelas realizadas nas ruas e em espaços informais, os exemplos vão desde o malabarista no sinal ao músico da calçada, do vendedor de brincos até o grupo que fecha uma rua para ensaiar, de um grupo hip hop até uma roda de capoeira em praças públicas.

Nesta ocasião pretende o pesquisador se aventurar em busca do enriquecimento pessoal e artístico, compreendendo as demandas socioespaciais dos artistas que se manifestam em espaços não convencionais dentro da área urbana de Rondonópolis, tais como: praças, ruas, bares, locais públicos e privados que não seriam necessariamente locais ideais para a realização dessas atividades artísticas.

Por ser assim, esses artistas conseqüentemente desenvolvem ações artísticas e culturais não formais.

A presente pesquisa se estrutura sobre os moldes da Ciência Geográfica, dando enfoque para a linha de análise espacial. Essa área de estudo da Geografia norteia o estudo num todo, onde ressalta a cultura e a arte por si só, e também as manifestações dos artistas presentes nas ruas.

Por conhecer as necessidades da classe artística local, por já ter o contato com pessoas ligadas à cena artística e cultural de Rondonópolis, por entender a importância da cultura para toda a sociedade e para o ser humano individualmente, que o desejo do pesquisador em fazer uma abordagem sobre a arte e a cultura nas ruas se faz presente.

A pesquisa busca responder indagações ligadas ao movimento artístico e cultural de Rondonópolis, tais como: o preconceito sofrido, a falta de incentivo por parte dos membros da sociedade, a falta de assistência por parte do poder público, a inacessibilidade destes em espaços elitizados da cidade, e quaisquer outras questões que podem estar ligadas as suas manifestações.

A pesquisa é estruturada a partir de objetivos que perpassam toda a dissertação, onde através do alcance dos mesmos, perguntas poderão ser respondidas, problemáticas discutidas, as hipóteses validadas ou não, e assim, agregar conhecimento científico e social e para todos os rondonopolitanos em diferentes esferas.

O objetivo geral, visa compreender as dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, bem como, a acessibilidade dessas ações na área urbana de Rondonópolis.

Já os objetivos específicos buscam: Identificar e mapear os grupos e os artistas que trabalham com manifestações em espaços não convencionais em Rondonópolis; mencionar as características sociais dos artistas de rua, levantando seu perfil e o local onde se inserem; fomentar o debate sobre as problemáticas vividas pela classe artística independente de Rondonópolis; e comentar as ações não formais ligadas a arte e a cultura rondonopolitana.

Para alcançar tais objetivos a pesquisa é norteada pelo método científico fenomenológico, onde através de levantamentos bibliográficos, de pesquisas qualitativas e análises de dados foi possível desenvolver essa pesquisa. A utilização desse método é pertinente, pois ele permite fazer múltiplas abordagens nos estudos,

indo conforme as experiências e as vivências dos indivíduos, como coloca (SILVA, LOPES; DINIZ, 2008, p. 255).

O fundamental nesta corrente está na descrição. A direção primeira que Husserl deu à fenomenologia foi a de ir às coisas mesmas. A descrição fenomenológica é fundamental, porque o nosso olhar habitual não nos permite evidenciar o fenômeno em si mesmo. Nessa abordagem o pesquisador considera sua vivência em seu mundo vida, uma experiência que lhe é própria, permitindo-lhe questionar o fenômeno que deseja compreender.

Através do método científico fenomenológico é que foi pensado os procedimentos metodológicos que encaminham a pesquisa, se utilizando das experiências, das vivências e das relações relatadas pelos indivíduos que responderam o questionário composto por perguntas abertas e fechadas, perguntas essas que foram analisadas, e que dão base para a análise dos dados coletados.

É com a participação do objeto de estudo, dentro da área analisada, que a pesquisa foi desenvolvida, pois os dilemas e as glórias vividas pelos artistas nos espaços em que eles habitam, passam pela locução das próprias pessoas que cotidianamente fazem parte da inter-relação existente entre o homem e o seu lugar.

Livros, teorias e escritos que descrevem de forma teórica, quantitativa e sem grande aprofundamento a relação entre o homem e o espaço existem em alto grau, mas pesquisas que dão ênfase nas trocas entre o homem e o espaço de forma ativa, interpretativa e qualitativa, dando voz, vez e sentido para as experiências sociais e sensoriais são escassas, por isso, que esse trabalho que é inédito, no contexto rondonopolitano, possui grande relevância nos âmbitos acadêmicos, sociais e culturais.

Partindo da premissa de que existem poucos trabalhos ligados a vertente artística e cultural de um modo geral na UFR, e quando se amplia essa realidade para o programa de Pós-graduação em Geografia ela ganha proporções ainda maiores.

Por querer desenvolver uma pesquisa ligada ao meio artístico e cultural da cidade de Rondonópolis, e ainda tendo como objeto de estudo a classe artística que é mais segregada e discriminada, que são aqueles que desenvolvem atividades não formais em espaços não convencionais, acredito que a instituição UFR e toda a comunidade acadêmica venha a ganhar com a presente pesquisa.

A mesma é inédita, buscando tratar de assuntos relacionados à arte e condições diferenciadas, apontando questões nunca antes abordadas no âmbito

municipal e estadual. Estima-se que esse trabalho possa abrir portas para novas pesquisas, incentivando outros pesquisadores a desenvolver seus estudos em temáticas e áreas que são riquíssimas e muito pertinentes, mas que por vezes são deixadas de lado ou até mesmo negligenciadas.

A referida pesquisa possui o intuito de dar voz para uma parcela da sociedade que pouco é ouvida, vista e levada a sério. No geral toda a classe artística rondonopolitana por si só passa por grandes desafios no que tange a incentivos, apoios financeiros e prestígio, tanto do poder público, quanto da sociedade civil.

Constata-se que esse desprestígio possa ser ainda maior em alguns grupos como os artistas de rua, os artistas informais e aqueles que expressam suas artes de modo livre e que retiram seu sustento através das suas manifestações, todos esses aqui citados acabam por constituir parte da classe artística da cidade de Rondonópolis.

Através do desenvolvimento desta pesquisa, toda a sociedade ganha em conhecimento, através de teorias amparadas em literaturas, conhecimento empírico através de relatos e histórias de vida, e o principal ganho se materializa em uma obra escrita por um rondonopolitano, sobre parte da sociedade rondonopolitana, para todos que vivem na cidade de Rondonópolis.

E foi através de todos esses pontos que foi possível levantar evidências a respeito da grande valia dos artistas informais para a cena artística de Rondonópolis, salientar suas contribuições para toda a sociedade, no processo de fomento das artes, de levar ludicidade para as pessoas, de acolher o espectador independente das suas características sociais, políticas, religiosas e sexuais, demonstrando o quão forte e ativa é a cena artística informal da cidade, que o seu papel é relevante, e agrega benefícios para todos os envolvidos.

Os artistas informais estão onde precisam estar, levando arte, esperança e afago para as pessoas. Os espaços informais, mesmo que na maioria das vezes não possuem a infraestrutura adequada, abraçam os artistas e o espectador, pois esses espaços são acolhedores e ali acontece a magia dos encantos, onde a plateia se vislumbra com o espetáculo do artista e o artista se energiza com a receptividade do público, é ali onde as trocas de olhares, sorrisos, aplausos, dinheiro e ternura acontecem.

Mesmo sem apoio o artista rondonopolitano não deixa a chama das artes se apagar, mesmo sem incentivos do poder público, mesmo sem políticas públicas

efetivas, mesmo que parte da sociedade civil não incentive, as manifestações artísticas e culturais se fazem presente em todos os cantos do perímetro urbano de Rondonópolis, seja na periferia ou nos grandes centros, nas ruas ou nas praças, nos ambientes abertos ou fechados, os artistas de rua, artesãos e artistas amadores tomam seus lugares e promovem trabalhos e levam alimentos artísticos para aqueles que sentem fome não pelo estômago, mas sim pela alma e pelo coração.

Aqueles que menos tem a oferecer em aspectos financeiros são os que mais contribuem com seus dons, cantando, tocando, dançando, se expressando em nome das artes, em busca do bem-estar do outro, muitas vezes aqueles que são segregados, impossibilitados de ocupar determinados espaços mais elitizados, são os que espalham arte e cultura por todos os lugares em que vive e se relaciona.

O artista é artista em qualquer lugar, esse só quer se expressar, muitas vezes ama quem não o ama, enxerga aquele que não o vê, fala para quem não quer escutar, faz o bem mesmo sem o outro merecer, o que importa é estar lá, mantendo a chama acesa, se um só for tocado, seu objetivo foi alcançado, é claro que o reconhecimento é importante, a remuneração ajuda e os aplausos caem bem, ser artista é ir além, é sorrir estando com dor, é sempre ter que provar o seu valor, mas valor artístico não se mede, arte não se define, ser artista é ser leve, mesmo quando o outro te oprime.

2 METODOLOGIA

O estudo que apresenta seus encaminhamentos, é desenvolvido com enfoque nas linhas de pensamento do Método Científico Fenomenológico, onde usufrui das ideias e das fontes disponibilizadas pelo grande escritor e filósofo Husserl.

Carvalho, Nascimento e Soares (2012, p. 4) embasadas pelos pensamentos de Husserl ressaltam a fenomenologia como um método que:

Tendo como propósito de compreender o mundo como fenômeno, o mundo vivido de acordo com o autor, ou seja, mostrar como este se apresenta à nossa consciência e que é apreendido antes de fazermos qualquer reflexão sobre o mesmo, desenvolve o método chamado de “redução eidética”; redução esta que, segundo Husserl, nos possibilitará captar a essência do mundo como fenômeno.

Vinculando o método fenomenológico com a ciência geográfica, Nascimento; Costa (2016, p .44) enfatizam que a abordagem fenomenológica:

[...] tem como foco relacionar numa visão antropocêntrica do mundo, o homem e seu espaço ou, mais genericamente, o sujeito e o objeto. Ela vem para trabalhar com a experiência, ou seja, o espaço vivido e existencial do indivíduo, que serão considerados sobre diferentes perspectivas, principalmente os valores que o indivíduo adquire no cotidiano.

A metodologia científica, é o delineamento sobre o que se propõe pesquisar, definindo os passos e as etapas que serão de grande importância seguir no processo de investigação, e construção norteadora no trabalho. Assim, permitindo uma adequada reformulação das ideias que embasam a pesquisa, dando sequência no processo de investigação.

Como o objeto de estudo dessa dissertação é vivo, sendo que o mesmo respira, fala, pensa e é crítico, que o emprego da fenomenologia se faz necessário. Na medida em que os artistas informais que se manifestam em espaços não convencionais participam efetivamente da construção dessa pesquisa, empregando seu conhecimento empírico e relatando suas ações dentro dos lugares em que habitam, que a mesma se alicerça não só em referências de autores de renome que discutem o assunto, mas dá a oportunidade de quem de fato vive nesse meio possa contribuir com o estudo de maneira direta.

Como coloca Boava, Boava e Antonialli (2012, p. 175) ao se referir a estratégias de pesquisas onde a experiência de vida é levada em consideração.

O paradigma interpretativo oferece algo a mais à estratégia, buscando conhecer o fenômeno estratégico à luz da subjetividade do estrategista, considerando tanto sua racionalidade substantiva quanto sua experiência de vida.

Assim como espaços podem segregar pessoas, a transmissão de conhecimento também pode ser excludente, onde o conhecimento científico se sobressai comparado ao conhecimento empírico, ambas possuem grande valor, dependendo dos objetivos da pesquisa, e o método que permeará as discussões e as análises dos dados, um poderá se encaixar de melhor modo, sendo assim, por essa pesquisa ser perpassada pelo método científico fenomenológico, por ter por objetivo a compreensão das dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em Rondonópolis juntamente com sua acessibilidade, que a participação do objeto na análise dos fenômenos discutidos é sem precedentes.

De tal forma, Selltiz, Wrightsman e Cook (1987, p. 58) evidenciam o processo de se formular questões para que haja a colaboração de indivíduos em pesquisas:

Para criar procedimentos que permitam a colocação de um indivíduo numa escala, com menos probabilidade de erro, têm sido construídos questionários padronizados. Nesta abordagem, o indivíduo não se descreve diretamente através de sua posição em determinada dimensão. Em vez disso, exprime seu acordo ou desacordo com algumas afirmações relevantes para tal dimensão: a partir dessas respostas, recebe um escore.

A fenomenologia permite o estudo dos fenômenos vividos através da ótica de quem vivencia tais fenômenos, ao promover levantamentos e discussões sobre os artistas de rua, os artesãos e os artistas amadores de Rondonópolis, é justo que eles opinem e participem diretamente do processo, já que tais dinâmicas perpassam suas vivências e relações com o lugar, com os elementos físicos e sociais que estão nesse ambiente.

A pesquisa visa validar a arte e a cultura local, discutindo problemáticas, mapeando espaços, levantando políticas públicas que fomentem déficits, por isso, foi pertinente que os personagens principais de toda essa dramática questão ganhem papel de protagonismo. Já que a pesquisa é norteadada por demandas artísticas e culturais, quem promove arte e cultura na área de estudo precisa ser participante, para que seja de fato entregue aos artistas o que é dos artistas, e seja consolidado o reconhecimento a quem sempre o mereceu.

Assim, a pesquisa busca retratar, fatores espaciais, sociais, culturais e políticos no território da área estudada, apresentando um trabalho com bases sólidas e racionais, fundamentado e calçado em experiências vividas no cotidiano, trabalhando com técnicas empíricas.

A pesquisa foi dividida em etapas para uma melhor organização dos pontos discutidos e trabalhados, para alcançar os objetivos que foram previamente estabelecidos desde a construção do seu projeto, através dessa ação cada tópico do trabalho foi tratado com total relevância e importância.

Sobre o objetivo geral, que busca compreender as dinâmicas espaciais e as manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, bem como, a acessibilidade dessas ações por toda Rondonópolis, foi tentado compreender as dinâmicas espaciais e as manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, através dessa prerrogativa, pesquisas foram desenvolvidas, esboços foram escritos, buscando ir no cerne da questão, para isso, precisou-se fazer um estudo sobre a Geografia Cultural, que é a ramificação da ciência geográfica que norteia este trabalho.

O estudo é desenvolvido com enfoque nas linhas de pensamento do Método Científico Fenomenológico, que permite dar relevância aos aspectos essenciais do objeto analisado, permitindo a aplicação da dedução e do empirismo, onde a compreensão do objeto pode se dar por meio da intuição (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 36).

A pesquisa paira sob um viés humanista, o objeto pesquisado são os artistas não formais que utilizam espaços públicos não convencionais para se manifestarem artisticamente.

Para tratar das problemáticas vinculadas a espacialidade desses ambientes, se faz necessário entender a visão e a relação que o objeto estudado tem com o mundo e com os espaços em que ele habita, por isso, a aplicação do método fenomenológico é o que melhor se encaixa na pesquisa, pois trata o fenômeno como fruto da consciência, e essa consciência cabe ao objeto, indicando os procedimentos necessários.

Os procedimentos foram três, o primeiro de pesquisa bibliográfica construída através do levantamento e leitura de material como livros e artigos, o segundo de pesquisa de levantamento, com a busca de informações de partes de um grupo, que acerca do problema e mediante a análise quantitativa dos dados coletados chega-se

a uma conclusão, e o último, de pesquisa participante, que através da descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem através da aplicação de questionário.

Desta forma, desde os primeiros passos a serem dados em relação ao desenvolvimento da pesquisa, o conhecimento teórico se fez presente, pois as experiências relatadas nos textos darão suporte no decorrer de todo o estudo, os levantamentos foram realizados através de questionários, o que permite uma maior aproximação com o objeto de estudo, permitindo assim entender suas dinâmicas através do seus próprios olhares, possibilitando que novas visões e compreensões sobre a realidade dos lugares e das pessoas que ali habitam surjam no decorrer da pesquisa.

Assim, num primeiro momento foi feito um levantamento bibliográfico em vários meios de comunicação e circulação de mídias, como: artigos científicos, sites, blogs, vídeos e telejornais, além de dissertações, teses e livros relacionados com a temática que norteia este estudo. Com essa ação, além de uma compreensão mais completa do tema da pesquisa, foi possível atender o objetivo geral da pesquisa que é: Compreender as dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, bem como, a acessibilidade dessas ações na área urbana de Rondonópolis.

Para Marconi e Lakatos (2005), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade, colocar o pesquisador em contato direto com o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, publicada ou gravada.

Para uma melhor fundamentação do estudo, e o atendimento do objetivo de Identificar as características econômicas e sociais dos artistas de rua, levantando seu perfil e o local onde se inserem; e o objetivo de caracterizar os principais problemas vividos pela classe artística independente de Rondonópolis, visando possíveis soluções para estes, foram feitas visitas em locais que possuem vínculos com a cultura e arte de rua na cidade de Rondonópolis, o que não foi possível em sua totalidade por conta das implicações causadas pela pandemia de COVID-19 e do isolamento social, esses locais são: avenidas, praças e quaisquer outros ambientes que comportem ações artísticas e culturais não formais pelo espaço.

É válido ressaltar que a pesquisa foi registrada na Plataforma Brasil e passou por análise no Comitê de Ética da Universidade Federal de Rondonópolis, tendo um parecer favorável para a realização da pesquisa com base nos relatos e experiências de partes dos artistas de Rondonópolis através de questionário, com isso, o CEP (Comitê de Ética e Pesquisa) da UFR (Universidade Federal de Rondonópolis) deu um parecer favorável à aprovação do estudo ao que concerne aos aspectos éticos.

O processo de inscrição do presente estudo na Plataforma Brasil para análise do CEP da UFR demandou muito empenho por parte do pesquisador ao que se refere a cumprir todos os trâmites que envolvem o processo. De início, foi sinalizado ao orientador da pesquisa o desejo de fazer um estudo onde o objeto de estudo participasse ativamente das discussões a serem promovidas no texto escrito, com isso, foi sugerido a aplicação de questionário aos artistas informais que atuam no perímetro urbano de Rondonópolis.

A partir disso foi dado início aos procedimentos legais que permitem a participação efetiva de sujeitos em estudos científicos. O primeiro passo consistiu em realizar a inscrição da pesquisa na Plataforma Brasil, que é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP, essa ação caracteriza-se pelo preenchimento de campos com informações gerais sobre a pesquisa. O passo a passo foi realizado tendo como amparo vídeos autoexplicativos com tutoriais que ensinam e exemplificam os procedimentos a serem realizados.

Vale ressaltar que ao que se refere ao preenchimento dos campos sobre o projeto de pesquisa, o pesquisador elencou pontos como o desenho da pesquisa, resumo, introdução, hipótese, objetivo principal e específicos, metodologia, critérios de inclusão e de exclusão, riscos, benefícios, modelo de análise de dados, desfecho primário, tamanho da amostra, data do primeiro recrutamento, fontes de dados secundários, cronograma de execução, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), se aplica ou não, cronograma da pesquisa, orçamento financeiro e bibliografia. (O estudo apresenta o seu TCLE no seu apêndice).

É fundamental que para o ato de inscrição da pesquisa na Plataforma Brasil o pesquisador tenha estruturado documentos que serão anexados ao final do processo, documentos estes que são: a Brochura da pesquisa que em tese é todo o material e o referencial bibliográfico já levantado pelo pesquisador, o Currículo profissional ou o Currículo Lattes, Declaração de que as coletas de dados só serão

iniciadas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP da UFR, a Folha de Rosto que é gerada pelo site da Plataforma Brasil no ato da inscrição devidamente datada e assinada, o Questionário com as perguntas a serem aplicadas e TCLE já elaborado, todos esses salvos no formato de PDF, no qual sua intitulação não deve conter símbolos especiais ou espaços.

Os CEPs de cada instituição de ensino são compostos por membros que juntos formam um comitê que analisa e avalia os processos inscritos na Plataforma Brasil, sendo que os mesmos fazem encontros mensais. É apropriado que os pesquisadores tenham acesso ao calendário das Reuniões Ordinárias do CEP, para encaminhamento do processo em tempo hábil, geralmente as datas dos encontros consta nos sites de cada universidade.

Ao saber das datas dos encontros dos membros do CEP da UFR, foi encaminhado no dia 15/03/2022, através da Plataforma Brasil toda a documentação referente ao projeto de pesquisa para análise dos mesmos, assim, no dia 28/03/2022 foi dado o parecer favorável à aprovação da pesquisa e a continuidade do seu desenvolvimento com a aplicação do questionário ao objeto estudado. (Como consta no anexo da pesquisa.

Todo o trâmite relacionado a submissão da pesquisa na Plataforma Brasil até a sua aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Rondonópolis se deu da seguinte forma:

Quadro 1 - Histórico de trâmites plataforma Brasil e comitê de ética e pesquisa UFR

HISTÓRICO DE TRÂMITES							
Apreciação	Data/Hora	Tipo Trâmite	Versão	Perfil	Origem	Destino	Informações
PO	28/03/2022 17:19:36	Parecer liberado	1	Coordenador	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	PESQUISADOR	
PO	28/03/2022 16:51:32	Parecer do Colegiado Editado	1	Coordenador	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	25/03/2022 16:28:06	Parecer do colegiado emitido	1	Coordenador	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	25/03/2022 13:58:05	Parecer do relator emitido	1	Membro do CEP	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	25/03/2022 09:01:13	Aceitação de Elaboração de Relatoria	1	Membro do CEP	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	17/03/2022 11:10:40	Confirmação de Indicação de Relatoria	1	Coordenador	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	15/03/2022 16:41:57	Indicação de Relatoria	1	Secretária	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	15/03/2022 16:41:31	Aceitação do PP	1	Secretária	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	
PO	15/03/2022 15:53:42	Submetido para avaliação do CEP	1	Pesquisador Principal	PESQUISADOR	Universidade Federal de Rondonópolis - UFR	

Todo esse trabalho apesar de ser minucioso e burocrático é de suma importância para o andamento de pesquisas que tratam de seres humanos e tenham como objeto de estudos membros da sociedade, pois todo esse procedimento assegura a integridade moral dos entrevistados e do pesquisador, amparando ambas as partes legalmente, e em especial eticamente.

Para a aplicação do questionário foi pensado em promover visitas em grupos que desenvolvam ações e manifestação artística, grupos sociais que mantêm viva as tradições dos seus locais de origem, que certamente utilizam espaços não convencionais para exporem seus dons.

Tudo isso, para obter informações sobre os movimentos artísticos e culturais presentes na área de estudo, além de ressaltar suas características.

A pesquisa conta com o auxílio de equipamentos tecnológicos como o aparelho celular para contatar as pessoas influentes e envolvidas com a cultura de rua em Rondonópolis, aqueles que possuem maior proximidade com esses artistas que tendem a ser itinerantes e que por conta disso fica restrita a comunicação, também câmera fotográfica para registrar momentos e imagens a serem contidos no trabalho, além dos computadores para a realização de pesquisas e construção do trabalho e gravador de voz para registrar as entrevistas a serem feitas.

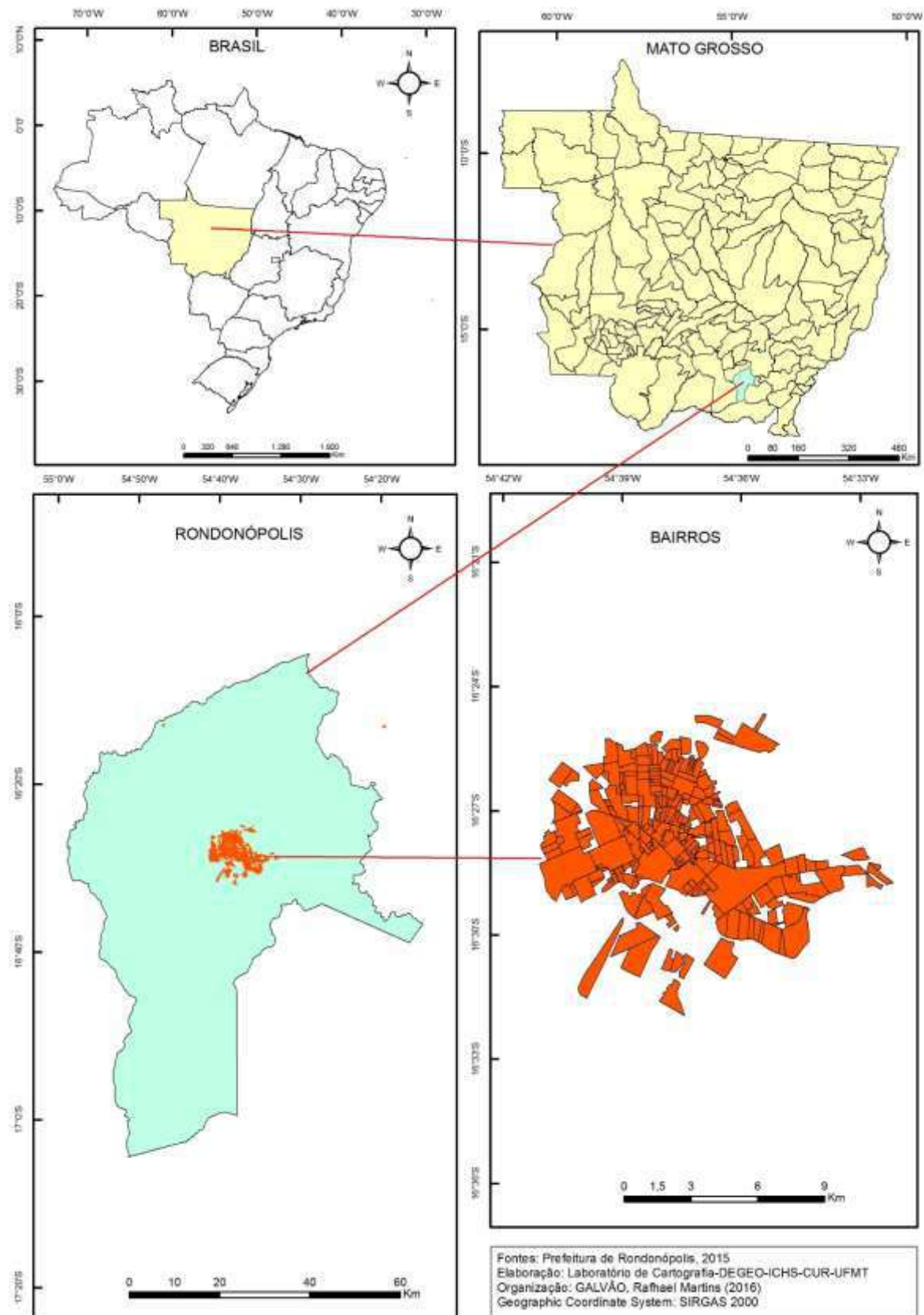
A pesquisa apresenta mapas, onde os pontos informais de arte e cultura foram ressaltados na área urbana de Rondonópolis, sendo possível fazer uma comparação dos espaços de predominância desse movimento, além do público que é mais atingido por essas manifestações.

Essa dissertação visa ressaltar a arte e a cultura da cidade de Rondonópolis, em especial as manifestações em espaços não convencionais, verificando como esses segmentos estão distribuídos no território, pontuando as ações e a importância desse movimento.

Para atender o objetivo de fazer os mapeamentos dos grupos e dos artistas que trabalham com manifestações em espaços não convencionais em Rondonópolis, se fez necessário o uso de programas como o “Google Earth e Arc GIS” para a confecção de um produto técnico, o mapa que delimita a área de estudo que é área urbana da cidade de Rondonópolis.

A área de estudo pesquisada envolveu o espaço urbano de Rondonópolis
(Mapa 1):

Mapa 1- Área Urbana de Rondonópolis



O mapa foi confeccionado em parceria com o Laboratório de Planejamento Territorial e Ambiental/PPGEO/ICHS/CUR/UFMT, no qual o Professor Doutor Ronei Coelho de Lima e Jepherson Correa Sales prestaram total suporte para que fosse confeccionado o referido mapa.

O processo de localização do perímetro urbano do município de Rondonópolis foi feito no programa Google Earth, e posteriormente esses dados foram transferidos para o ArcGis (Geographic Information System – GIS), para serem georreferenciados e estarem presentes nos mapas. Quanto às bases cartográficas, a base dos bairros de Rondonópolis foi obtida junto à Prefeitura de Rondonópolis e a base do Brasil, Mato Grosso e do município de Rondonópolis, foram obtidos juntos ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística). Para cotar os pontos onde as atividades culturais ocorrem em Rondonópolis, será utilizado o GPS Garmin Etrex 10. Essa etapa ocorreu a partir dos momentos que as atividades de campo identificaram os espaços de ocorrência das atividades culturais.

O referido mapa que é um importante recurso técnico para a continuação deste estudo fez com que o primeiro objetivo específico do projeto de pesquisa fosse alcançado parcialmente, sendo a sua finalização prevista para a etapa posterior à aplicação do trabalho de campo e das entrevistas.

Foi pensado que antes de fazer o levantamento e ver onde estão situadas as atividades não formais, dentro dos espaços não convencionais de Rondonópolis, seria de extrema relevância conhecer, situar, analisar e estudar detalhadamente a malha urbana do município

O mapa apresenta inicialmente o estado de Mato Grosso em destaque dentro do território brasileiro, dentre os seus 141 municípios é dado maior ênfase ao município de Rondonópolis, que em seguida apresenta em resalto sua malha urbana.

O recurso técnico exposto, foi apenas o primeiro passo dado para a evolução da pesquisa, por se tratar do espaço onde se faz presente o objeto a ser analisado, esse mapa dá dimensões das proporções territoriais de Rondonópolis, já se tendo noção de onde se encontram as áreas centrais e periféricas, prováveis pontos onde atividades não formais são desenvolvidas em espaços não convencionais.

Não só este mapa, mas os outros presentes no decorrer da pesquisa serviram para mostrar como estão distribuídos esses espaços culturais não formais dentro do território rondonopolitano, pois possuem um caráter de utilidade pública, já que nunca

foram feitos levantamentos sobre esses artistas e suas manifestações na cidade de Rondonópolis.

Inicialmente a presente pesquisa caminhou de forma lenta, onde foi dada uma maior ênfase em se fazer um levantamento bibliográfico preciso e em desenvolver leituras que viessem a auxiliar no processo de construção da futura dissertação de mestrado.

Apesar das dificuldades que se fizeram presentes durante esse período, os objetivos que foram pensados e que alicerçam e dão base a essa pesquisa foram alcançados, mesmo que o período pandêmico trouxe alguns contratempos ao pleno andamento da pesquisa, o que foi realizado é resultado das leituras e análises elaboradas.

Buscando alcançar os objetivos traçados no projeto de pesquisa, principalmente o objetivo de explicar cada uma das ações não formais ligadas a arte e a cultura rondonopolitana, e utilizando dos mecanismos e características do método aplicado no estudo, foi decidido pela aplicação de um questionário para a melhor compreensão do objeto da pesquisa, que são os artistas informais que ocupam espaços não convencionais para externar sua arte e sua cultura, o que permitirá um maior entendimento das vivências e dinâmicas socioespaciais.

Sobre a definição do que é questionário, Gil (2008, p.121) coloca que:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Portanto, para obter as informações sobre as vivências e relações desses artistas com os espaços habitados, e como ocorrem suas manifestações, sentidos, ideais e questões é que a aplicação de questionário foi importante, pois permitiu voltar o olhar para aqueles que vivem a realidade do local.

Ter amparo nas literaturas que abordam a temática proposta é fundamental, mas perceber os acontecimentos através das práticas de quem vive é respeitar as individualidades que formam a sociedade num todo.

Os procedimentos são divididos da seguinte forma, o primeiro de pesquisa bibliográfica construída através do levantamento e leitura de material como livros e artigos, o segundo de pesquisa de levantamento, pois busca informações de parte de

um grupo acerca do problema e mediante a análise quantitativa dos dados coletados chega-se a uma conclusão, seguido, de pesquisa participante, que através da descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem, e o último é o levantamento e mapeamento dos espaços não convencionais que os artistas analisados utilizam.

Visando uma melhor organização e visto que o objeto de estudo se configura de formas distintas, eles foram analisados em grupos separados, o grupo (A) são os artistas amadores, o grupo (B) são os artesãos e o grupo (C) são os artistas de rua. Apesar de todos eles possuírem em comum o fato de serem artistas que frequentam espaços não convencionais, cada grupo possui especificidades voltadas a relação com o lugar, questões financeiras e sentimentais.

O intuito foi de entrevistar 20 pessoas ligados ao movimento artístico informal e amador de Rondonópolis. Foi feito um levantamento dos artistas de rua e dos locais onde eles estão inseridos no perímetro urbano, foram catalogados também os artesãos que comercializam sua arte em espaços não convencionais, e os demais artistas amadores que utilizam ruas, praças, vias públicas, quadras poliesportivas e espaço tidos como impróprios para desempenhar seus dons.

Foi pensado em entrevistas dez artistas amadores de diferentes segmentos, como música, dança, artes cênicas, artes circenses, poesias e outros sendo grupo (A), cinco artesãos sendo grupo (B) e cinco artistas de rua sendo grupo (C).

Os artistas de rua e os artesãos foram selecionados através de uma pesquisa e de visita de campo em pontos da área urbana de Rondonópolis, já a lista de artistas amadores foi feita obedecendo alguns critérios, como a importância e o papel desempenhado por essa personalidade na cena local, ao menos um representante de cada segmento, isso com base na opinião da própria classe artística e de alguns membros da sociedade civil e da Secretaria Municipal de Cultura de Rondonópolis.

As visitas de campo foram feitas em espaços não convencionais, utilizados por artistas não convencionais dentro do perímetro urbano de Rondonópolis, esses espaços foram levantados previamente com base em estudo bibliográficos, com base no conhecimento do pesquisador que por sua vez é artista não formal, atuante na cena artística do município e em conversas informais com artistas durante todo o período em que o estudo foi desenvolvido.

Nessas oportunidades foram coletadas informações sobre o lugar, ao que se refere a infraestrutura e análise dos artistas e do público presente, além de fotos e imagens desses espaços. A aprovação desses levantamentos de campo passou pelo crivo do orientador da pesquisa, que foi favorável pelo estudo prático das dinâmicas existentes nesses ambientes artísticos e culturais, algumas visitas foram orientadas e guiadas pelos artistas informais que já possuem familiaridade nesses espaços.

Todas essas ações foram bastante relevantes para toda a pesquisa, pois propiciou análises práticas do objeto de estudo dentro da área estudada, agregando no referencial teórico e nas discussões e análise de dados.

Com essas ações, buscamos atender o objetivo geral e os objetivos específicos, em suas totalidades, pois através da aplicação do questionário foi possível obter informações a respeito do objeto de estudo. Haja visto que essa pesquisa tem o intuito de abordar as problemáticas, entender as demandas e discutir melhorias para a cena artística de Rondonópolis através da visão e da percepção dos próprios artistas informais que ocupam espaços não convencionais.

Através das respostas contidas no questionário foi possível compreender as dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, também entender a acessibilidade dessas ações na área urbana de Rondonópolis, pois algumas das perguntas são bem categóricas com a finalidade de levantar os locais onde os artistas frequentam.

Assim, ao responder as perguntas foi possível alcançar os objetivos específicos que visam compreender as dinâmicas artísticas e culturais desenvolvidas em espaços não convencionais, bem como, assimilar a posição e a acessibilidade dessas na área urbana de Rondonópolis, para reconhecer e valorizar essas pessoas, mapear seus espaços e explicitar a arte e a cultura de Rondonópolis, através das vivências e das experiências no espaço habitado.

3 REFLEXÕES GEOGRÁFICAS SOBRE A CULTURA HUMANA NOS DIFERENTES LUGARES E ESPAÇOS

3.1 Pensamentos e aplicações sobre a Geografia Cultural

Partimos da premissa de que o espaço onde o homem está inserido e age, e por consequência o transforma, se trata de: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento (SANTOS, 2012).

Seguindo por essa vertente Santos (2012, p. 78) entende que espaço seria:

Um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre eles especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Esses objetos presentes no espaço possibilitam o desenvolvimento de ações na sociedade, o fato do homem agir sobre determinado local permite a construção e a caracterização dos mesmos neste ambiente. O que é condicionado e disponibilizado pelo Espaço interfere em todo o sistema no qual o homem está inserido.

As diferentes formas de se expressar e de viver no espaço, despertam o interesse de criar uma nova forma de se ver a Geografia. De acordo com essa nova faceta, caberia a Geografia trabalhar com a natureza cultural da sociedade, pois ela vive e age no espaço social humano.

O estudioso McDowell (1996, p. 159) faz uma análise da Geografia Cultural salientando que:

A Geografia Cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado de paisagem e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões.

A Geografia Cultural que é uma das ramificações da ciência geográfica, trouxe para a área de discussão dos geógrafos novos elementos a serem vistos com um olhar mais amplo, não se prendendo a especificidades dos seus elementos primários.

Temas envolvendo religiosidade, percepção ambiental, identidade espacial e literatura, música, pintura, cinema, entre outros, simplificando, meios de expressão

cultural e artística, estão dentro das estruturas de formação que cabem dentro de uma nova Geografia, uma Geografia cultural.

É função da Geografia trabalhar com questões ligadas ao espaço e como a sociedade atua nesse, e é válido seguir uma vertente mais social e humana, já que esses também são objetos de estudo dessa ciência.

A abordagem cultural é advinda da comunicação social e das experiências adquiridas através de crenças empregadas a elas dentro do seu espaço de vivência.

As formas do homem agir e se portar no meio através de seus costumes, estão totalmente ligadas aos elementos geográficos. Em relação aos fenômenos físicos, o clima, o relevo e o solo, sobre os artificiais, as construções, as paisagens modificadas e a economia, tudo isso, faz com que o homem se molde e se adapte às condições ali presentes.

A alusão ao real, os meios para transformá-lo, e as técnicas utilizadas no contexto, servem como meios que resultaram na cultura presente e vigente em determinado ambiente (FERRETTI, 2018).

As diferentes formas de se fazer, ver e analisar as várias culturas presentes no espaço estão ligadas aos inúmeros meios de agir dentro do sistema, cabendo a cada indivíduo, buscar suas representações e descobrir seus valores que o diferencie de outros milhares de seres humanos que também habitam o globo.

A cultura manifesta-se individualmente com uma ferramenta que aponta as disposições inatas ligadas as características de cada um no espaço. Os diferentes centros de relação de que cada pessoa faz parte não é, contudo, igual para todos (LARAIA, 1986).

A Cultura é criada para possibilitar a interação entre seres e pessoas semelhantes, onde essas podem se comunicar, se aproximar, se relacionar e até mesmo distanciar, quando levado em consideração fatores como o preconceito e o descaso, o que faz grupos se separarem ou se unirem em busca de malefícios a pessoas que não compartilham as mesmas fontes e linhas de pensamento (SANTELLI, 2018).

Os elementos culturais se fazem necessários para a construção do homem, e disponibilizado pelo espaço, o que é passado de geração em geração vai contribuir para a consolidação dos pensamentos ideológicos e modos de vida de toda uma sociedade.

Os grupos que se formam e se organizam dentro do espaço geográfico fazem uma ligação entre o humano e o social, e esses irão agir e contribuir dentro de um espaço comum, acarretando num fluxo corrente, onde culturas vão sendo criadas, caracterizadas e disseminadas.

Para Corrêa (2014) a cultura é entendida como os significados elaborados e reelaborados a respeito das construções materiais e intelectuais vinculadas a todas as esferas da vida, inclusive a espacialidade humana.

A cultura se mostra presente nos aspectos políticos, econômicos e espaciais, através de formas simbólicas implantadas no cotidiano das pessoas, e se transforma em símbolos espaciais que são ligados diretamente com o espaço.

Fazendo uma ligação entre o espaço e a política, Smith, Gregory e Martin (1994, p. 65) ressaltam “[...] há uma preocupação acerca do caráter subjacente da vida política moderna e a maneira pela qual o espaço é importante para como a política é estabelecida e praticada”.

Sendo assim, essa força acaba sendo regida pelo espaço que por sua vez comanda o ambiente de acordo com suas especificidades e importância. Exemplos característicos são os símbolos espaciais contidos no espaço onde temos templos, estátuas, praças, parques, shoppings, praças e ruas.

Todos agem em prol de um sistema, mas, cada grupo social desempenha funções e tarefas distintas no mundo, possibilitando status para toda a sociedade. O subcampo da geografia cultural está aberto e outras relações mais específicas podem ser evidenciadas, contribuindo para tornar mais inteligível a ação humana sobre a superfície terrestre (CORRÊA, 2014, p. 35).

Dessa maneira, pensar na cultura e no espaço é uma forma de se verificar como a cultura interage e transforma esse espaço, adequando-o aos interesses de grupos sociais que exercem o domínio neste ou em parcela deste. Resta então saber como a cultura se manifesta no espaço urbano de Rondonópolis.

Através desta pesquisa da Geografia Cultural e da Cultura enquanto expressão artística e manifestação social, é que aguçou o desejo em melhor entender a cultura em Rondonópolis, portanto buscamos fazer uma análise da cultura rondonopolitana.

3.2 O Lugar

Dentro das categorias de análise da Geografia, o lugar é a que está mais voltada para compreensão das experiências e das singularidades dos indivíduos sociais, na medida em que promove dinâmicas entre o homem e o espaço, onde através de critérios e características o lugar se constitui e torna-se característico.

A análise e compreensão do lugar varia conforme as relações que os seres possuem com o espaço no qual ele faz parte, tendo alternâncias conforme as disciplinas, áreas e correntes, cada uma com seus critérios e essências, como, elementos que vão das desigualdades econômicas e políticas, sentimentos, cultura e tempo.

O breve resgate histórico sobre essa categoria de análise é presente nessa compilação de ideias e de material bibliográfico, no esforço de demonstrar seus distintos mecanismos de abordagem e aplicabilidade, sendo que as visões e definições de cada um dos autores e pesquisadores aqui citados são o que deram referências para definir o lugar.

As diferentes possibilidades de trabalhar com o conceito de lugar por diversas ciências, mas em especial na Geografia pelas correntes crítica e humana norteiam essa dissertação, na medida em que aborda a visão de ambas, com amparo em autores renomados, como Milton Santos e Yi-Fu Tuan para mostrar suas divergências e similaridades na aplicação desse conceito.

Se faz vigente o processo de instigar a compreensão do lugar juntamente com os seus elementos, seu contexto histórico, seu processo de construção e aplicabilidade, ressaltando que esse processo é de extrema necessidade para os agentes sociais.

A leitura do espaço vivido por aqueles que fazem parte das dinâmicas do local (e do tempo vivido) tende a compreender a representação ou a noção do espaço e do tempo, construída através das próprias experiências e da ligação com o meio (AZAMBUJA, 2009, p. 22).

O homem age e conseqüentemente transforma o espaço, de modo que o espaço influencia nas experiências humanas, essa conexão precisa ser clara, para que a sociedade se veja enquanto componentes atuantes da sociedade e do mundo.

O lugar que é abarcado pela Geografia é comparado com a visão antropológica no tocante em que também se apresenta e discute o significado de não lugar pelo olhar de Marc Augé, na medida em que sua definição e explicação são empregados.

3.2.1 Lugar: processo histórico, conceituação e perspectivas epistemológicas

A definição de Lugar enquanto análise científica, ganhou destaque a partir da década de 70, ganhando mais destaque, tanto na Ciência Geográfica, como na Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo e Ecologia, Antropologia, Sociologia, conforme Schneider (2015). O Lugar pode ter abordagens muito distintas conforme cada área do desenvolvimento científico, em que sua interpretação pode variar significativamente.

De acordo com Ribeiro (1993 apud STANISKI; KUNDLATSCH; PIREHOWSKI, 2014), a definição de Lugar foi trabalhada por Aristóteles, na tentativa de definir o lugar, como sendo o limite do corpo, e depois, Descartes, na tentativa de aprimorar esta definição de Lugar, abordou que o corpo enquanto lugar, é também o limite sobre a oposição de outros corpos.

Na visão de Filopono, conforme Évora (1997), o Lugar toma uma concepção diferente, em que os corpos, não necessariamente repleto de uma autonomia própria, mas reconhece a importância dos corpos estarem alocado cada um sobre seu espaço, ou seja, esteja sobre seu aspecto natural, em que cada lugar terá uma potência facultativa que permitira se mover. De maneira que estabelece que o lugar é o intervalo entre os corpos, em que diferencia sobre a sua ocupação ou dimensão, sendo que “[...] não é necessário que o lugar de um corpo tenha qualquer poder (dynamis), ou qualidade. Embora ele reconheça que seja bom para cada uma das coisas estarem em seus lugares próprios (naturais) [...]” (ÉVORA, 1997, p.88).

Conforme Ferreira (2000 apud STANISKI; KUNDLATSCH; PIREHOWSKI, 2014), o Lugar foi utilizado de forma breve, e muito ligado à categoria de análise Região e Paisagem por La Blache e Sauer. De maneira que “Desde a implantação da Geografia como disciplina acadêmica - a partir de uma idéia positivista da ciência - o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em um plano secundário” (HOLZER, 1999, p.67).

La Blache conforme Holanda (2020), um dos precursores da Geografia Tradicional, ligava a ideia de Lugar para a diferenciação de áreas, abordava a ideia do conceito, de maneira que o lugar estava abordando as diferenças e singularidades das regiões estudadas de maneira que “[...] designando uma simples referência de localização em sentido escalar, sem muita intencionalidade do que está implicado no lugar” (AZEVEDO; OLANDA, 2018, p.140).

A definição de Lugar a partir desse contexto começa a se alterar a partir das ideias epistemológicas de Sauer, conforme Holzer (1999), mas que ficaram subordinadas a categoria de análise da paisagem, submersa na ideia de diferenciação cultural de um lugar para outro. Em que a cultura de determinada área vai ser intermediador dos processos de modificação de uma área natural, em que o resultado é o que se denomina de paisagem cultural, sendo que “este conceito de paisagem cultural incorporava fortes elementos subjetivos, e esses elementos remetiam ao conceito de lugar [...]” (HOLZER, 1999, p.68).

De maneira que Sauer, para Holzer (1999), radicalizou a forma de se analisar o objeto, em que considera a importância de se investigar a subjetividade que se revela para além das aparências do fenômeno abordado, de maneira que presume que os fatos que delimitam o processo Geográfico, são fatos característicos do Lugar, mas faz essa breve menção articulando o Lugar, submerso a paisagem. Esses fundamentos, conforme Holzer (1999), inspirou a concepção de Lugar dos Geógrafos Humanistas.

O lugar como categoria de análise, conforme Schneider (2015), na Ciência Geográfica foi pouco explorado até o processo de renovação da Geografia no início da Geografia Crítica e da Geografia Humanista na década de 70. Partindo de concepções filosóficas e metodológicas muito distintas, formando perspectivas distintas para o desenvolvimento do conceito de Lugar e sua aplicação no desenvolvimento das pesquisas e estudo da Geografia:

É possível identificar duas acepções principais, sendo estas consideradas em dois de seus eixos epistemológicos, o da geografia humanística, que considera lugar como produto experiência humana. E a Geografia Radical ou dialética marxista, em que o lugar assume uma compreensão enquanto espaço de singularidade (STANISKI; KUNDLATSCHK; PIREHOWSKI, 2014, p.4).

A ideia de Lugar, para Azevedo e Olanda (2018), está associada a concepção de identidade, em que cada área do pensamento geográfico vai utilizar em graus mais elevados ou menos elevados. Em que o Lugar não pode ser definido apenas como um ponto geográfico localizado na superfície terrestre, mas sim a relação social que se articula sobre um determinado espaço.

De maneira em que determinados elementos estabelecem a condição e relação dessa transferência e dinamismo sobre os objetos e as ações articuladas sobre essa localidade, de maneira que para Santos (2014), o lugar se define como espaço onde ocorre o acontecer solidário, em que se estabelece, no conjunto das ações, ou na disputa desigual no uso desses espaços.

Para Tuan (2000 apud STANISKI; KUNDLATSCH; PIREHOWSKI, 2014), a Geografia Humanista de base filosófica e epistemológica a Fenomenologia o Lugar está relacionado a familiaridade que temos sobre um determinado espaço, tornando único sobre a experiência e sobre a ligação e apreciação especial sobre essa localidade.

A Geografia Crítica conforme Leite (1998), apud Staniski, Kundlatsch, Pirehowski (2014), de base filosófica e epistemológica o Materialismo Histórico e Dialético, o Lugar tem sua dinâmica única sobre a formação espacial, sendo um produto das relações históricas e sociais do grupo que permanece ou permaneceu naquele espaço específico, participando direto ou indiretamente da formação espacial, mas também a condição global que interfere sobre os aspectos de formação daquele lugar, de forma que “[...] é com o auxílio de uma perspectiva histórica, que percebemos as contradições que marcam as mudanças espaciais” (HOLANDA, 2020, p. 235).

O lugar se estabelece de formas diferentes, em que determinadas ligações são estabelecidas a partir das diferenças dos espaços, como também das redes, e sobre as vivências, segundo Moreira (2007), o viés é transformado a partir das diferentes correntes geográficas. Em que destaca dois precursores para fazer a análise entre as duas principais correntes, distinguindo a forma de encarar o lugar enquanto categoria de análise, sendo Santos para a Geografia Crítica, e Tuan para a Geografia Humanista.

O lugar na Geografia Crítica para Moreira (2007), se estabelece enquanto espaço da condição global, e se caracteriza a partir da condição da organização territorial e social de uma determinada localidade, em que estabelece condições para as conexões sociais, que se dão de formas externas ou internas. Em que o papel da

proximidade daqueles que permanecem sobre as condições executáveis sobre um determinado espaço em que se integram consideravelmente.

O papel das relações horizontais estabelece condições que se encontra sobre o lugar, e sobre seus elementos, em que em algum momento se articulam numa condição harmoniosa e outras entra em conflitos, mas que ao mesmo tempo está submerso a uma condição vertical sobre o lugar, que é estabelecido e coordenado sobre uma lógica Global, sendo que “Daí que cada lugar nasce diferente do outro, dando ao todo da globalização um cunho nitidamente fragmentário, já que “o lugar são todos os lugares” (MOREIRA, 2007, p.60).

O lugar na Geografia Humanista para Moreira (2007), se organiza a partir da condição do sujeito de conectar com o espaço onde habita, em que adquire significado a partir das condições materiais e imateriais presentes no lugar, em que o homem a partir dessa condição se identifica com o espaço que ocupa. De forma que o processo social de constituição dessa identidade está designado sobre o espaço, mas também sobre o processo histórico de constituição desse espaço, onde adquire conexão com o lugar e com o grupo que ocupa essa determinada localidade.

E o processo de globalização não exclui esse determinado grupo na constituição da sua identidade, mas determina a modificação do sentido que o sujeito de forma coletiva vê o espaço em que ocupam, de maneira em que o homem toma novos sentidos referente ao espaço em que vive, de maneira que “[...] a história dos homens e das coisas que formam o novo espaço vivido não contando uma mesma história, forçando o homem a reconstruir a cada instante uma nova ambiência que restabeleça o sentido de pertencimento” (MOREIRA, 2007, p. 61).

As interpretações e visões sobre o conceito de Lugar, e da forma em que a partir das correntes Geográficas Críticas e Humanistas, de conceituar enquanto categoria de análise, é notável as diferentes interpretações que Staniski, Kundlatsch, Pirehowski (2014), abordam sobre a visão de diferentes autores sobre o Lugar, no **Quadro 2**, podemos observar as diferentes perspectivas dos autores.

Quadro 2 - Perspectiva teórica sobre o Lugar na visão de diferentes Autores.

AUTOR	PERSPECTIVA CONCEITUAL
RELPH (1979) <i>apud</i> LEITE (1998)	O Lugar enquanto espaço das experiências sociais, sua ligação e envolvimento com os aspectos materiais e imateriais do espaço, suas raízes enquanto sentido de pertencimento ao grupo social e ao espaço que ocupam, a ligação de identidade sobre sujeita ao Lugar. De maneira que essa perspectiva tem forte associação às experiências subjetivas do indivíduo.
BUTTNER (1985)	O Lugar constituído a partir das vivências, das relações cotidianas que se estabelecem sobre os grupos próximos, em que os sujeitos constituem referências a partir dos modelos fundados a partir das diferentes experiências desenvolvidas sobre o habitual, o comum. De maneira que pode assimilar essa concepção da memória, constituída sobre o lugar que habita.
MERRIFIELD (1993) <i>apud</i> FERREIRA (2000)	O Lugar enquanto espaço das práticas sociais, entre o cotidiano e onde as práticas sociais realiza-se, mas que tem forte circunstância que se estabelece diversidades condicionadas a condição capital que se institui em escalas distintas.
HARVEY (1996) <i>apud</i> FERREIRA (2000)	O Lugar enquanto espaço material, que possibilita a acumulação do Capital, em que influenciam significativamente as condições sociais dos grupos que ocupam esse determinado Lugar.
CORRÊA (2001)	Enquanto perspectiva do Lugar anexado a uma Rede, em que a sua dimensão está sobre a integralização de demais espaços, em que a partir dessa condição o Lugar perde seu isolamento no espaço geográfico, tornando passível de alterações dado a conexões a outros lugares. Em que o Lugar está sujeito às modificações do global, ou seja, está submerso ao processo de Totalidade
CARLOS (2007)	O Lugar enquanto um produto da condição social e espacial, em que a partir das condições de vivência, concebem uma gama de sentidos e significados a partir do processo histórico e cultural do determinado grupo, em que o indivíduo se identifica como parte do grupo que compõem. Na qual, um mundo que é constituído por diferentes lugares que se unem numa totalidade, a constituição da rede só é possível a partir dos lugares, de maneira em que os indivíduos pertencem a um determinado lugar.
MASSEY (2008)	O Lugar formado a partir de eventos de lógica Global, e não apenas de uma lógica local, em que estão submetidos na lógica do poder, em que diferencia sobre as diferenças esferas de controle e domínio espacial.

Fonte: STANISKI; KUNDLATSCHK; PIREHOWSKI, (2014). Org. GALVÃO, R. M.; RODRIGUES, J. N. (2021)

Sabendo que as correntes geográficas crítica e cultural são distintas entre si, mas que ainda assim possuem pontos em comum enquanto ramificação da ciência geográfica, agregando diferentes sentidos a categoria analítica Lugar, que essa pesquisa aborda ambas no seu referencial teórico.

A Geografia cultural é a norteadora desse estudo, utilizando como referência a teoria do espaço vivido para perpassar a relação entre o homem e a natureza na medida que busca dar sentido as dinâmicas existentes entre as pessoas e os lugares que habitam através de sentimentos e sensações. Mas a utilização do viés crítico da Geografia Marxista também é imprescindível no estudo, visto que a arte e a cultura presente nos lugares estão suscetíveis a demandas globais, voltadas para manutenção do capitalismo, que são tratadas como mercadoria que seguem os fluxos do consumismo e do mercado.

A pesquisa apresenta grande caráter qualitativo, onde busca-se entender a relação dos artistas com os elementos dos espaços aos quais eles ocupam, elementos estes que estão ligados a fenômenos tanto da Geografia Cultural, quanto da Geografia Crítica, por isso, que o estudo mais profundo de ambas se faz presente, pelo enriquecimento teórico, e pelas múltiplas possibilidades de se analisar, discutir e interpretar os dados da pesquisa.

3.3 O Lugar na Geografia crítica: Definição de Milton Santos

As relações da sociedade, colocadas sobre as mais diferentes condições humanas, se modificam de formas distintas, dada as circunstâncias temporais e espaciais de cada grupo social, sendo essas condições subscritas sobre os espaços, deixando sua impressão sobre esses lugares. De maneira que diferentes lugares podem passar pelo mesmo processo, mas tendo resultados bem diferentes em cada lugar.

Para Santos (2014), os lugares hoje, são formados pela condição local da sociedade que o ocupa, e das condições impostas das relações globais, tendo sua condição afirmada sobre um conjunto de processos que interferem e modificam o espaço geográfico, propiciando características únicas sobre esse determinado lugar, de forma que, “[...] cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferentes dos demais” (SANTOS, 2014, p.314).

De modo, que as determinações socioeconômicas, impostas sobre as relações sociais, empregados sobre uma maior necessidade de acumulação, e assim, esses processos ficam, cada vez mais inacessíveis de serem compreendidos, dado a sua determinação e imposições sobre os elementos presentes no espaço.

Sendo os elementos do espaço, os “[...] homens, empresas, instituições, meio ambiente construído [...]” (SANTOS, 2014, p. 314), de maneira em que a sua condição sobre o espaço, e sua relação entre os demais, são cada vez mais desenvolvidas sobre elas e sobre a condição global.

Sendo que, para alcançar as particularidades do lugar, não pode se ter uma visão fechada sobre o local, de maneira em que analisa de forma isolada, pois que a condição Global, está subscrita em todas as partes.

De maneira que essa busca das possibilidades atuais do lugar, é sobre o espaço, mas também sobre o tempo de maneira que “Impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados.” (SANTOS, 2014, p.315). Sendo que para chegar a compreensão sobre esses fatores na Geografia, é necessário se ater às variáveis que estão e permanecem sobre e no espaço, que nos alerta Santos (2014), como os objetos, as ações, a técnica e o tempo.

De maneira que, os objetos técnicos que estão instalados sobre os diversos espaços geográficos, foram projetados para executar determinadas finalidades, com a sua localização definida intencionalmente, sendo que “a ordem espacial assim resultante é, também, intencional” (SANTOS, 2014a, p. 332).

Esses objetos técnicos, elaborados a partir de uma finalidade técnica, são pensados para executar em máxima excelência, em que a partir de sua concepção, em maior grau acabam sendo mais operacionais que os objetos naturais.

Esse processo sobre o espaço, vai ser desigual sobre os lugares, em que alguns possuem mais objetos técnicos do que outros, e que pode ser um atrativo para a locação de demais objetos técnicos, e que sua densidade pode causar desigualdades econômicas e sociais em relação a outros, e “[...] assim que se constitui, dentro de subespaços, um subsistema hegemônico, graça às relações privilegiadas que podem ser estabelecidas entre esses objetos novos” (SANTOS, 2014a, p. 333).

A tipologia social, descrita por Weber conforme Santos (2014), é interessante para demonstrar a importância tanto das atividades humanas racionais, quanto as

atividades humanas comunicacionais, sendo que a primeira tem uma finalidade prática sobre as ações, e a outra é a interação simbólica. De forma que a “[...] oposição entre uma e interação mediada pelas técnicas e sua racionalidade e uma interação mediada pelos símbolos e pela ação comunicacional ” (SANTOS, 2014, p. 315).

Podemos assimilar uma situação a partir da sua intenção sobre a condição que é colocada, sendo importante caracterizar as intenções por detrás das ações, e não apenas a condição aparente, em que as ações conforme Bakhtin (1986, 1993 apud SANTOS, 2014, p. 54), são três momentos importantes a ser aprendidos, “[...] o eu-para-mim-mesmo; o outro-para-mim; eu-para-o-outro [...]” (SANTOS, 2014, p. 315-316), sendo que esse processo é significativo para atingir a composição dos valores sobre o eu e o outro e a comunicação que tende a seguir o processo das interações.

O constante processo de elaboração de uma ideia e um objetivo em comum sobre a sociedade, contribui com o propósito e o sentido sobre as ações que são intermediadas pelas diferentes relações sociais e com o espaço geográfico, sendo elas, tanto uma condição recíproca do igual e do diferente, intercalado por meio da comunicação, em que esse processo está presente na medida que “o cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados, é a garantia da comunicação” (SANTOS, 2014a, 339).

A determinação do prático-inerte sobre uma sociedade está condicionada sobre o espaço que ocupa. De maneira que as histórias do passado estão subscritas sobre a condição atual, que vão se estabelecer nas atuais formas do espaço e a sua interação, sendo que, com o tempo sobre o espaço vão se configurando em diferentes paisagens, de maneira que “[...] o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte” (SANTOS, 2014, p. 317).

O espaço geográfico enquanto lugar se estabelece de forma única, que se diferencia para os grupos sociais, nas ações humanas em seu conjunto, de maneira que é disputado por forças que se põem, de forma desigual e contraditória sobre o seu uso, estabelecido pela força de cada um que o disputa. O papel das proximidades entre as sociedades e seus agentes, e as relações entre elas, é um elemento que vai além do fator distância, mas a sua composição sobre uma mesma extensão, os pontos que os unem, as vivências e suas relações (SANTOS, 2014, p. 317-318).

Essa condição está propícia sobre a determinação social, dos grupos que dividem e disputam o mesmo espaço. Em que sua alteração é potencializada pela condição da afetividade, da paixão mediada pela consciência global, holista da

condição subscrita na visão de mundo sobre os Homens. De forma que, mesmo que as relações sociais, estabelecidas sobre um grande centro urbano, que estabelecem relações das demais escalas, também abrigam diferentes lugares, abertos e ao mesmo tempo, individuais, sendo que “Esses lugares, com a sua gama infinita de situações, são fábricas de relações numerosas, frequentes e densas” (SANTOS, 2014, p. 318 - 319).

Dentro desse contexto, os grandes centros urbanos, são lugares que apresentam as mais variadas formas de relações com os outros, dada a possibilidade de mobilidade e o seu deslocamento entre as diferentes localidades. Essa condição vai ser mais intensa nos países subdesenvolvidos conforme (SANTOS, 2014, p. 319), mediada pelas diferenças de renda e pela falta de objetos técnicos e dos tamanhos das cidades, o que possibilita situações inusitadas em que a criatividade nesses lugares é mais explorada.

De maneira que essa condição vai estar vinculada as infraestruturas disponível nos lugares e a seu controle, normativas e diretrizes de uso, tanto na questão de controle territorial exercida pelo mercado, ou pela disponibilidade de lazeres oriundos dos equipamentos presentes nesses lugares, de maneira que “A divisão de trabalho dentro dessas cidades é resultado da conjugação de todos esses fatores e não apenas do fator econômico” (SANTOS, 2014, p. 319).

A troca ativa entre as relações sociais dos lugares, vai ser um mecanismo concreto da condição social, numa troca simbólica e habitual exercida constantemente, em que se aperfeiçoa, se desenvolve e varia a todo instante. Em que o papel das atividades humanas se ajusta a cada momento e posiciona de forma sinalizada, em que cada um dispõe de um objetivo a ser executado, em que trabalham para alcançar um resultado único que beneficie a todos, tanto na execução de suas atividades individuais e ao mesmo tempo coletiva, no trabalho que é executado sobre o território, dando características únicas ao lugar em que ocupam (SANTOS, 2014, p. 319).

É importante salientar que a condição social que ficava determinada sobre uma pequena escala territorial restritiva, sofre alterações de interferências de outras escalas, numa combinação da cultura local e global, e também pela mediação de novos aparelhamentos tecnológicos que altera a perspectiva de observar e se relacionar com o lugar e com os agentes que o ocupam, de maneira que “Cria-se uma cultura popular de massas, alimentada com a crítica espontânea de um cotidiano

repetitivo e, também não raro, a pregação de mudanças, mesmo que esse discurso não venha com uma proposta sistematizada” (SANTOS, op. cit. p. 319).

Dado aos processos de acesso às informações em tempo real, e os novos formatos de comunicação social, o cotidiano na condição social, toma novos formatos, em que o espaço, enriquece de novas dimensões sobre o espaço banal, o espaço disputado e de todos. De maneira que a compreensão do espaço é fundamental para o entendimento dos movimentos da sociedade e a sua dimensão material, e cumulativa, em que o espaço é a única possibilidade da ação, que está estruturado sobre um limite e sobre os diferentes controles sobre as ações, de maneira que (SANTOS, op. cit. p. 321), afirma que as atividades sociais só são operáveis dada a condição dos objetos que estão presentes no nosso cotidiano. Sendo que o geógrafo, diferente das outras ciências, não pode se ater apenas a uma variável que estabelece essa condição, mas o conjunto de todas elas, ou seja, a totalidade das ações e dos objetos.

De modo que o espaço apresenta essa ligação material entre os homens, mas que está em constante estado de modificação, tomando novas formas de se regular, que conforme (SANTOS, op. cit. p. 321), a atual forma está determinada pela constante troca de informações, em que a partir do seu uso e propósito acaba gerando novas informações, de maneira que “[...] nada fazemos sem esses objetos que nos cercam, tudo que fazemos produz informação” (SANTOS, op. cit. p. 321).

O local se diferencia do global, mas ao mesmo tempo é confundindo com o mesmo, em que o global se apresenta como o estranho, mas que dado ao seu universo, ele se intrica sobre o lugar, sendo mais complexo definir a sua existência (SANTOS, 2014, p. 321), de maneira que a lógica global é forçada a ordem do lugar, em um combate forçado em uma só racionalidade, sendo que “a ordem global se serve de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema” (SANTOS, 2014, p. 338).

Em que o lugar, o espaço banal, em que realizamos todas atividades cotidianas, é mais perceptível na nossa condição social, de maneira que se apresenta, de forma concreta e aparente, mas que ali se funde a imposição global, e a materialidade adquirida pelo tempo sobre o lugar que estamos habituados, de todos e das vivências, de maneira que “a ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a copresença, a vizinhança, a intimidade a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade” (SANTOS, 2014a, p. 339).

O lugar é o espaço de compartilhamento de todos, sejam as instituições, as firmas e as pessoas, em que disputam ou cooperam de maneira desigual. Sendo que cada um vai operar de formas extintas e individuais sobre a condição e base da vida cotidiana. Em que essa condição se estabelece sobre o território e se torna norma na condição de organização do lugar, de forma que “O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas [...]” (SANTOS, 2014, p. 322), mas também será local das ações sociais de afetividades, de paixões, em que a partir da comunicação mediada tanto por ações espontâneas e criativas, de maneira que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (SANTOS, 2014a, p.339).

3.4 O lugar na Geografia Cultural-Humanista: A abordagem de Yi-Fu Tuan

O Lugar, conceito geográfico vinculado à espacialidade, durante muito tempo esteve em segundo plano se comparado a outras categorias de análise, como a paisagem, o território e o espaço. Quando vinculado ao método científico fenomenológico, em especial na geografia cultural, busca atribuir conhecimento através das experiências humanas.

A Geografia Cultural, se atenta a análise do espaço vivido, procura entender o homem no mundo, onde o espaço geográfico seria fruto da “Geograficidade”, ou seja, das vivências e da ligação que cada pessoa possui com seu local de origem.

Para os geógrafos culturais, o lugar assim como o espaço é um tema norteador da geografia, cabendo a ele um maior destaque na geografia humanista, onde sua caracterização varia conforme as dinâmicas vividas e as experiências de seus habitantes, conforme a escala, indo desde uma casa, vizinhança, cidade, estado ou país.

Segundo Holzer (2003, p. 115), a fenomenologia como base filosófica e o lugar como conceito espacial, agregam novos horizontes a geografia, autores como Tuan, Buttimer e Relph dão uma nova roupagem a essa ciência num contexto geral, e visam também dar mais autonomia a estudos da Geografia Humanista.

É em meados do século XIX que ocorre uma grande evolução de trabalhos vinculados a fenomenologia, passa-se a utilizar as bases teóricas e metodológicas

desenvolvidas por Edmund Husserl para tratar de questões mais humanistas, promovendo nos estudos científicos problemáticas mundiais a partir da percepção e do comportamento dos indivíduos no espaço vivido (PÁDUA, 2013, p. 24).

Pádua, destaca a importância da fenomenologia nas discussões propostas pela Geografia Cultural-Humanista, e em especial nos trabalhos de Tuan, de maneira que a “[...] importância da abordagem fenomenológica em geografia, uma vez que ela não procura compreender o homem ou o mundo como abstrações, mas o ser-no-mundo, a natureza da experiência e o sentido de ser” (PÁDUA, 2013, p.26).

É no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 que o grande geógrafo Yi-Fu Tuan, que nasceu na China, mas que foi efetivo no desenvolvimento de trabalhos na Geografia Norte-Americana, sendo pioneiro no desenvolvimento de estudos humanistas, passa a pesquisar o homem em relação ao ambiente.

Em 1980, na obra *Topophilia*, Tuan analisa a percepção, a atitude e a visão de mundo sob a ótica dos valores ambientais, nessa obra mediante a cinco demandas: de como o ser humano percebe e estrutura seu mundo, como ocorre as dinâmicas entre cultura e meio ambiente, isso por intermédio de questionários e testes psicológicos, com levantamentos históricos da cultura e como isso agrega significado ao ambiente, ressalta a abordagem do mundo através das individualidades de cada pessoa (HOLZER, 2003, p. 116).

Pereira e Fernandes (2011, p. 56), ao fazer um estudo das obras de Tuan, ressaltam a pluralidade das formas de se fazer e entender as dinâmicas existentes entre o homem e seu lugar, desta forma, salientam que:

Visto que objeto (espaço-ambiente) se revelaria sujeito (lugar) e que os significados decorrentes dessa ligação conduziram as ações humanas. Sendo a natureza do lugar e do espaço relativa, variaria de acordo com a experiência ambiental em seus muitos matizes: cultural, social e histórico.

Os diferentes indivíduos que habitam múltiplos lugares, possuem variadas formas de agir e interagir nos seus espaços de vivências, todo o sentido que é dado a esses espaços são frutos das ações dos próprios sujeitos que ali estão inseridos, a essência do lugar é volúvel, variando conforme as expressões culturais, as manifestações sociais e a historicidade.

O lugar está atrelado com as emoções, existindo a partir do sagrado, das relações afetivas e do convívio social, forjado pelas práticas daqueles que ali viveram

ou ainda vivem, os lugares são determinados com base no produto da mente, dos sentidos e sensações, da compreensão, e das experiências que cada um carrega (PÁDUA, 2013, p. 47).

Tuan ao abordar as experiências íntimas que os sujeitos possuem com o lugar salienta que, “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação” (TUAN, 1983, p.17).

O lugar nas raízes da geografia cultural é tido como espaços de vivências e relações, com dinamicidades entre os seres sociais que habitam esse espaço, num processo de interdependência entre o homem e os elementos naturais e sociais que compõem e dão sentido a esse espaço.

3.5 O lugar e as vivências Humanas

Ao fazer uma análise espacial e temporal do mundo nos dias atuais, percebe-se que na contemporaneidade as transformações na sociedade e no lugar acontecem num grau cada vez maior e mais radical.

Fazer com que as pessoas se vejam enquanto sujeitos ativos e participantes no mundo, também que conheçam o âmago do espaço em que eles ocupam é necessário, pois através disso, poderão perceber e assimilar as mudanças no espaço e na sociedade em que ele participa.

Durante suas vivências, toda pessoa possui um lugar, que de maneira concreta é o espaço habitado, onde ela se relaciona com os membros do seu conjunto social e com os elementos que constituem a paisagem, todos os pontos aqui citados caminham, mudam e se adequam conforme as especificidades de cada momento da história.

O estudo do lugar permite a assimilação das transformações do mundo de hoje com as dinâmicas da sociedade contemporânea, através das histórias de vida e das informações sobre o lugar, as pessoas passam a formular conhecimento, relacionar seus saberes e vivências com o espaço que ela ocupa, se tornando um ser crítico, reflexivo, atento e protagonista da sua história.

O lugar pode ser concretizado de diferentes formas, e dentro das perspectivas da escala, o lugar pode ser global ou específico, variando conforme sua aplicabilidade.

Cada lugar possui especificidades de mundo e de história, e a geografia busca entender as relações que ocorrem nesses lugares.

Vínculos históricos e afetivos fazem parte do perfil de um lugar, ele nunca é neutro, pois os enredos vivenciados ali segundo o tempo e o espaço, permitem análises e compreensões de cidadania, e essa inteiração permite vivências pautadas na dignidade.

Compreender o espaço significa entender sua formação, ter ciência de que todo ser humano faz parte da dinâmica de construção e desconstrução no espaço, ou seja, das mudanças que ocorrem constantemente nesse espaço (HASLER, 2009 p. 159).

Sobre a importância de se entender, as dinâmicas de acontecem entre o espaço e seus habitantes Hasler (2009, p. 159) ressalta que:

Deve-se deixar claro que o espaço não é apenas palco passivo onde os seres humanos atuam. Ele é também elemento influenciador, organizador, estimulador de ações e é por isso que se deve compreendê-lo para melhor atuar sobre ele. Dessa forma, nada acontece fora do espaço, e relacionar estes espaços com as pessoas que ali habitam e interagem é imprescindível para compreender a sociedade. Estudá-lo, portanto, é de fundamental importância, e esta parece ser umas das principais colaborações do ensino da geografia.

É pertinente que as pessoas percebam a geografia no seu cotidiano, elementos geográficos se fazem presentes desde o instante em que abrimos os olhos pela manhã, até o momento em que os fechamos quando vamos dormir, isso se dá através das paisagens, da relação que temos com a natureza, com o uso do espaço, por sermos seres sociáveis, pela globalização, economia, cultura e etc.

O ser humano faz geografia diariamente, visto que o lugar é uma categoria de análise da geografia, ele também faz parte do nosso dia a dia, apesar de muitos não terem noção dessa realidade, a relação homem-natureza é constante.

A geografia por ser uma ciência humana, traz consigo uma alta carga de conceitos e teorias voltadas para a esfera social, a realização de pesquisas, trabalhos e estudos, que dão ênfase nas questões socioespaciais são bem-vindas, principalmente aquelas que possibilitam exposição das falas e pensamentos dos agentes transformadores e atuantes do espaço.

Sobre a importância de conhecer o lugar-mundo-vivido, Tuan (1983, p. 134) enfatiza que: o uso do “lugar-mundo-vivido” contribui enquanto entendimento da

abordagem dos sujeitos e de seus constituintes ativos nos processos de participação social.

Fazer com que as pessoas se vejam enquanto peças fundamentais das engrenagens que movem o mundo é valoroso, através disso, é possível enxergar o mundo através do olhar de quem vive, entender a realidade através das percepções dos agentes do espaço, que são únicas, pois somos plurais, cada um possui suas formas de expressão e busca relacionar com o lugar em que vive.

Um espaço é construído segundo as ações e manifestações dos seus ocupantes, como a realidade e a percepção de cada ser é única, os espaços se tornam múltiplos.

Ao compreender o espaço habitado, as pessoas começam a ter um olhar mais clínico sobre sua realidade, ao perceber a relação existente entre o homem e a natureza, os elementos que formam a paisagem, o contexto histórico desse lugar, passam a assegurar sua identidade.

Entrando mais a fundo no panorama cultural, o lugar é onde a identidade se forma e também se transforma juntamente com os elementos, produtos e ações desse ambiente. A cultura é plural e universal, valorizando as vivências cotidianas. Quanto a isso, Claval (2002, p. 22) coloca o seguinte: “como as culturas nunca aparecem semelhantes em lugares diversos, a cultura serviu como um fator importante da explicação da diversidade da superfície terrestre”.

Os elementos culturais se fazem necessários para a construção do homem, e disponibilizado pelo espaço, o que é passado de geração em geração vai contribuir para a consolidação dos pensamentos ideológicos e modos de vida de toda uma sociedade.

O estudo do lugar na Geografia humanista-cultural, é importante pois ele não é pautado em aspectos superficiais, ele busca levar em consideração as histórias e relatos de quem vive, através das suas experiências, trabalhos, ações e manifestações, com esses elementos é possível conhecer a trajetória de criação do espaço e o contexto histórico do lugar e das pessoas que o ocupam.

A observação, análise, criticidade e especialmente a compreensão do lugar enquanto espaço de vivências coletivas e individuais é um importante exercício social, aplicar os preceitos da ciência geográfica com as experiências cotidianas ocorrentes entre o homem e seu espaço habitado, faz com que as pessoas se enxerguem enquanto seres ativos e importantes no mundo.

É fundamental que se tenha presente que o entendimento sobre o lugar envolve a observação, a análise, a criticidade e principalmente a compreensão, pois o que se aprende sem compreender não é verdadeiro (HASLER, 2009, p.164).

3.6 O Lugar na Geografia: Um debate teórico entre Geografia Crítica e a Geografia Cultural

Na contemporaneidade onde os fluxos de informações são dinâmicos e as relações pessoais e interpessoais acontecem de maneira mais simples e eficaz, a compreensão de mundo sobre a ótica do tempo e do espaço tem se dado de forma cada vez mais gradativa, a percepção do global e do local, seja coletiva ou individual, estão sujeitas às condições econômicas, políticas, culturais e sociais de cada lugar.

O conceito de lugar é trabalhado em diversas áreas, com enfoque físico-territorial ou espacial (CASTELLO, 2007, p. 37, *apud* SCHNEIDER, 2015, p. 66), sendo enviesado, com interpretações amparadas na geografia, antropologia, psicologia, arquitetura e demais ciências, cada uma com distintas percepções e diferentes significados.

Na geografia a categoria de análise lugar pode ter duplo entendimento, um sobre o viés marxista da Geografia Crítica, assentada nas obras de autores com Milton Santos, Ruy Moreira, Yves Lacoste e outros, e a segunda oblíqua a Geografia Cultural, com Yi-fu Tuan, Paul Claval, Roberto Corrêa e demais autores.

Na Geografia Crítica norteada pelos conceitos de Milton Santos, segundo Schneider (2015, p. 67), o lugar é uma rede formada por horizontalidades (espaço regional vinculado a produção) e verticalidades (fluxos mundiais de produtos e informações), e é através dessa dinâmica que o lugar é formado.

Origina-se um lugar no íntegro da globalização, através da inclusão ou exclusão dos espaços segundo os componentes sociais e econômicos de cada realidade. Na Geografia Crítica o lugar deriva das singularidades dos fluxos globais e locais, definido conforme a totalidade, sofrendo alterações na medida em que o capitalismo se transforma (BARTOLY, 2007, p. 37 *apud* SCHNEIDER, 2015, p. 67).

A geografia crítica sob o prisma do materialismo histórico e dialético, que aborda o mundo e o homem enquanto agente social, privilegia as relações políticas e

econômicas, que são desiguais em múltiplas escalas, para explicar os múltiplos modos de se viver, interpretar e constituir o lugar.

Na Geografia Cultural orientada por Tuan, o espaço seria abstrato, e na medida em que se agrega conhecimentos, valores e significados no espaço, esse se configura como lugar, portanto, o lugar é um espaço humanizado.

Nas obras do geógrafo Yi-fu Tuan, como *Topofilia*, e *Espaço e Lugar*, é nítida a sua tendência em trabalhar com o conceito de lugar através da transdisciplinaridade, com destaque para a percepção ambiental, ao simbolismo da paisagem, a cultura e a estética (SCHNEIDER, 2015, p. 67).

A Geografia humanista embasada na fenomenologia preza pelas experiências em grupo ou individual, visando compreender as ações dos sujeitos, e as percepções desses indivíduos para com o seu lugar de vivência, pois, o lugar traz consigo alta carga de afetividade e significados por aqueles que o ocupam.

No presente, é tido abordagens que buscam agregar as visões da geografia humana e crítica, visto que são as diferentes percepções e diferentes realidades que constroem os lugares, isso se aplica tanto nas disparidades econômicas e políticas que geram desigualdades, quanto pelos distintos significados atribuídos aos espaços de vivências.

Mesmo a geografia crítica pondo à frente o espaço geográfico e tendo mais afeição com o território, autores como Milton Santos reconhecem a importância do lugar, mas ainda assim, a visão crítica é distante da humanista, em razão de que a primeira foca nos sistemas econômicos, políticos e sociais ligados a globalização, já a segunda se firma nas relações, na cultura, e no sentimentalismo. (SCHNEIDER, 2015, p. 67).

O global (geografia crítica) e o local (geografia humana) se opõem, mas também se confundem, (SANTOS, 2002, p. 321, *apud* SCHNEIDER, 2015, p. 68). É no lugar, esse espaço compartilhado, que os mecanismos para uma vida em comum surgem, sendo pragmático ao mundo, responsável pelas manifestações espontâneas e criativas.

3.7 O Não-Lugar

Como dito anteriormente, o lugar é trabalhado por diferentes ciências, possui uma vasta gama de possibilidades de abordagens e também definições. Na Antropologia o conceito de lugar estabelecido por Marc Augé é similar com concepção de lugar da geografia humanista, onde o lugar é o espaço vivido, formado por afetividades e memórias, é um espaço antropológico amparado na identidade, na relação e na história (SCHNEIDER, 2015, p. 69).

Em oposição ao lugar, o não-lugar, espaços não identitários, de maneira que os sujeitos não estabelecem vínculos durante sua ocupação. Responsável pelas mudanças na relação espaço e sociedade, a supermodernidade responsável pelos não-lugares, marca nossa época em três aspectos de excesso, a superabundância factual, a espacial e individualização de referências (AUGÉ, 1994, p.74 *apud* SCHNEIDER, 2015, p. 69).

Trazendo a definição de não lugar, amparado pelas ideias do antropólogo Marc Augé, Schneider, (2015 p. 69), propõe que:

Os não-lugares correspondem aos espaços funcionais construídos com determinadas finalidades objetivas (comércio, transporte, lazer) e o tipo de relação e de experiências transitórias, supérfluas, funcionais que os indivíduos e grupos mantêm com esses espaços.

Os não-lugares são livres de sentidos por aqueles que o habitam, característico por voluptuosas estruturas, é um espaço voltado para as demandas do consumismo e as tendências do mundo capitalista, sem relações autênticas e genuínas, é produto das áreas urbanas e das predisposições sociais.

Com finalidade utilitária e funcional, o não-lugar cria pseudo familiaridade, shoppings centers, lojas e hotéis, visam o consumo do homem que durante algumas horas vivem uma ilusão criada pela vontade de pertencer e ser aquilo que o seu capital lhe permite no privilegiado mundo do consumo contemporâneo, porém, esses espaços não lidam com indivíduos, eles lidam com clientes.

Os lugares e os não-lugares misturam-se, mas vivências tidas no lugar são profundas e sólidas, ligadas as essências dos indivíduos, o não-lugar é apenas o espaço da supermodernidade, com indiferentes relações humanas e sociais, lineares e superficiais, ou até mesmo, onde não há relações.

O não-lugar por vezes é ligado a uma qualidade negativa do lugar, nele, os indivíduos são meros espectadores, não se importando com os espetáculos que acontecem nos palcos espaciais (AUGÉ, 1994, p.93 *apud* SCHNEIDER, 2015, p. 72).

Ao desenvolver análises sobre o lugar através de uma vasta escala, constata-se a importância do estudo do lugar, e que este vá além das atuais configurações, para que não seja visto apenas como espaço global, mas também como espaço de vivências humanas, que não fique apenas embasados em parâmetros globais hegemônicos, mas que as singularidades e particularidades sejam parâmetros para suas abordagens.

É preciso distinguir as diferentes abordagens e sentidos atribuídos ao lugar, por intermédio das várias áreas e ciências que trabalham e discutem seus conceitos, seja por um viés orgânico, autêntico e concreto, com significados humanos, ou sob a perspectiva distinta e artificial quanto às relações humanas que são ligados aos não-lugares.

Ao explorar a geografia crítica e a humanista, nota-se distinções em suas estruturas e abordagens, mas ambas são complementares entre si, no que tange a elucidação do lugar, a visão crítica ligada ao marxismo foca nas referências econômicas e políticas, a humanista-cultural vinculada a fenomenologia, busca entender os pertencimentos e os espaços vividos.

O lugar explicado por Milton Santos está ligado ao meio Técnico-Científico-Informacional, ao processo histórico social e as condições globais de cada grupo ou indivíduo, fruto da globalização e suas desigualdades, onde a disparidade em parâmetros econômicos e políticos criam elementos que constituem os lugares.

Já, o lugar caracterizado por Yi-Fu Tuan, está amparado nos sentimentos, emoções e sentidos que a massa ou pessoa individual tem com o espaço vivido e habitado, onde o espaço se torna lugar pelos significados e organizações humanas, caracterizado pela cultura e pelo tempo, com pluralidade de relações.

As criticidades a respeito dos não-lugares da supermodernidade devem ser levantadas, na medida em que os acessos desses espaços geram exclusões, pois a falta de capital condiciona a ocupação de determinados lugares, a obtenção de bens e serviços variam conforme o capital acumulado.

O não-lugar existe para suprir as demandas mercantis do capitalismo, o fluxo de pessoas e ao consumismo, por vezes supérfluo, não apresenta relações fortes ou laços de afetividade, são espaços funcionais com objetivo prático.

Todavia, os vários conceitos de lugar e a sobreposição de lugar e não-lugar, mesmo que distintos, acabam por se acrescentar na tentativa de compreender esse conceito enquanto categoria de análise que concretiza a existência humana (SCHNEIDER, 2015, p. 74).

Cada vez mais a multidisciplinaridade é relevante no processo de compreensão de conceitos, a visão de diferentes autores, fundamentados por múltiplas linhas de análise e variadas correntes de pensamentos são necessárias para a análise do lugar ou do não-lugar em suas múltiplas facetas.

3.8 Geografia Cultural: Espaço, Lugar e a Relação Homem-Natureza

Ao longo dos anos a geografia enquanto ciência juntamente com seus paradigmas evoluiu epistemologicamente na medida em que seguia as transformações ocorrentes no campo científico, político e social. Todas essas mudanças seguiam as características e as peculiaridades de cada momento histórico em que a relação homem-natureza ia se desenvolvendo.

Através da temporalidade e da individualidade de cada lugar, foram surgindo diferentes vertentes históricas, econômicas e culturais que caracterizam os diversos povos existentes no mundo, onde o processo de adaptação e transformação que ocorre no globo é fruto das múltiplas espacialidades, e, das diversidades e individualidades dos seres e objetos presentes nos espaços.

Ao promover um resgate historiográfico, é notório que as geografias cultural e humanista passaram a se despontarem e se firmarem enquanto correntes geográficas a partir da década de 1970, norteadas pelos métodos: materialismo histórico e dialético, e a fenomenologia, na medida em que os geógrafos adeptos a essas linhas buscavam discutir a relação sociedade X natureza através de duas categorias analíticas, a paisagem e o lugar (NASCIMENTO; COSTA, 2017, p.2).

A geografia cultural é bastante utilizada atualmente na tentativa de compreender as formas de se organizar e reorganizar os espaços, analisando os contrastes dos aspectos sócio-espaciais de cada lugar, onde as manifestações culturais dos agentes transformadores do espaço ditam os ritmos e as dinâmicas do ato de construir e reconstruir de maneira concreta ou abstrata os espaços.

Nascimento; Costa (2017, p. 02), ao discorrer sobre o processo de surgimento e consolidação da Geografia cultural através de Ratzel e a escola alemã, evidenciam que ele incluía a cultura sob uma perspectiva materialista, sendo as paisagens expressões de grupos étnicos, com conhecimentos e valores antropogeográficos, nesse sentido, a natureza influenciaria o homem e a história, e as diversidades ambientais explicariam a heterogeneidade dos povos, na medida em que a essência da humanidade seria a natureza.

Sauer nos Estados Unidos atrela a geografia com a inter-relação de grupos culturais, advinda do que é visto das paisagens terrestres, sendo esta o resultado da ação humana na natureza ao longo do tempo enquanto cria o seu habitat, o mundo vivido, os espaços formados por consequência da organização social e das influências culturais, surgindo quando cada sujeito dá sentido à sua realidade a partir da sua forma de viver e enxergar o mundo (NASCIMENTO; COSTA, 2017, p.2)

La Blache na França com base no possibilismo associa a fixação de cada povo no espaço às suas características culturais, sendo a cultura a significação de cada grupo, onde o homem é ativo, influenciando o espaço que ocupa, atuando e transformando conforme suas possibilidades. Cada um em seus meios possui hábitos específicos, ligados ao processo de adaptação às suas condições, criados através das técnicas e das possibilidades de inovação (NASCIMENTO; COSTA, 2017, p.2)

Já no Brasil, um país que possui uma grande diversidade cultural, oriunda da mescla das manifestações dos povos nativos e dos diferentes grupos étnicos que passaram a habitar seu território durante o período da colonização, que agregada à influência dos imigrantes que passaram a viver nessa nação, se configura bastante heterogêneo culturalmente falando, formando um grande mosaico étnico-cultural.

Ao que se refere a Geografia Cultural no Brasil, Nascimento; Costa (2017, p. 05) resgatam seu surgimento e sua consolidação ao dizer que:

A Geografia Cultural, como uma tendência importante e renovada a partir da década de 1970 consolida-se como um vasto campo de estudos no Brasil, devido aos diferentes grupos culturais fixados no país. Desse modo essa tendência mostrou-se mais importante no espaço brasileiro a partir de meados da década de 1990, tendo como principais difusores os geógrafos Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, através do periódico Espaço e Cultura.

A Geografia Humana tenta entender o mundo e os mecanismos relacionados aos homens por meio das dinâmicas ocorrentes entre aspectos sociais e os naturais,

inteiração esta que norteia os estudos geográficos, com isso, essa relação pode ser analisada pelos vieses sentimentais e ideológicos, ao que tange a definição e caracterização do espaço e do lugar.

A corrente humanista da Geografia utiliza as experiências humanas para embasar suas análises e desenvolver seus estudos, para isso, faz uso das ações ocorrentes no espaço vivido para entender o mundo. As peculiaridades de cada ser, juntamente com suas emoções, sensações e valores constituem os espaços de vivência e de afeto que logo se tornam lugares, devido aos sentidos e valores que seus habitantes empregam a ele cotidianamente.

O campo geográfico que dá ênfase e valoriza os sentidos humanos, embasa suas pesquisas nas experiências de pessoas e grupos, que individualmente ou coletivamente interagem com o espaço, e nessa troca acaba por se constituir os valores e os comportamentos dos povos. A Geografia Humanista presta o serviço de mediar estudos relativos ao espaço e à natureza, através das demandas humanas, o que configura conceitos como o espaço vivido e o lugar.

O lugar é a categoria analítica da Geografia que ganha maior notoriedade dentro da sua corrente humanista, isso acontece devido ao processo de renovação e revisão das suas bases filosóficas, estruturais e históricas.

Através da sua ligação com o método científico fenomenológico essa corrente ganha maior engajamento, isso ocorre também com seu conceito-chave que é o lugar, fundamentalmente ligado ao espaço vivido por meio dos aspectos naturais, sociais e culturais.

Para tanto, considera-se que o espaço se torna lugar quando experiência, onde passa a ter a dimensão do vivido, ou seja, a escala de valores da experiência individual e/ou coletiva. O lugar agrega valores, e o espaço é sem referências, porém eles dependem de quem o vivencia (RELPH, 1976, p. 41, apud NASCIMENTO; COSTA, 2017, p. 06).

O mundo vivido apresenta bastante relação com a Geografia e a fenomenologia. Sendo o espaço ambiente onde o homem vive e se relaciona com os elementos da natureza de maneira direta ou indireta, em todas as suas vertentes mesmo só, o espaço só se torna lugar na medida em que o mesmo se torna centro de vivências e experiências, onde os indivíduos agregam valores próprios, pautados em sensações e sentimentos.

O lugar agrega valor e o espaço é sem referência, mas ambos dependem de quem interage em seus domínios. A relação das pessoas com os lugares em que elas habitam é primordial, sem isso não haveria as excentricidades humanas, é a relação que os seres têm com os lugares que ocupam que geram os diversos significados existentes nos grupos sociais de um dado lugar.

O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado (TUAN, 1979, p. 387)

Ligado à como as pessoas enxergam o espaço e os símbolos que o compõem, o lugar é o resultado das vertentes humanas, voltado aos sentimentos de sujeitos e grupos, referente às experiências e memórias afetivas, tanto boas e ruins. Sendo possível a análise do percebido e do vivido através dos sentidos através do método científico que estuda os fenômenos, a fenomenologia.

O espaço e o lugar se complementam, o lugar é o início de tudo que a geografia analisa, na medida em que vão agregando sentido e levando em consideração o que os sentimentos e as individualidades dos sujeitos ativos e transformadores do espaço, e este configura-se como lugar por intermédio do conhecimento e do valor humano.

Com isso, tanto a geografia cultural quanto a humanista estão ligadas entre si, pois destacam as ações antrópicas em seus estudos, validando o homem como protagonista no mundo em que vive, dando ênfase às transformações e às novas formas de ver e abordar paradigmas, e destacando códigos materiais e imateriais do ser humano no processo de construção social.

3.9 Uma análise Geográfica da Cultura em Rondonópolis

Um item a ser destacado é a questão do simbolismo presente na cultura, desta forma, Guerra (2008, p. 5) ressalva que:

A vida social é regulada por sistemas de símbolos que nos impulsionam para agir, interagir e nos organizar. Os símbolos e as normas / regras que ele contém podem parecer uma obrigação, especialmente num mundo moderno, em que a revolução da informação está sempre gerando novos sistemas de

símbolos. O homem opera com um código genético e um cultural, e sem símbolos ou cultura ficariam perdidos e o mundo como nós o conhecemos desmoronaria. A informação que orienta grande parte da atividade humana é simbólica e não genética.

Os símbolos culturais, que são aqueles elementos, lembranças e objetos que nos remetem a algo ou algum lugar é bastante presente na vida do ser humano, esses símbolos que são carregados e transmitidos pelas pessoas por onde quer que elas vão ajudam a disseminar e a criar novas culturas.

No caso de Rondonópolis, os símbolos culturais são diversos, pois cada migrante que se inseriu no território de Rondonópolis trouxe consigo elementos e características peculiares da cultura de suas cidades natais.

Com isso, houve também a formação de símbolos culturais próprios da cidade de Rondonópolis, com a influência de outras culturas os rondonopolitanos inconscientemente criaram sua própria cultura com seus respectivos símbolos.

A tradição das festas de santos que acontecem nas comunidades espalhadas pelo espaço, as quadrilhas, o tereré e chimarrão, a pesca no Rio Vermelho, os passeios no Casario e os encontros na praça da Lions, são fatores que contribuem para a cultura local, embora não tenham sido necessariamente nascidos ou criados aqui, mas que fazem parte do cotidiano da população rondonopolitana.

Essa questão do simbolismo é tão forte que os moradores de Rondonópolis também defendem e tomam para si esses símbolos como sendo de fato objetos de sua cultura.

Então, o espaço e as atividades artísticas e culturais que acontecem em seu entorno acabam por formar a identidade de sua respectiva população, as distribuições dessas atividades do ambiente também acabam por determinar o quanto essa sociedade será politizada e aculturada, socialmente e artisticamente falando, buscando promover a diversidade cultural.

Quanto a isso, Claval (2002, p. 22) coloca o seguinte: “como as culturas nunca aparecem semelhantes em lugares diversos, a cultura serviu como um fator importante da explicação da diversidade da superfície terrestre”.

Fica nítido também a questão da formalidade e informalidade dos pontos de cultura no espaço geográfico de Rondonópolis. O que acontece, é que locais que desenvolvem cultura de forma independente acabam por não criar um vínculo formal com a maior parte da sociedade, e também com o Poder Público.

Esses pontos acabam se tornando espaços informais, não sendo o primeiro local a ser lembrado quando se pensa em cultura, diferente do SESC (Serviço Social do Comércio) e do Parque de Exposição da cidade, que são pontos formais de acesso à cultura, e que possuem uma característica de formalidade, construções sólidas e permanentes, pois o público rondonopolitano já está condicionado a vincular esses locais com atividades artísticas e culturais que acontecem na cidade.

A caracterização e o papel desempenhando por esses pontos culturais no espaço, são primordiais para a sustentação e o crescimento desses locais, os pontos privados, que são maiores e com uma estrutura mais elaborada acabam por atrair mais público.

Enquanto os pontos independentes de cultura se localizam nas áreas mais periféricas das cidades e carregam consigo uma característica de serem informais, por conta da precariedade e das características dos espaços onde esses se inserem. Com base nisso, Claval (2011, p.12) destaca:

Os homens não têm um conhecimento direto, imediato das realidades terrestres, dos lugares e da organização do espaço. O seu conhecimento é sempre baseado sobre a percepção que eles têm da superfície da terra, e sobre as representações que eles compartilham dela.

Sendo assim, o ser humano acaba agregando ao espaço elementos de sentimentos e afetos que resultam em aspectos da própria sociedade, como acontece com os lugares sagrados.

A Professora Rosendalh (2014, p. 120) que é uma grande estudiosa desse assunto, destaca que “ao priorizar os espaços sagrados em diferentes culturas e em diversas religiões não estamos considerando a ideia de um lugar e de uma cultura única coincidindo, pois, a ênfase estará sobre a experiência”.

O homem tende a se manter ligado com o espaço e, conseqüentemente, com as técnicas culturais desempenhadas neste, através de sentimentos que estão vinculados com a religiosidade das pessoas, e também ao estilo de vida em que algumas destas escolheram seguir e que estão diretamente ligados a ideologias e preceitos de tribos, grupos e movimentos.

A rua enquanto espaço de vivências sociais funciona como uma plataforma de resistências para artistas e pessoas que queiram se manifestar, algumas pessoas

não se encaixam em espaços fechados e cheios de regras, e a rua é um ambiente livre que dá inspiração para a liberdade dos artistas.

Ferreira e Kapanaki (2015, p. 79) sintetizam esses fenômenos de resistências da seguinte forma:

[...] a Arte de Rua como um movimento de resistência, ressignificação do espaço público e do sentimento de pertencimento das cidades, identificando-a como manifestação artística que se faz presente para além dos grandes centros urbanos [...].

Músicos, dançarinos, poetas, malabaristas, artesãos, atores e outros que se veem segregados, incapacitados de habitarem determinados locais, utilizam espaços não convencionais para se articularem e movimentarem o cenário artístico e cultural das grandes cidades.

Necessariamente esses artistas levam suas mensagens, sua arte para onde o povo está, onde o fluxo de pessoas se faz em maior grau. Os artistas que desempenham atividades nas ruas são os principais responsáveis por disseminar a arte e a cultura por todo o espaço (DUTRA, 2013).

Ambientes privados e reservados abrigam determinados tipos de público, estes acabam condicionando e caracterizando seus frequentadores, que devem possuir determinados atributos, econômicos e sociais. Já a rua não, ela consegue abraçar todas as pessoas, independentemente de qualquer aspecto que as diferenciem, todos transitam por ela, desde o rico ao pobre, o novo e o velho, o negro e o branco.

A rua é um espaço de construção social, e as manifestações artísticas e culturais que ali são desenvolvidas, conseguem alcançar um grande público, de maneira direta ou indireta. Espaços convencionais segregam, espaços não convencionais libertam, a partir daí vai de cada um absorver e transmitir o que é repassado, porém de alguma forma alguém será atingido, e pelo menos um pouquinho de arte que é fundamental para a vida e existência será possibilitado.

A arte liberta, abre caminhos e transforma. A rua é uma importante ferramenta para que tudo isso aconteça, em contrapartida, o que destrói todo esse belo caminho é o preconceito, a aversão, e a repulsa pelo qual artistas de rua passam diariamente ao desenvolverem suas atividades e manifestações.

Delfin, Almeida e Machado (2017, p. 5) ao abordar sobre a acessibilidade dos artistas de rua no espaço salienta que:

[...] pois eles próprios têm dificuldades de se inscrever em outras identidades - são os da inutilidade, da vagabundagem e da ameaça à ordem. Este discurso individualizante e segregador se sedimenta nas subjetividades até ganhar tons de realidade[...]

Há uma visão errônea e equivocada sobre os artistas que estão em situação de rua, estes são vistos como “vagabundos”, “vândalos” e até “proveitadores”, o que não é verídico, é preciso dar visibilidade, apoio e vez para essas pessoas que são extremamente importantes para o coletivo social (DELFIN; ALMEIDA; IMBRIZI, 2017, p. 5).

Todos merecem respeito e reconhecimento, segundo as leis somos todos iguais e compartilhamos os mesmos direitos e deveres, então eventos ligados a discriminação de toda e qualquer forma devem ser combatidos.

As manifestações dos oprimidos devem ser exaltadas, a arte e a cultura devem ser valorizadas, as pessoas devem ser condicionadas a buscar os caminhos do bem e da instrução, e a valorização desse público que se encontra nas mazelas devem ser ecoadas, mas acima de tudo, o respeito deve sempre prevalecer.

3.10 Espaços Convencionais e Não Convencionais

Para iniciarmos as discussões acerca de espaços convencionais e não convencionais é necessário partirmos de uma definição de ambos.

Os espaços não convencionais se diferem dos espaços convencionais na medida em que estes últimos apresentam dinâmicas mais voltadas para um tradicionalismo, com estruturas mais coesas ao que se refere a produções artísticas e culturais mais formais, onde esses espaços seriam compostos por elementos que suprem as necessidades básicas do que é considerado como infraestrutura para espetáculos comercializáveis e que visam alcançar a parcela mais elitizada da sociedade.

Assim, Tkatch (2016, p. 18) aborda vertentes ligadas aos espaços não convencionais, fazendo considerações ligadas a história do teatro e enfatizando que:

Assim como no surrealismo, algumas vertentes contemporâneas visam quebrar os padrões convencionais na forma de ver e fazer arte. No decorrer da história do teatro, por exemplo, são experimentadas várias maneiras de se transferir a ação cênica para um espaço alternativo, não convencionado como edifício teatral. Desde o início do século passado, artistas e diretores praticam esse método na intenção de expandir as possibilidades de leitura e provocar diferentes sensações no espectador.

Esses espaços convencionais apresentariam elementos como palco, iluminação artificial criada por equipamentos, aparelhos sonoros, estrutura arquitetônica que propiciam uma boa acústica, dentre outros fatores. Mas além de tudo, esses espaços convencionais seriam ambientes fechados, com poltronas ou cadeiras minimamente confortáveis, são estruturas construídas, fixas nos espaços, com endereços e localizações bem estabelecidas, que geralmente são acessíveis a determinado público, onde os padrões socioeconômicos influenciam no acesso a estes locais.

Rondonópolis, por ser uma cidade que não possui um teatro municipal no qual imagina-se que deveria ser o espaço convencional que supriria as necessidades artísticas e culturais da classe artística e de toda a sociedade civil, falha nesse quesito, cabendo assim, a órgãos, instituições e empresas privadas o domínio desses espaços.

Até mesmo porque os espaços minimamente convencionais de responsabilidade do poder público do município como o Centro Cultural José Sobrinho, o anfiteatro da prefeitura, as duas bibliotecas municipais e o museu Rosa Bororo apresentam problemas em suas instalações, como falta de equipamento de som, iluminação, espaços pequenos, falta de poltronas ou cadeiras, mas isso varia de um espaço para outro, umas com menos imperfeições que outras.

Existem outros espaços convencionais públicos, mas que não possuem ligação direta com a prefeitura, como o anfiteatro da UFR e do IFMT (Instituto Federal Mato Grosso) Campus de Rondonópolis. Em relação a espaços convencionais privados dentro do perímetro de Rondonópolis, podemos citar o anfiteatro do SESC (Serviço Social do Comércio), de escolas particulares como CIE (Centro Integrado de Ensino), Leibniz, Master, centros de eventos com o Tulipas, Ideia's e outros.

Já os espaços não convencionais seriam aqueles ao ar livre, sem a delimitação de paredes, espaços que fogem das formalidades das estruturas convencionais, os espaços não formais estão ligados às manifestações artísticas e culturais da contemporaneidade, onde mesmo que com pouca ou nenhuma

infraestrutura, pessoas utilizam esses locais para se expressarem e externalizarem sua cultura e seus dons artísticos, não havendo uma hierarquia ou barreira entre os elementos que compõem o espetáculo (REBOUÇAS, 2009, p.15).

Exemplos de espaços não convencionais são: ruas, semáforos, bares, feiras, praças, locais onde são realizadas festas como clubes, chácaras, dentre outros. Esses locais estão propensos a dinâmicas relacionadas a questões financeiras, sentimentais e até mesmo sociais. Em alguns casos esses lugares são os únicos ambientes receptíveis a determinadas formas de expressão, como malabarismo, grafite, artesanato, dança, artes cênicas, música e também toda e qualquer forma de arte existente na sociedade.

Os espaços não convencionais são extensões das manifestações artísticas e culturais que ali são desenvolvidas, há uma mescla dos elementos que compõem esses espaços com a pessoas ali presentes, ocorre uma simbiose entre o artista, o espectador e o espaço, onde um complementa o outro, pois não existe barreiras físicas entre os mesmos, as distâncias são encurtadas, a relação é mais próxima, a troca mais profunda, o acesso mais livre, e as experiências únicas, variando conforme as personalidades de cada ser.

Tkatch (2016, p. 28) aborda essa correlação entre as pessoas e os espaços não convencionais da seguinte forma:

A rua, a paisagem, a arquitetura, o mobiliário, os sons urbanos, as pessoas, os carros, incorporam a cenografia desta modalidade teatral, e auxiliam nos efeitos das sensações e indagações trazidas pelas críticas dos espetáculos. Torna-se impossível olhar a peça de modo isolado, pois o contexto urbano e a história do espaço, bem como a posição do público em relação aos atores, mesclam-se com a narrativa e promovem experiências únicas, mesmo que a peça seja assistida várias vezes.

Os espaços não convencionais fogem do padronizado, onde o artista tem contato direto com seu público, recebendo incentivos financeiros (ou não) e palavras de incentivo (ou não), de maneira direta, sem hierarquização de assentos, onde quem toca, dança, se apresenta ou vende sua arte tem um *feedback* direto do seu público.

4 MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/MT

4.1 Uma Cultura característica de Rondonópolis: verdades e mentiras

A cultura mato-grossense em si própria é muito rica e muito bela, as danças típicas, o folclore local, a música e o sotaque é tudo muito característico e único, todas as manifestações executadas no estado do Mato Grosso são únicas e legitimamente brasileiras.

Rondonópolis, uma cidade situada geograficamente na porção sudeste do estado de Mato Grosso, teria um desempenho artístico e cultural igual a outras cidades do mesmo estado? Essa de fato teria uma manifestação cultural característica? A cidade teria algum destaque no campo das artes?

Uma importante questão a ser levantada é o fato de Rondonópolis receber muitos migrantes, e dessa maneira, absorver suas culturas. Também é interessante conhecer como ela se caracteriza por isso.

Tesoro (1999, p. 5) aponta em seu livro a seguinte constatação:

A começar pela hospitalidade e pela força de trabalho de sua gente: migrantes nordestinos, paulistas, mineiros, cariocas, sulistas, ao lado de libaneses, japoneses, espanhóis, sul americanos e outros, que juntos construíram e constroem a pujança rondonopolitana.

Segundo a autora, Rondonópolis é um entroncamento de caminhos, como assim consta no seu livro denominado, “Rondonópolis um entroncamento de mão única” (TESORO, 1993, p.15). Foi por conta dessas vias que vários povos de culturas diferentes se reuniram e se misturaram em Rondonópolis.

Por essas características de cultura híbrida e muito misturada que o município de Rondonópolis recebe influências das regiões brasileiras na culinária, na música e nas tradições. Além do mais, artistas itinerantes utilizam dessas vias para se deslocarem e assim levar arte e cultura para os quatro cantos do município.

Consequentemente por essa migração de povos oriundos do país e até mesmo de outros países, que Rondonópolis não firmou-se com uma cultura própria, uma cultura única. A característica da cultura rondonopolitana é de uma cultura que foi influenciada por diversas culturas, ou seja, uma cultura híbrida.

Muito se fala do fato de Rondonópolis não possuir uma cultura própria pela razão de receber influências de outras culturas, mas, é exatamente nesse ponto que está o sentido da coisa, Rondonópolis não perdeu suas características culturais com essa exposição a outros movimentos, mas sim agregou outras novas, se tornando forte e miscigenada, riquíssima em referências e variedades, pegando para si o que há de melhor de todas essas culturas.

E esse fenômeno pode ser comprovado em todo o território do município, nas feiras, nos centros de tradições, nos grupos artísticos e culturais aqui atuantes, tudo isso pode ser sentido e visto porque Rondonópolis tem uma cultura muito miscigenada.

Portanto, ao contrário do que muitos pensam a cultura de Rondonópolis não ficou esquecida ou apagada, essa ficou enriquecida e mais forte. Quando se leva em consideração o fator cultural da cidade não devemos direcioná-la numa perspectiva de cultura utópica, ou seja, uma cultura típica de um lugar só, sendo exclusiva e fechada.

A formação de uma cultura é fruto da junção de pessoas que conseqüentemente trazem suas culturas e as aplicam em seus espaços de vivência. No caso de Rondonópolis a migração de sírios e libaneses que é pouco comentada, mas foi imprescindível para o enriquecimento cultural e histórico da cidade, como também comercial.

Esse entroncamento de rodovias no território rondonopolitano contribuiu para que migrantes Sírios, Libaneses e Palestinos fizessem sucesso nas atividades de comércio na região, trazendo mercadorias para Rondonópolis e cidades vizinhas, transformando a cidade de Rondonópolis num posto comercial, firmando dessa maneira raízes no local.

E isso além de um aspecto histórico também é cultural, o Centro Cultural de Rondonópolis chamado José Sobrinho é uma homenagem a um imigrante libanês (a rua José Salmen Hanze é outro exemplo).

Outro fato a ser salientado é que Rondonópolis é uma cidade nova, quando comparada a outras cidades do estado de Mato Grosso, tendo 64 anos, a cidade não criou ainda uma maturidade que lhe proporcione uma cultura característica e exclusiva, e talvez isso nunca aconteça pelo motivo de ser uma cultura enraizada em outras culturas.

Fica claro é que o município de Rondonópolis não possui uma cultura tão característica quanto a de outras cidades do estado como a capital Cuiabá, mais precisamente a baixada cuiabana, que é muito famosa por sua culinária, como por exemplo no ato de alimentar-se, na dança, como o siriri e rasqueado e na música, com o lambadão cuiabano.

Na parte artística da cidade ainda falta organização, Rondonópolis conta com talentos que tem um grande potencial, esses precisam ser organizados e instruídos, para que assim se fortaleçam.

Rondonópolis tem uma cultura que está em crescimento, mas que precisa de um amadurecimento para entender os trâmites e as políticas, para que a classe artística seja alavancada, o que acontece em alguns casos, mas a demanda precisa ser muito maior.

Rondonópolis é o ponto de encontro das culturas de muitas pessoas que com suas tradições para cá vieram, o que faz com a cena artística de Rondonópolis seja emergente, em ascensão, condizente com as múltiplas culturas e manifestações da sua população estimada de aproximadamente 239.613 habitantes no ano de 2021, segundo o site do IBGE, tendo muito potencial, com condições de chegar ao mesmo status da cultural regional como a cuiabana.

Um outro elemento que destoa em Rondonópolis e que a distingue de outras cidades, sendo bastante característica, é a expressão de uma modernidade muito urbana e muito contemporânea.

Pode-se notar isso nas telas de obras de arte, através das visões dos artistas, onde Rondonópolis sempre aparenta muita riqueza nos aspectos naturais com o cerrado, mas ao mesmo também fica evidente questões geradas pela riqueza do agronegócio presentes no município.

Ao comparar a cultura de Rondonópolis com as de outras cidades de Mato Grosso, em primeiro lugar é necessário saber as características dessa cultura, a diferença entre cultura folclórica e cultura típica, e isso deve ser ponderado. Essas culturas mais locais e de raízes como a da capital Cuiabá, tendem a se sobrepor às culturas híbridas como a de Rondonópolis.

O cuiabanismo, os costumes e tradições da baixada cuiabana chamam mais atenção no cenário estadual por conta de suas manifestações, isso porque geralmente as pessoas ligam a definição de cultura com as ações desenvolvidas no ambiente,

muitas vezes são confundidos os significados de Arte e Cultura, e isso acaba refletindo em toda a visão cultural do estado.

A cultura de Rondonópolis, sendo vasta, é compatível com sua posição de segunda maior economia do estado e de terceira cidade com mais habitantes segundo os dados do IBGE, sendo importante e grandiosa, pois possui muita qualidade, com inúmeras características, se destacando na região, sendo um dos principais polos interioranos quando falamos de arte e cultura.

O fato de Rondonópolis não ter um movimento folclórico diversificado, não voltado para um tradicionalismo, só explicita que a mesma não é valorizada, que não tenha qualidade. Pode-se constatar que no Mato Grosso basicamente as culturas que são valorizadas, são aquelas que remetem ao século XIX, como é o caso de Cuiabá.

Já, Rondonópolis foi criada no século XX e se desenvolveu sobretudo a partir de um momento que se insere nas premissas que se deram no século 21, onde a circulação de capital influencia na cena cultural do município, tanto que Rondonópolis tem ligação muito forte com a cultura sertaneja, desde a de raiz quanto a contemporânea dita “universitária”.

O sertanejo está presente no cotidiano do rondonopolitano de diversas formas, na maneira de se vestir, de se portar, nas festas e vários outros quesitos. A cultura sertaneja movimenta o cenário artístico e econômico do município, mostrando que a cultura influencia no capital gerado no local.

Rondonópolis tem uma cena cultural unidimensional, sendo, que aquilo que está dando certo, aquilo que é considerado moderno e bem visto por um grupo influente, acaba tomando conta de toda a cena cultural, parecendo que não existe mais nada a não ser aquilo que está sendo veiculado, aquilo que é mostrado pela mídia.

Quanto a vinculação da cultura com a mídia, Evangelista (2007, p.1) destaca a seguinte afirmação:

A mídia procura ocupar-se com a esfera da intimidade da pessoa. Ela está a oferecer verdadeiros ícones, estrelas que passam a ser divinizadas, cercadas por uma verdadeira áurea de reverência, mas de permeio vão semeando aspectos, notícias, valores, que afrontam profundamente os preceitos arraigados! Há muito a mídia afastou-se do talento artístico; o fundamental a um candidato à estrela é a ambição. Ambição em aparecer, acontecer, e estar disposto aos mais disparatados papéis ou posições que possam ser solicitados. Não cabe mais talentos com valores próprios, o fundamental é a maleabilidade, às vezes, do próprio caráter!

Mas, quando se tem a oportunidade de entrar e conhecer alguns recantos da cidade, se pode notar a diversidade cultural em abundância no espaço, onde se tem Folia de Reis, grupos de teatro atuando, grupos de dança e de quadrilhas que fazem um trabalho profissional, artistas em potencial como, músicos e artesãos, então, existe uma diversidade cultural muito grande na cidade.

Pode aparentar que Rondonópolis não tenha uma cultura rica e diversificada, mas, na maioria dos casos essas manifestações ficam escondidas atrás de uma cultura populista e comercial, aquelas que são rentáveis para as mídias e para o capital.

Com a articulação da nova Secretaria de Cultura de Rondonópolis a cultura local já se mostrou mais ativa, e com as políticas públicas desenvolvidas pelo mesmo órgão as movimentações artísticas só tendem a aumentar. Mas, comparando com outras cidades numa perspectiva de avanços, Rondonópolis ainda tem muito o que crescer e se desenvolver no que se refere à arte e a cultura.

Rondonópolis tem um grande potencial cultural e possui um arsenal de artistas que conseguem alavancar e movimentar essa área, os artistas locais não deixam a desejar em nenhum sentido, esses com um maior aperfeiçoamento e amadurecimento serão imbatíveis.

Com um olhar mais sério vindo do poder público para com esses artistas, com uma maior valorização dos trabalhos desenvolvidos por essa classe que é muito subjugada e marginalizada, a cultura de Rondonópolis só cresceria, se tornada mais profissional.

Outra questão que paira sobre o ambiente artístico e cultural do município é o triste fato da arte não ser valorizada e a população local não ser preparada para consumir e participar de forma ativa das atividades artísticas disponibilizadas pelo poder público e privado. O rondonopolitano não adquiriu o hábito de prestigiar espetáculos artísticos e culturais.

O grande problema em questão é a falta de costume dos cidadãos residentes. Entre ir para a Avenida Lions Internacional e ir prestigiar uma apresentação artística, esses preferem deslocar-se para a avenida, na busca por diversão em bares, restaurantes e eventuais realizações corriqueiras.

Não que as manifestações desenvolvidas nesses locais não mereçam ser exaltadas, o que falta em alguns é o desejo de se conhecer e buscar por

manifestações que diferem daquilo que já lhe é corriqueiro, que foge do que já é condicionado as pessoas.

Afinal tudo aquilo que é desenvolvido pelo homem poder ser considerado como hábito cultural, e o que é considerado como arte para um indivíduo pode não ser para outro, cada um tem suas predileções e formas diferentes de ver o mundo.

Alguns artistas e instituições se preocupam com o atendimento de todo o público, fazendo apresentações em horários flexíveis, horários esses que são destinados a pessoas que trabalham. Também são feitas apresentações nos finais de semana tentando assim alcançar os mais variados tipos de públicos.

Mesmo com um trabalho especializado destinado a um público-alvo a procura por apresentações artísticas e culturais pelos cidadãos rondonopolitanos é muito baixa, como foi dito anteriormente, boa parte dos habitantes da cidade não possuem o hábito de se divertirem através de ações artísticas e culturais.

Outro ponto a ser salientado se refere a legislação nacional de incentivo à cultura, que tende a ajudar e a suprir as demandas artísticas em todo o território nacional. Em Rondonópolis pouco se aplica, principalmente a Lei Rouanet, que é uma Lei Federal de Incentivo à Cultura, que institui políticas públicas para a cultura nacional.

Segundo o PRONAC (1991, p. 4), a Lei Rouanet:

É a Lei que institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura- PRONAC, cuja a finalidade é a captação e canalização de recursos para os diversos setores culturais.

Criar, desenvolver e realizar uma atividade artística requer incentivo, principalmente financeiro, para se fazer um trabalho de qualidade requer tempo, trabalho e muito esforço, portanto quando artistas vão até o poder público e instituições privadas buscando incentivos, esses não estão atrás de esmolas como dizem, mas sim buscando uma valorização pelo seu trabalho duro e árduo.

Falta por parte do poder público, dos empresários e até mesmo da população rondonopolitana o entendimento sobre a profundidade e a importância da cultura local para o desenvolvimento da cidade, quando o SESC, a Secretaria de Cultura e os empresários trazem um grupo de artistas de fora, essas pessoas consumiram no hotel, no restaurante e ficaram conhecendo a nossa cultura.

A cultura traz gente de fora, a cultura fomenta o turismo, fomenta o comércio, fomenta tudo. Chama as cidades vizinhas a participarem também e assim fazer um intercâmbio cultural, enriquecendo culturalmente várias pessoas.

É importante as pessoas terem a noção de que nem tudo que agrada a maioria agrada a todos, que não necessariamente devem vir para Rondonópolis atrações artísticas que requerem uma grande estrutura e que vão lotar um grande espaço.

Essas culturas midiáticas que são imediatas e passageiras, elas vêm e vão e deixam muita coisa, enquanto aquela cultura tradicional, como uma orquestra, também chama bastante público e esses eventos acabam sendo bastante prestigiados, o que denota o interesse das pessoas pela cultura variada, desde que bem divulgada e com boa organização e estrutura.

E isso reflete na produção local, reflete nas pessoas que vêm de fora, então, porque fomentar aquilo que só atrai muita gente, porque não fomentar aquilo que dá menos público, mas que induzem mais pessoas a pensarem. Está faltando maturidade na cena artística da cidade e por essa falta de maturidade o incentivo não chega.

4.2 Uma caracterização dos pontos de acesso à Cultura não convencionais de Rondonópolis

Todo artista possui a necessidade de expressar suas qualidades nos campos das artes, isso acaba acontecendo de forma espontânea e natural, independente do ambiente, e assim, os atores, dançarinos, artesãos e músicos, amadores ou profissionais, evoluem artisticamente, afim de externar toda a sua paixão pela sua modalidade artística.

No presente trabalho, entende-se por espaços não convencionais, praças, ruas, calçadas, semáforos, quadras esportivas, salões comunitários, feiras livres, locais públicos e privados que não teriam infraestrutura e condições adequadas para a realização de atividades artísticas (REBOUÇAS, 2009, p.16).

Na classe artística rondonopolitana, podemos afirmar que principalmente a parcela amadora e informal são os que mais se encontram presentes nesses espaços não convencionais, e no caso dos artesãos e artistas de rua, isso se dá por causa do público que está presente nesses espaços, que consomem sua arte e compram os seus produtos.

No caso dos dançarinos, atores, músicos e outros, esses acabam por frequentar esses lugares porquê acaba sendo mais viável, por estarem próximos de suas moradias, por conta da disponibilidade de uso desses ambientes e por serem pontos de encontro de pessoas que partilham do mesmo gosto e necessidade de ter lugares para ensaio e para tornar visível seus trabalhos.

Rondonópolis não possui um teatro municipal, o que impossibilita que artistas tenham um lugar específico para efetuar suas apresentações, dependendo do apoio ou da condição econômica do artista, este terá que alugar um local para se apresentar, ser contratado por alguma empresa ou alguém que disponibilize de espaços com estrutura compatível para a realização do espetáculo, mas na maioria dos casos os artistas amadores do município estão inseridos em espaços não convencionais.

É assertivo dizer que os espaços informais são primordiais para a vida e para a construção dos artistas, desde sua formação até sua consagração, como afirma o professor da educação básica, graduado em direito, ator profissional e cineasta de Rondonópolis Joelson Santos na nota do autor do seu livro Juventude no teatro (SANTOS, 2021, p.11):

Ainda bem que uma peça de teatro pode ser feita em outros lugares e não somente em teatros convencionais, na minha adolescência comecei a fazer teatro em um grupo da igreja e me apaixonei por essa arte, desde então, venho estudando e produzindo muitos conteúdos relacionados ao teatro.

Rondonópolis por não possuir um teatro municipal ou um outro espaço público com infraestrutura voltado para a promoção e o desenvolvimento de arte e cultura, faz com que seus artistas tenham que buscar locais para se apresentarem e desenvolver suas manifestações.

O artista vai aonde o espectador está, sendo assim, locais mais movimentados, com um maior fluxo de pessoas, geralmente são os ambientes escolhidos pelos artistas de rua e os artesãos, já os artistas amadores escolhem os espaços para estarem presentes conforme sua intenção e a finalidade do seu espetáculo, quando se trata de ensaio os locais menos movimentados e com maior disponibilidade de horário são os mais apreciados, mas quando é para apresentação, quando mais gente prestigiando o trabalho melhor.

A região central do município acaba sendo a principal área ocupada pelos artistas informais, por conta das ruas, avenidas, praças e estabelecimentos

comerciais, lugares estes com um maior fluxo de pessoas, que se configuram como público em potencial. Isso fica perceptível ao se locomover pela cidade, já que vemos artistas fazendo malabares nos sinaleiros, artesãos vendendo seus produtos nas praças, grupos de dança ensaiando em quadras, cantores fazendo shows em bares, entre outros exemplos.

Um dos principais lugares utilizados pelos artistas amadores, os artesãos e os artistas itinerantes é o casario, pois fica próximo ao centro, o que permite um deslocamento através de transporte público, e também por este lugar ser um dos pontos turísticos da cidade e que acaba recebendo um grande número de visitantes, por ser ao ar livre, por possuir bares, lojas e estabelecimentos no local, muitos vão vender a sua arte, ensaiam e se apresentam ali.

O casario é um espaço público, que apesar de ser não convencional, acaba sendo um importante espaço cultural da cidade, pois as dependências da Secretaria Municipal de Cultura ali se encontram, e quando a mesma promove eventos e intervenções na cidade, esse lugar acaba sendo bastante utilizado, com isso, costuma-se instalar ali uma estrutura básica que vise suprir as demandas dos artistas, a partir daí se investe em som, iluminação e palco, nada que fique para usufruto permanente para os artistas.

O Casario de Rondonópolis, espaço não convencional que recebe inúmeros eventos, em escala pública e privada, é um dos maiores espaços de disseminação e distribuição de arte e cultura do município, onde: o artesão expõe e vende sua arte, diversos músicos tocam nos bares e estabelecimentos ali presentes, e o SESC de Rondonópolis realiza parte dos seus eventos, ou seja, o casario é o espaço não convencional mais artístico da cidade.

O casario é o ponto de encontro de todas as classes e tribos, espaço frequentado pela família que quer fazer uma refeição, da criança que anda de skate ou patinete, do roqueiro que quer ouvir um som, do motociclista que faz seu passeio de moto e encontra aqueles que possuem gostos parecidos com os seus, é onde os jovens vão para tomar tereré, para conversar e paquerar, é onde os membros da comunidade LGBTQIA+ se sentem livres para serem quem de fato são, e é onde os artistas ensaiam e se apresentam também.

O casario, local que acolhe o artista itinerante, o turista que visita a cidade e o rondonopolitano que o enxerga como espaço de integração e de diferentes acolhimentos, sendo um ambiente de múltiplas realidades, é onde são realizados

shows gospel, aulas de zumba, concertos de orquestras, festivais de quadrilhas, rodas de capoeira, desfiles, concursos de misses, apresentações nacionais, regionais e locais, ou seja, é um espaço não convencional que se transforma em um lugar de união, de vivências e sentimentos, indo conforme as relações, as características e as individualidades que cada ser a sua maneira desenvolve ali.

Na foto 1 é possível observar o casario, espaço não convencional de Rondonópolis onde são promovidos espetáculos, mostras e apresentações artísticas promovidas pelo poder público, instituições privadas e artistas rondonopolitanos, por ser um ambiente aberto, recebe diversos públicos, de todas as classes sociais.

A foto 1 foi retirada no mês de junho, quando acontecia nesse lugar uma das etapas do VII Festrilha, que é o concurso de quadrilhas juninas do estado do Mato Grosso, no qual Rondonópolis sedia um dos polos da competição. Nessa ocasião todo o casario estava decorado e paramentado com som, luz, arquibancada e palco por conta de tal evento.

Foto 1- Evento cultural no Casario de Rondonópolis



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Nas regiões periféricas, aquelas mais afastadas dos grandes centros, os espaços não convencionais também são utilizados por artistas, por estarem mais próximos das moradias dos artistas amadores, eles são utilizados com frequência pela comunidade artística local.

Um exemplo de espaço não convencional utilizado para a promoção da arte e da cultura em Rondonópolis é o Beco Cultural de Rondonópolis, como mostra a foto 2, situado no Jardim Atlântico, localizado na periferia, utilizado por grupos da comunidade, alunos da UFR e de escolas públicas ao seu entorno que se apresentam nesse lugar, sarais são feitos ali, grupos de dança, de teatro e de músicas disseminam a arte e a cultura nesse espaço.

Como pode ser observado na foto 2, o Beco Cultural é um ambiente que não fornece nenhum tipo de infraestrutura adequada para eventos culturais formais, mas o mesmo é um importante espaço não convencional, apesar de ser apenas um terreno, situado no final da Rua Manoel Bandeira, cercado por muros de concreto e cerca de arrame, com a presença de árvores e gramíneas, esse lugar é onde artistas expõem suas artes.

Foto 2- Beco Cultural (Espaço não formal de Rondonópolis)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

O beco cultural é um espaço ao ar livre sem nenhum tipo de equipamentos ou elementos de um ambiente artístico e cultural formal, é onde a galera jovem faz os seus espetáculos, os seus saraus e se manifestam artisticamente. Sendo um espaço de trocas, de inclusão, de livre acesso, sem muros, cercas ou seguranças que impeçam o acesso de espectadores e artistas.

Além dos espaços já citados aqui, através de análise previa da pesquisa de campo, de conversas informais com artistas e pelo conhecimento do pesquisador responsável pela pesquisa, sabe-se que outros espaços não convencionais também são importantes para os artistas, como: a Praça Brasil, a Praça dos Carreiros, o cruzamento entre as Avenidas Tiradentes e Dom Pedro II, quadras de escolas públicas como a Arão Gomes Bezerra, Daniel Martins Moura, Dom Wunibaldo Talleur e Silvestre Gomes Jardim como mostra a foto 3.

A quadra poliesportiva da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim é utilizada para ensaio pelos brincantes do grupo de quadrilhas juninas Caipiras Unidos, o espaço foi disponibilizado pelo diretor na instituição de ensino para ensaios no período noturno e nos finais de semana, para não chocar com os horários de aulas, o que acaba sendo um limitador de tempo, mas como são poucos os ambientes disponíveis para tal ação, o mesmo acaba sendo aproveitado das melhores formas possíveis.

Mesmo com horários estipulados, com infraestrutura que não contempla todas as necessidades dos artistas, este acaba sendo um importante ponto de promoção de arte e cultura no município, haja visto que o grupo citado foi campeão da etapa de Rondonópolis do VII Festrilha, sendo que no ano de 2019 o Grupo Caipiras Unidos se sagrou campeão do mesmo festival, indo representar todo o Mato Grosso no Festival Nacional de Quadrilhas que aconteceu na região administrativa de Cruzeiro no Distrito Federal.

Foto 3 - Grupo Cultural Caipiras Unidos ensaiando na quadra da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Grupos amadores e independentes que não possuem espaços próprios para ensaiar, acabam por fechar parcerias com instituições como escolas públicas para a utilização de espaços como quadras, corredores e pátios para treinos de danças e performances, através desse processo acabam ocorrendo trocas mútuas pelo espaço cedido, com isso, os grupos se apresentam nos eventos das escolas, e também incluem alunos, funcionários e membros da comunidade escolar nos espetáculos, desenvolvendo assim, mais uma vez um papel social.

É pertinente que se levante questões relacionadas a dificuldades e problemáticas ligadas ao acesso das escolas, que além da falta de estrutura e de apoio, outros pormenores precisam ser superados pelos artistas que utilizam esses locais, como, horário restrito, na maioria das vezes os espaços só são liberados tarde da noite, o que acaba sendo perigoso o traslado para esses lugares.

Apesar de tudo isso, é nítida a gratidão por parte dos artistas em terem esses espaços, mesmo que precários, pois é ali que eles fazem o que gostam, encontram

amigos e parceiros, é onde se constrói laços de amizade e irmandade, pois esses grupos artísticos funcionam como famílias, o amor pelas artes é refletido e transbordado entre as pessoas, esses lugares são cheios de amor e esperança, mas também dor e indignação, até mesmo, porque existe muito sofrimento por detrás do glamour das apresentações, existe muito suor e lágrimas, a beleza que é mostrada nos palcos da vida é fruto de muita luta e briga, batalha essa que é travada todos os anos com o poder público para a liberação de verba e para a produção de eventos culturais.

O artista principalmente o informal é camaleão, se adapta a situações, a ambientes e a realidades, todo artista possui um quê de produtor, diretor, cenógrafo, pintor, costureiro, ou seja, é polivalente. O artista amador é generoso e também sabe aceitar a generosidade do outro, pois toda ajuda é bem-vinda, seja de parentes, amigos, vizinhos e até desconhecidos, pois não é fácil, porém, mais difícil ainda é viver sem arte, por isso que mesmo com tantos percalços a cena **se** mantém, pois já entra nas entregas, na veia artística, a dor do processo é menos intensa do que a dor da inexistência de arte e de cultura.

Esses locais não são espaços quaisquer, são os lugares que os artistas amam estar, pois é ali que eles podem sentir a liberdade da arte, é de onde artistas de rua, itinerantes e artesãos tiram o seu sustento. Esses são primordiais, pois mantêm viva a cena artística da cidade, fomenta a arte e a cultura, e alimentam aqueles que tem fome de arte.

Os artistas desempenham importantes papéis nas comunidades nos quais estão inseridos, pois acabam sendo instrumentos sociais e políticos, seus atos são manifestações claras, só pelo simples fato de viverem e resistirem às demandas e aos padrões impostos pelo sistema, assim, esses já fazem a resistência.

Suas falas soam como grito daqueles que são calados e oprimidos, suas manifestações corporais são pedidos de liberdade, seus corpos são histórias, suas artes são alimentos para a alma e para o coração. Ser artista informal que ocupa espaço não convencional é ser portador de grande riqueza, mas não só isso, é instrumento que carrega e distribui beleza por todos os lugares em que passa.

Os artistas, em todas as esferas, são agentes ativos em âmbitos políticos, econômicos e sociais, eles quebram paradigmas e fomentam a cultura, sabe-se que não é simples ser artista no Brasil, porém é mais difícil ainda deixar de ser artista, de

não externalizar seus dons, pois a arte é única e as manifestações das pessoas retratam suas vivências, suas características, suas dores e suas alegrias.

Berriel (2016, p. 01) enfatiza no seu artigo: A importância dos artistas na luta pela democracia, o fundamental papel da classe em questões políticas ao ressaltar que:

A arte não tem fronteira, não pode ter nenhuma amarra ou censura. As diversas modalidades de arte: música, teatro, cinema, dança, pintura, escultura e arquitetura, são arte e expressão viva da diversidade do nosso povo, que pode ser conceitual, erudita ou popular. É arte e como tal, tem ser preservada porque tem a nossa marca, identidade do nosso povo.

Ao longo da história do nosso país, os artistas demonstraram suas forças e lutaram por liberdade no período da ditadura militar, quando houve desmonte do ministério da cultura, e em vários outros momentos, fazendo música, escrevendo poemas, criando peças teatrais, pintando, fazendo piada, rindo da desgraça, lutando por ideais como liberdade e democracia. Dentro de toda essa conjuntura nota-se que os artistas não fogem à luta, e suas armas são seus talentos.

Quando o mundo se viu encoberto pela escuridão da ignorância e do descaso, os artistas iluminaram as vidas das pessoas com suas manifestações, como por exemplo, na ditadura, os festivais de canções eram sinônimos de resistência, os textos escritos nesse período, que denunciavam crimes eram atos favoráveis a democracia, quando o Ministério da Cultura foi extinto, os artistas não esmoreceram, continuaram produzindo, até mesmo durante a pandemia de Covid 19 os artistas se reinventaram, se apresentando através de *Lives*, entrando na casa das pessoas, levando arte e cultura para os quatro cantos do mundo.

O artista ferido pela ditadura não parou, o artista mesmo sem amparo continuou, o artista isolado esbravejou, pois, ser artista é isso, não parar, nunca sucumbir, continuar lutando para reexistir.

Ser artista no Brasil é um ato de luta, de resistência, de amor e de consolo, pois a sociedade não tem fome só de comida, tem fome de arte, de lazer e de cultura, e os artistas, principalmente os não formais, matam um pouco dessa fome, chegando aonde o Estado não chega, provendo ações onde não se tem políticas públicas, ser artista é um ato político, em que as políticas são voltadas para o povo, e os ganhos

não são só financeiros, esses às vezes são o que menos importa, o que importa de verdade são os aplausos, o reconhecimento, mas acima de tudo a realização pessoal.

4.3 Atividades artísticas não formais em espaços não convencionais em Rondonópolis/MT

4.3.1 Artistas amadores, aqueles que amam: suas análises e contribuições para a arte e a cultura de Rondonópolis

Os dados aqui expostos são frutos da tabulação e análise das respostas que foram assinaladas no questionário pelos artistas informais que ocupam espaços não convencionais em Rondonópolis/MT. Vale lembrar que o texto está amparado nas normas éticas estipuladas pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Rondonópolis, sendo fidedigno ao sentido e as interpretações que os artistas tiveram ao discorrer das suas respostas sobre as questões que a eles foram postas.

Na busca de se entender os dilemas, as problemáticas, as vivências e as relações que os artistas possuem com o espaço em que eles utilizam e habitam para manifestar seus dons artísticos e culturais, foi empregado um questionário que tem por objetivo levantar as falas, os sentidos e as interpretações dos artistas no cenário no qual eles se fazem presentes.

Por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, com participação ativa do objeto de estudo durante todos os seus processos, que os relatos de vivências e experiências são muito importantes no processo de construção de conhecimento científico. Nesse caso, o conhecimento empírico mesclado com as teorias científicas, possibilitaram a formulação dos dados e dos resultados que aqui estão contidos.

Através das respostas de dezenove artistas informais, esses foram divididos em três grupos, sendo o primeiro, dez artistas amadores (grupo A), o segundo, cinco artesãos (grupo B), e terceiro, quatro artistas de rua (grupo C), que as interpretações e comparações foram feitas, para assim, responder as indagações presentes na pesquisa e alcançar os objetivos estipulados inicialmente.

A análise de dados foi feita separadamente entre os três grupos, até mesmo porque cada um possui características distintas uns dos outros, tendo cada um suas

especificidades em relação a vivências nos espaços não convencionais, partindo da premissa que cada ser é único, e que cada um possui suas maneiras de enxergar e interpretar as coisas a sua volta, que essa dinâmica faz mais sentido, pois possibilita fazer análises mais detalhadas e profundas a respeito das perspectivas de cada pessoa que integra determinado grupo, pois o objeto analisado é vivo, pensante e crítico, cada um à sua maneira.

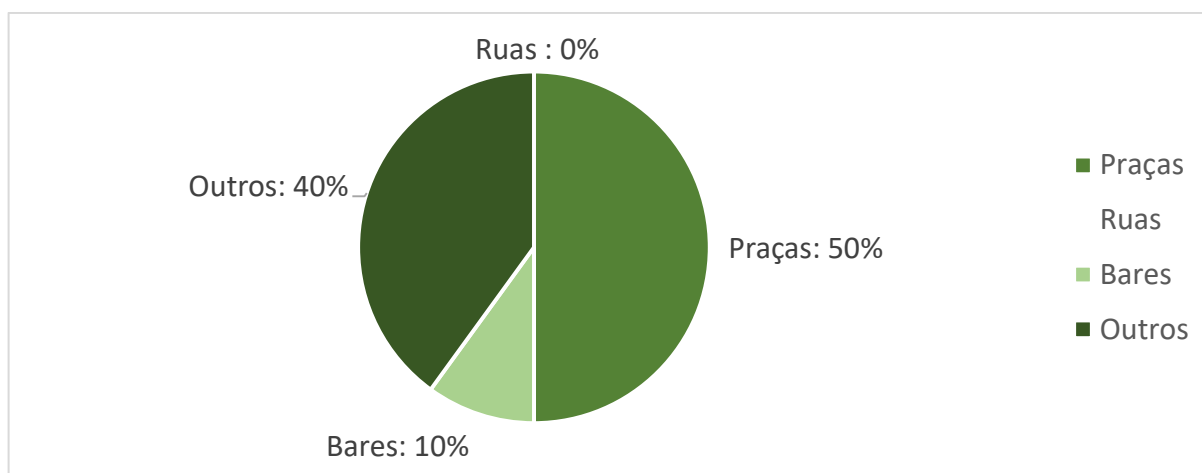
Foi pensado e posto em prática a iniciativa de que os participantes do questionário fossem de diversas áreas do segmento artístico e cultural de Rondonópolis, para que assim, todas as esferas do movimento artístico fossem contempladas, com representantes da dança, das artes cênicas, da música, do artesanato, do malabarismo, do grafite, do cinema, e outras.

O primeiro ponto a ser levantado é o dos locais da cidade que os artistas informais costumam frequentar para se manifestarem artisticamente, sabendo que o estudo visa promover material científico a respeito dos artistas informais que ocupam espaços não convencionais no perímetro urbano de Rondonópolis, que o processo de caracterização desses espaços foi feito, para assim saber, quantos se expressavam em praças, ruas, bares e outros estabelecimentos.

Mesmo que a exemplo dessa pergunta outras também fossem fechadas, com alternativas nas quais os artistas poderiam marcar suas respostas de maneira objetiva, foi deixado livre para caso os artistas sentissem a necessidade de discorrer, explicar ou relatar experiências nesses campos, tal ação poderia ser executada sem nenhum tipo de imposição, até porque, quanto mais relatos de experiências, quanto mais saber e conhecimento agregado no estudo, melhor.

Através dessa primeira pergunta presente no questionário foi possível construir o gráfico 01, a seguir, e saber que, dos dez artistas amadores, ou seja 100%, cinco destes, o que corresponde a 50% utilizam principalmente praças para manifestar suas artes. Do número integral de artistas desse grupo, apenas um relatou que recorre mais aos bares para se apresentar, sendo 10%. Os outros 40% restante, sendo, 4 artistas marcaram a opção outros espaços, e assim relataram que os espaços não convencionais onde mais se apresentam são: em eventos privados e públicos, como o casario, SESC, auditórios, e também em festivais e escolas. Vale lembrar que nenhum artista amador assinalou a opção ruas, ficando assim com 0%.

Gráfico 1 -Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Por meio desses dados, pode-se chegar a constatação de que, os artistas amadores, que é a parcela dos artistas que na maioria das casos possuem uma outra vida em paralelo a sua vida artística, por ter um trabalho formal e conciliar suas demandas artísticas com afazeres corporativos em instituições, os mesmos possuem as características de participar de grupos, onde desenvolve ações periodicamente, em datas e eventos pré-definidos, seguindo demandas, sendo assim, os espaços informais que estes mais frequentam, são para ensaios, encontros e apresentações que possuem um certo cronograma, em alguns casos, só se apresentam através de convites prévios ou contratação para assim preparar seus shows e números.

Os artistas amadores frequentam principalmente as praças, pois estes ambientes estão mais espalhados no perímetro urbano, principalmente nos bairros, sendo que nas praças possuem quadras poliesportivas, utilizadas para treinamentos e ensaios, sendo também, onde costumam ser feitos eventos artísticos pelo poder público, como mostra a foto 4.

Registro feito em uma apresentação teatral realizada na praça do Bairro Alfredo de Castro, onde o grupo Foco de Teatro e o Coletivo CorpoAnu, expuseram espetáculos cênicos para crianças, jovens e toda a população local através da Lei Aldir Blanc.

Em espaço aberto, ao ar livre, onde o público sentado no chão ou em espaço improvisados, os artistas levaram para os moradores de um dos bairros mais carentes de Rondonópolis esquetes de humor e mensagens de preservação do meio ambiente,

sendo que alguns desses nunca tinham assistido o tido contato com o teatro, e o fascínio e a alegria ficaram estampados tanto na cara na plateia, quanto dos artistas que ali se apresentavam. O que faltou de apoio e estrutura, sobrou em dedicação e felicidade, o que é bastante perceptível na foto 4.

Foto 4 - Foto da final de apresentações de Grupos de Teatro em Rondonópolis na praça do Bairro Alfredo de Castro



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

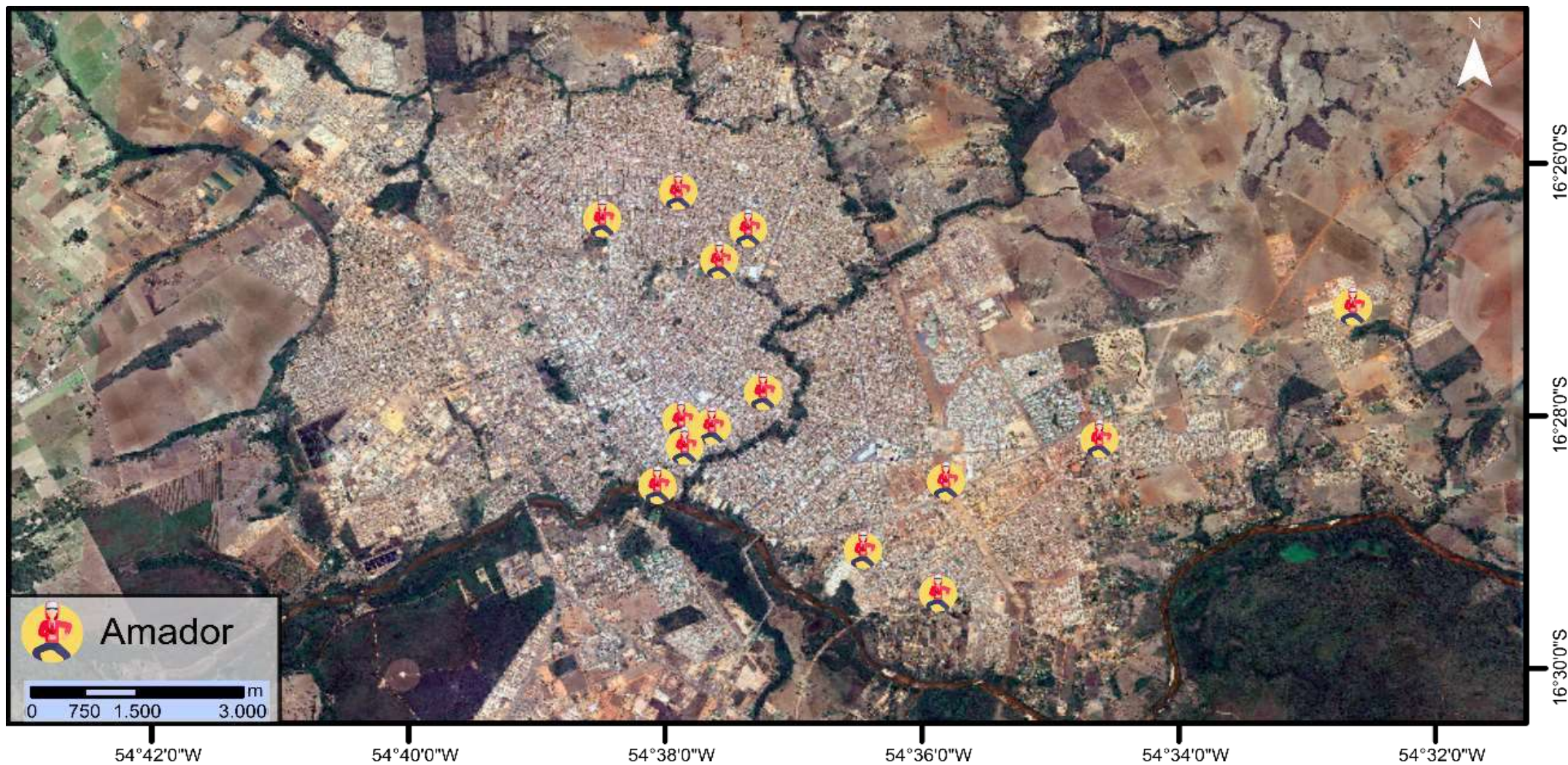
A outra parcela que utiliza outros lugares, ocupam pontos de disseminação e promoção de arte e cultura conforme os eventos vão acontecendo nesses espaços, os artistas amadores ali estarão conforme a necessidade e a característica do evento, sejam estes promovidos em escolas e universidades, públicas e privadas, casas de shows e anfiteatros.

Também foi possível perceber que os bares são espaços não convencionais que possuem uma maior receptividade para os músicos, onde a apresentação desses artistas, que no caso da pesquisa é amador, acaba sendo um grande chamariz de público, consumidor em potencial, além do mais, esses locais acabam sendo sinônimo de vitrine para os artistas esporem seus trabalhos, para se obter experiência e bagagem, onde é dada oportunidade para os mais novos se mostrarem, sendo assim, bares e estabelecimentos comerciais são ambientes promovedores de arte e cultura, onde artistas se mostram, como aponta o questionário.

Através das análises dessa primeira indagação, fica notório que a relação do artista amador com a arte de rua é bem distante, inexistente entre os entrevistados, de antemão já se deduz que as ruas acabam sendo palco principalmente para o artista urbano como o malabarista e o grafiteiro, e também para os artesãos, estes que veem a rua como palco, como tela, como galeria, ficando assim os artistas amadores nos outros espaços, desempenhando o papel de espectadores e apreciadores das manifestações que acontecem nas ruas.

O **Mapa 2** mostra os principais espaços não convencionais ocupados pelos artistas amadores no processo de promover e desenvolver arte e cultura no perímetro urbano de Rondonópolis.

Mapa 2 - Espaços não convencionais de maior presença dos artistas amadores em Rondonópolis/ MT



Fonte: Google Earth

Elaboração: Laboratório de Cartografia-DEGEO-ICHS-CUR-UFR

Organização: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Durante as entrevistas, foram levantados os espaços em que os artistas amadores costumam estar presentes para expressar sua arte, em relação aos artistas amadores, é possível observar que suas ações artísticas e culturais são desenvolvidas tanto em ambientes públicos, quanto privados, variando conforme as necessidades do artista e as condições de acessibilidade de certos ambientes.

Os espaços públicos que os artistas amadores mais frequentam, segundo a análise de dados da pesquisa, são: o casario, que pode ser considerado como o principal espaço não convencional de promoção de cultura no município de Rondonópolis, sendo o local mais recorrente nas entrevistas e nas observações de campo. Outros locais públicos citados são: o Beco Cultural, onde são feitas apresentações de grupos e onde ocorre manifestações artísticas com certa regularidade, a Praça dos Carreiros e a Praça Brasil, ponto de encontro de artistas e artesãos, com grande fluxo de pessoas, situadas bem na região central o que favorece a circulação de pessoas.

A Praça Martinha Carvalho, localizada na região de bairro Buriti, atualmente recebe bastante manifestações artísticas e culturais com apresentações de circo e apresentação de grupos, outra Praça que é bem movimentada é a Praça do Alfredo de Castro que possui um baile Funk semanalmente e que é um espaço de grandes manifestações artísticas, e também as quadras poliesportivas das Escola Estaduais Silvestre Gomes Jardim, Daniel Martins Moura e Dom Wunibaldo Talleur onde grupos de dança e quadrilha utilizam para ensaiar.

Os espaços privados são: o SESC Rondonópolis, que apesar de privado, é um dos principais agentes promotores de arte e cultura na cidade, onde geralmente são feitas parcerias com artistas para os mesmos se apresentarem e usarem as dependências do mesmo, com grandes ações que visam alcançar toda a sociedade rondonopolitana, os espaços Tulipas e o Ideia's *Buffet*, onde geralmente os artistas amadores vão quando são contratados para se apresentarem em festas de aniversário, formatura e casamentos, e esse ingresso se dá através de contratos ou convites, o Grand Beer é um bar que fica na região central de Rondonópolis, onde é comum que artistas se apresentem nesse estabelecimento, principalmente cantores, e o Studio A35 geralmente é utilizado por cantores para ensaiar e gravar músicas.

Ao analisar a espacialização de pontos onde estão situados os espaços não convencionais ligados as atividades artísticas e culturais não formais dentro do perímetro urbano de Rondonópolis, observamos a existência de concentração desses

espaços em três ambientes, um na região central, que é o principal, com maior número de estabelecimentos, públicos e privados, o segundo é uma considerável concentração na região da Vila Operária, e o terceiro caracterizado pela localização na região do Jardim Atlântico.

Há uma maior concentração desses espaços na região central por conta da grande movimentação de pessoas nesses ambientes, e também é onde o Estado mais investe em unidades de lazer e cultura, tanto que é ali que encontramos o casario, a Praça dos Carreiros, a Praça Brasil, a Escola Dom Wunibaldo Talleur e o *Grand Beer*.

A região do Jardim Atlântico é muito importante para os artistas amadores, pois é ali que fica a UFR, onde muitos artistas que estudam na universidade moram no entorno desse bairro, e por conta da especulação imobiliária dos últimos anos cresceu muito, estando ali o Beco Cultural, a Praça do Alfredo de Castro, o SESC, e os centro de eventos Tulipas e o Ideia's Buffet.

A região da Vila Operária é um distrito de Rondonópolis, com grande contingente de pessoas, sendo um dos bairros mais antigos e tradicionais da cidade, que por conta do crescimento municipal, a mesma também passou a se destacar no cenário local, é onde encontra-se a Praça Martinha Carvalho, a Escola Daniel Martins Moura, a Escola Silvestre Gomes Jardim e o Studio A35.

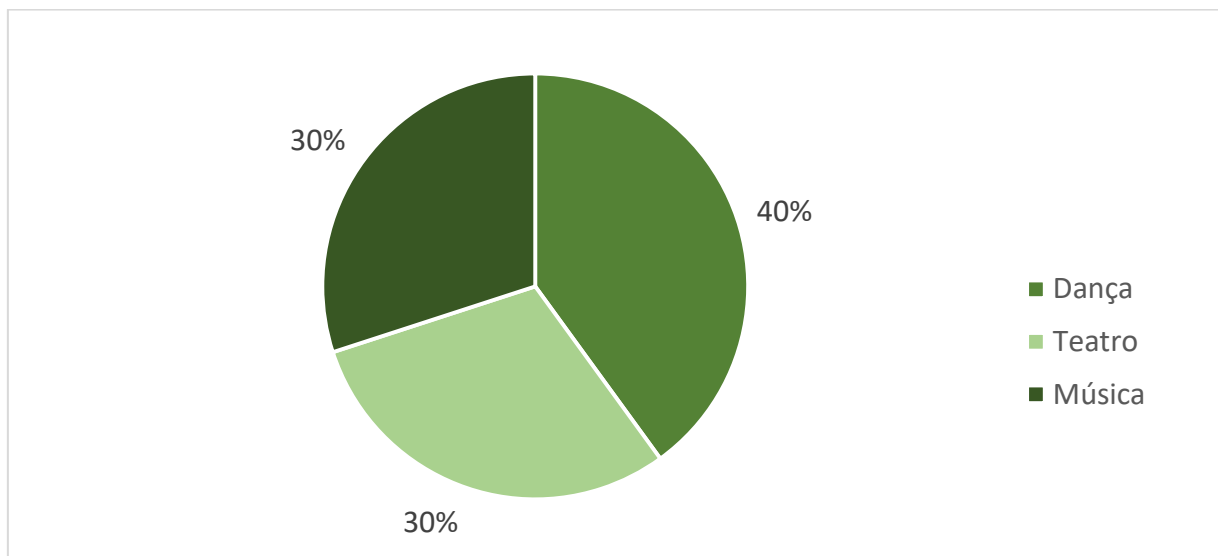
Nota-se que entre os artistas amadores ocorre uma maior ocupação do perímetro urbano da cidade, com mais regiões contempladas com a ação direta ou indireta dos artistas amadores, mas que ainda assim, outras regiões suburbanas, principalmente as localizadas nas bordas do município não ocorre grande movimentação pelos artistas que responderam o questionário da pesquisa.

Com isso, é certo que poderia haver mais implementações de espaços culturais nessas regiões para que assim, estimule a população desses locais o gosto pela arte e a cultura, e assim surgirá mais grupos artísticos na cidade e a cena cultural ficará ainda mais forte.

O segundo questionamento está ligado a caracterização do tipo de atividade artística desenvolvida pelo artista amador que respondeu ao questionário, e os resultados podem ser acompanhados o Gráfico 2. O referido gráfico dimensiona o equilíbrio em relação a quantidade de representados dos principais segmentos artísticos amadores presentes nos espaços não convencionais, dentro do perímetro urbano de Rondonópolis, compreendendo a seguinte estrutura: do total dos dez que preencheram ao questionário, quatro, o que corresponde a 40% estão ligados a

dança, três, que equivale a 30% são adeptos ao teatro (artes cênicas), e os outros 30%, que são os últimos três participantes são músicos.

Gráfico 2 - Quais são os tipos de manifestações artísticas que você realiza nesses espaços? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Observa-se nesses artistas aspectos de multiplicidade, pois os artistas ligados a dança são de diferentes vertentes, onde bailarinos clássicos, quadrilheiros, instrutores de zumba e de danças típicas regionais deram o seu ponto de vista segundo as características da sua formação artística. A foto 5 destaca uma apresentação de dança contemporânea realizada no casario de Rondonópolis.

Foto 5- Apresentação de dança contemporânea realizada no casario de Rondonópolis em um evento encabeçado pelo SESC/ ROO.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os atores que participaram da pesquisa seriam aqueles que fazem parte de grupos e companhias aqui da cidade, com trabalhos de destaque no cenário regional, que trabalham com drama e comédia, que produzem teatro infantil, teatro empresarial e teatro de rua tendo trabalhos na TV, no teatro e no cinema.

Ao destacar importância e as contribuições de grupos de teatros amadores que fazem apresentações nas ruas (SILVA, 2016, p. 4) destaca que:

A possibilidade de fazer teatro de qualidade com poucos recursos físicos e de adaptar as montagens teatrais a espaços alternativos, para os grupos amadores, que normalmente não dispõem de muitos recursos financeiros em suas montagens, foi, e ainda é até os dias atuais, uma importante contribuição.

Para ilustrar umas das apresentações de teatro amador, a foto 6 foi feita durante uma apresentação realizada por atores amadores do dia das crianças (12 de outubro), mesmo que em espaço improvisado, sem todo o aparato necessário, crianças e adultos se maravilharam e desfrutaram do poder e do encanto que a arte e a cultura podem possibilitar.

Foto 6 - Apresentação da peça O sobrevivente do grupo Foco de Teatro na Escola Municipal Rural São Domingos Sávio em Rondonópolis/MT.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Em relação aos músicos, fica claro que estes vão desde aqueles que tocam instrumentos como violão e bateria em barzinhos e espaços mais descontraídos, até aos que cantam e tocam instrumentos como violino e flauta em casamentos, sendo

ecléticos, indo do Rock, à música clássica, do mais tradicional ao mais contemporâneo.

Na foto 7 vemos cantores amadores de Rondonópolis soltando a voz na mostra cultural na escola pública Amélia de Oliveira Silva, vale destacar que geralmente um dos primeiros ambientes que os artistas se despontam para as artes é na escola, sendo assim, esses espaços são fundamentais o desenvolvimento de artistas e promoção da cultura local.

Foto 7- Cantores amadores de Rondonópolis, soltando a voz na mostra cultural da escola estadual professora Amélia de Oliveira Silva.

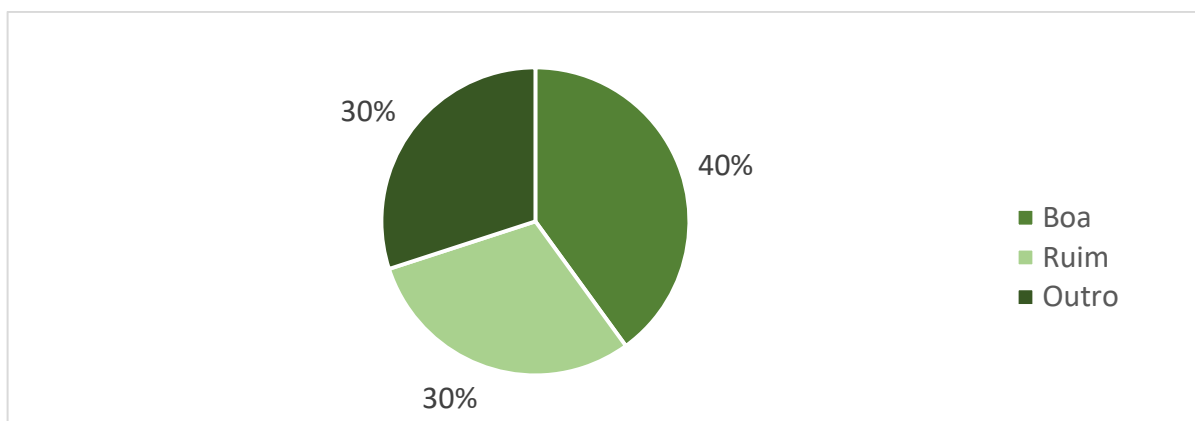


Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

No anseio de promover análises sobre a cena artística e cultural de Rondonópolis, foi perguntado aos artistas amadores como eles avaliariam o cenário artístico do município, e a não unanimidade mostrada no gráfico, deixa transparecer que cada ser possui interpretações e faz análises distintas de um mesmo segmento, em um mesmo local, cada um à sua forma, segundo os seus sentidos, com base nas suas histórias e vivências nesse lugar, com elementos físicos, sociais que ali estariam.

O Gráfico 3 mostra o resultado das avaliações feitas pelos artistas amadores atuantes no município a respeito da cena artística e cultural na qual eles fazem parte.

Gráfico 3- Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

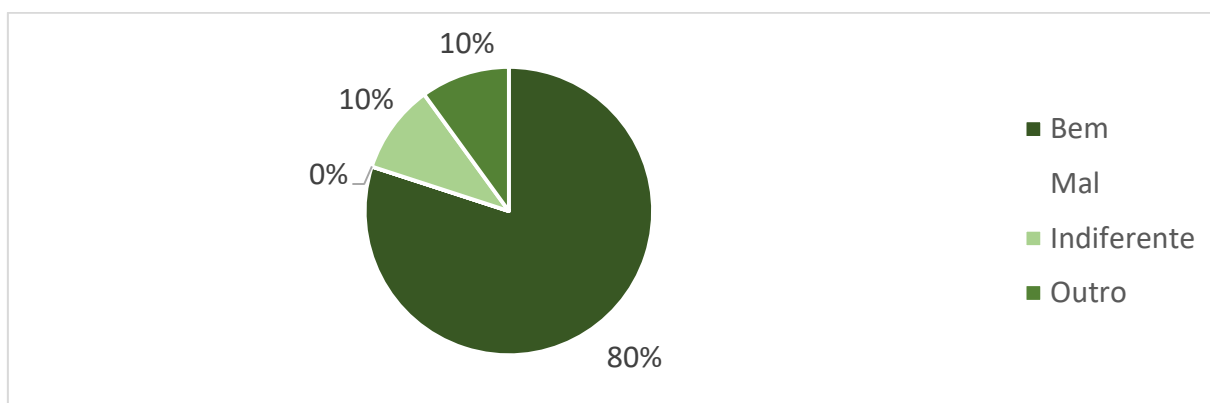
Ao assinalar tal questão, 40% avaliou a cena artística de Rondonópolis como boa, sendo a maioria, portanto, faz a dedução que esta é mesmo de qualidade, pois ao se apresentarem nos espaços públicos, como as praças e feiras o mesmo desenvolve suas atividades artísticas para o público que frequenta esses locais, o que é uma vantagem importante para o artista, que é ter um público presente. Já 30% definiram como ruim a cena artística da cidade, mas eles associam essa falta de qualidade aos poucos investimentos do poder público e a falta de maturidade dos artistas locais. Os outros 30% marcaram a opção outro, o que seria o meio termo, não sendo ruim, mas que teriam vários aspectos a serem melhorados, como a falta de espaços adequados para as práticas culturais, maior prestígio junto à classe política e a social, onde relata-se que a cena possui grande potencial, que a mesma é emergente, no entanto poderia evoluir a passos mais largos, mas que o processo de agregação cultural dos povos que aqui chegam tem contribuído com o cenário artístico de Rondonópolis num todo.

Esses diferentes pontos de vista estimulam melhorias, ao passo que, o que está bom deve ser mantido e valorizado, o que está ruim pode ser corrigido, e os elementos de melhoria que foram citados devem ser levados em consideração, analisados e postos em prática para um melhor desenvolvimento, na medida em que estimulasse sempre promover ganhos para a classe artística, a cena artística, e a todas as pessoas envolvidas.

É certo de que a parcela de artistas informais enfrenta maiores dificuldades em relação a produção e ao desenvolvimento das suas apresentações, shows e espetáculos, haja visto que o preconceito, a aversão e a falta de assistencialismo são

mais suscetíveis a esse grupo. Então, foi indagado aos artistas amadores a respeito de como eles costumam ser recebidos pela parcela da sociedade que prestigiam seus trabalhos. Os resultados dessa pergunta podem ser observados no Gráfico 4.

Gráfico 4- De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Do total de dez entrevistados, oito artistas, ou seja, 80% disseram que são bem recebidos pelas pessoas que consomem, assistem e tem contato com suas manifestações. Nenhum artista relatou ser recebido de maneira ruim pelo público, um artista, 10%, ao ser questionado falou que é recebido de forma indiferente, não julgando como boa ou ruim essa relação artista/espectador, podendo ser banal ou superficial, e o último entrevistado, os outros 10% marcou sua resposta como outra, não sendo nem bom, nem ruim e nem indiferente, mas não discorreu sobre como caracterizaria a receptividade das pessoas sobre sua manifestação. Mas uma coisa é certa, segundo os artistas amadores entrevistados, nenhum deles são recebidos mal pela sociedade rondonopolitana.

A relação do artista amador com o rondonopolitano é boa, assim como os artesãos e os artistas urbanos, são eles que vão ao encontro do público, é o artista que busca estar inserido onde há uma maior concentração de pessoas, sendo esses espaços na sua grande maioria públicos de livre acesso a toda a sociedade que não existe problemas nessas vivências, pelo contrário, o espectador tende a ser bem receptível ao artista, sendo a atração que abrilhanta o lugar.

Pinto (2020, p.110) faz referência ao folheto o Espectador de 1883 ao afirmar a importância dos artistas no cotidiano das cidades, no qual destaca-se:

[...] é a melhor tribuna, a melhor escola para combater e mostrar os vícios que corrompem uma sociedade. Por ele discute-se os mais difíceis problemas, e com vantagem, porque impressiona com arte o espírito do espectador, apresenta-nos sob a forma ridícula o vício; o perigo a que se expõem os que optam por semelhante mal, e discrimina as boas ações, os pequenos defeitos de educação de um povo e os próprios costumes que o orlam, dando uma perfeita fotografia dos elementos sociais, e são tratados na escola contemporânea pelo drama e pela comédia (O ESPECTADOR, 1883).

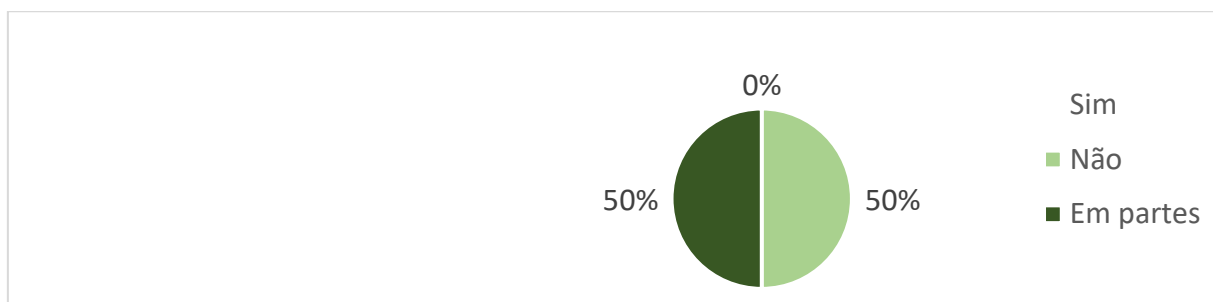
Também existem os casos no qual o público vai atrás do artista, pois existem aqueles que gostam, acompanham e são fãs de tal grupo, banda ou artista, e quando esses são convidados ou contratados para participar de eventos, shows e amostras para animar, fazer presença VIP ou se apresentar, os seguidores fiéis e os apreciadores de tal segmento artístico se farão presentes.

Os moradores de Rondonópolis gostam e buscam por arte e cultura, mas falta um condicionamento, estímulo para apreciar as formas de arte mais informais, falta um acultramento do rondonopolitano em buscar lazer e entretenimento nas artes, mas com toda certeza, quando estas estão acessíveis a eles, e quando estas estão presentes no cotidiano e nos lugares em que eles estão, eles se deleitam, aproveitam, gostam e recebem bem a classe artística num geral.

A fim de saber como é a infraestrutura dos espaços ocupados pelos artistas amadores, foi dado as opções para que eles caracterizassem as estruturas físicas, os elementos e as disposições de recursos básicos para as apresentações e para a permanência nesses espaços, para assim, descobrir se esses locais teriam as condições adequadas para suas necessidades pessoais e artísticas.

Com base nas suas experiências, 50% dos artistas, referente a cinco entrevistados marca a alternativa que corresponde ao sentido de que esses espaços não possuem uma infraestrutura adequada, já os outros cinco, os 50% restantes optaram pela referência do termo em partes, onde esses espaços cumpririam algumas necessidades, mas outras ficariam desassistidas, conforme pode ser observado no Gráfico 5.

Gráfico 5- Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Através da análise dos seus resultados, onde é notório que os espaços ocupados pelos artistas amadores utilizados para promover sua arte e sua cultura não possuem infraestrutura adequada, já que nenhum entrevistado, ou seja, 0% caracterizaram esses espaços como bons ao que tange o suprimento mínimo das condições ideais para o desenvolvimento de suas práticas.

Ninguém que desenvolve arte e cultura de maneira amadora que respondeu ao questionário avaliou esses espaços como ambientes com condições ideais, que contemplem suas necessidades pessoais e artísticas, o que comprova que os artistas precisam se desdobrar e se submeterem a condições precárias para poder realizar seus trabalhos.

Em relação a esses ambientes e os problemas estruturais que ali são encontrados, pode-se destacar que em alguns casos, não existe cobertura, falta de energia elétrica, privação de segurança, precarização e as vezes inexistência de banheiros ou água potável, o que é lamentável, cotidianamente falta condições mínimas, não tendo o básico ao que se refere a condições dignas para esses que desenvolvem ações tão importantes para todo o povo de Rondonópolis.

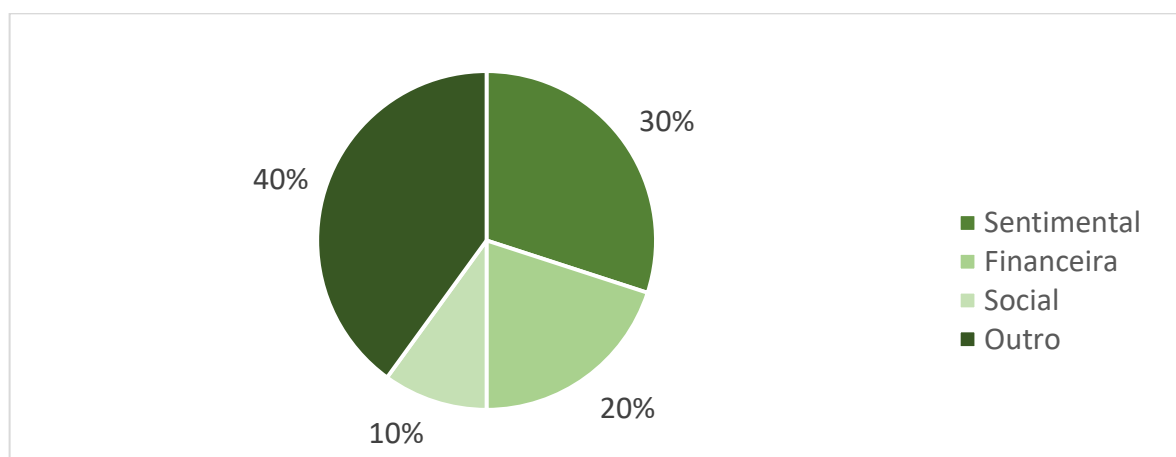
No esforço de se entender a relação existente entre os artistas e os espaços em que eles habitam, questão essa que é bastante trabalhada na Geografia de modo geral, onde busca-se entender a relação do homem com o espaço e seus elementos (físicos e sociais), em que na Geografia Humanista a relação do homem com o espaço e seus elementos está atrelada aos sentidos e sentimentos que cada pessoa sente durante o processo de transformar o espaço em lugar, que a personalização dessa conexão também foi levantada no questionário, na tentativa de saber como é a relação desses artistas com locais onde eles desenvolvem suas artes.

Santin (2017, p. 340) corrobora as demandas existentes na Geografia Humanista, no qual enfatiza que:

A geografia humanística possui potencial e ferramentas para apresentar ao homem formas mais afetivas, singulares e profundas de se relacionar com a Terra, pois um de seus objetivos sempre presente em seus estudos, é lembrar que a simbologia e os significados são a base do relacionamento do ser humano com seu meio, e que é preciso cuidar desta relação para que as ações humanas através do trabalho, da arte, do cotidiano sejam colocadas em prática com mais consciência e, assim, maior respeito para com o meio.

Atrelando os fundamentos na geografia humana nas análises dos dados, conforme demonstra o Gráfico 6, chegou-se aos dados que demonstram que, 30% (três) entrevistados indicaram que possuem uma relação sentimental com os espaços que utilizava enquanto desenvolvem seus dons artísticos, 20% (duas) pessoas que responderam ao questionário apontaram que possuem um elo financeiro com os ambientes que frequentam enquanto artistas, 10% (um) dos artistas amadores sublinhou que seu vínculo com os lugares de vivências artísticas está voltado para demandas sociais, e a maioria, o que corresponde aos 40% (quatro), sinalizaram a alternativa outro para definir sua ligação com espaços artísticos.

Gráfico 6 - Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: Da pesquisa

Ficou notório e explícito através de frases complementares acompanhadas das respostas, que esses 40% marcaram a opção outro por se encaixar em todas as

outras possibilidades, ou seja, por questão sentimental, social e financeira, sendo não só um motivo, mas todo o conjunto de alternativas estipuladas.

Verifica-se que cada indivíduo deu sua resposta conforme suas particularidades, com isso, os múltiplos sentidos ficaram evidentes, onde observa-se que os motivos para esses artistas habitarem os espaços não convencionais estão ligados ao amor, ao sentimento e a necessidade que eles têm pelas artes, pela importância de vossos papéis sociais de levar alegria, entretenimento e esperança para a sociedade, por necessidade de se manter, através dos dons que receberam ou que foram adquiridos ao longo da vida, pode-se dizer que é um misto de tudo, que é tudo isso e mais um pouco, mas que o motivo principal nada mais é do que o simples fato de serem o que verdadeiramente são, artistas.

Chilvers (2001, p. 16) no verbete do Dicionário Oxford de Arte aponta elementos a respeito dos artistas amadores através de definições com base na historicidade, onde salientam que:

Artista que trabalha puramente por prazer, e não como meio de vida. Na arte ocidental, a condição de amador só adquiriu significado com o advento da Renascença, antes do que as artes visuais eram tidas como meros ofícios, sendo, portanto, socialmente desacreditadas. Com a mudança no status social e intelectual do artista, introduzida por homens como Leonardo, até príncipes passaram a entregar-se à sedução das artes, não apenas como patronos, mas como amadores praticantes.

Sobre o processo de escolha dos espaços em que os artistas se manifestam, as respostas foram voltadas para demandas ligadas, a propostas feitas pelas empresas contratantes, outros priorizam a presença de público que passa pelo lugar e estrutura que o lugar possui, outros simplesmente ocupam os lugares que conseguem, sem muitos parâmetros, pois é difícil acessar alguns espaços e ter apoio, indo também através das indicações de parceiros do grupo, ou de escolha em conjunto das pessoas que fazem parte dos grupos artísticos.

Salientou-se que em alguns casos os locais não são escolhidos, mas sim estipulados, onde se apresentam em locais de festas, aniversário, formaturas, ambientes estes que possam ter estrutura de palco, som, iluminação, mas também em escolas, em eventos produzidos pela prefeitura e secretaria de cultura.

Foram citados ambientes fechados como igreja, salão de festas ou espaços ao ar livre, trabalhando com o que é possível, onde é possível e mais acessível,

priorizando locais seguros minimamente, o que por vezes acaba sendo seus próprios quintais, ou ambientes fechados que possuam amplificação adequada para o canto coral, indo de acordo com as demandas dos patrocinadores responsáveis pelos eventos.

A foto 8 mostra a diversidade artística que ocorre em espaços não convencionais, onde artistas, utilizam o espaço aberto do Beco Cultural para apresentarem uma peça teatral, o improviso e a versatilidade fazem parte do dia a dia do artista informal, todo e qualquer lugar se transforma em palco quando o artista se expressa.

Foto 8 - Intervenção artística no Beco Cultural de Rondonópolis, explicitando a relação dos artistas com o lugar.



Fonte: Acervo pessoal da Cia de Teatro CorpoAnu (2022)

Ao serem questionados sobre os fatores que os levariam a escolher determinado espaço para expressar sua arte e possivelmente receber por isso, foram dadas respostas nas quais mais uma vez aspectos ligados ao mínimo de estrutura técnica para as apresentações foram citados, onde apresentam fatores ligados a adequações físicas do espaço, a quantidade de público sendo um fator preponderante também, para assim ter contato com aqueles que já são conhecedores dos trabalhos artísticos da cidade, ou ainda, se apresentar para novos públicos que ainda não se sentem parte, ou não são adeptos dessas manifestações culturais.

Um outro motivo está ligado ao processo de divulgação do trabalho, na busca de levar suas companhias e grupos para se apresentarem, mostrar suas produções

para a sociedade, transmitir para as pessoas os frutos de muito ensaio e do que eles estão aprendendo, tendo o intuito de sempre valorizar a cultura rondonopolitana e mato-grossense através das artes, no sentido de oportunizar, fomentar a arte para todos sem exceção, pois é direito ao cidadão acesso à cultura e arte.

É nítido que os artistas amadores não apresentam pensamentos excludentes em relação aos espaços em que eles se apresentam, muitos relataram que esperam convites e quando estes chegam, são aceitos de prontidão sempre que possível, alguns não recebendo nada por isso, se apresentando pelo simples fato de amarem o que fazem, mas é claro que sempre que existe a possibilidade de gratificação pelo trabalho, os artistas recebem de bom grado.

Até mesmo, neste momento é pertinente ressaltar que os artistas de Rondonópolis precisam sair do amadorismo, a sociedade rondonopolitana precisa entender que ser artista é coisa séria, que é um trabalho e não só hobbies, no qual o incentivo financeiro ajuda na permanência e aprimoramento dessas ações, mas para que isso aconteça o poder público precisa implementar e executar políticas públicas que capacite o artista, que os tirem da informalidade e também que estimulem os municípios a consumir a arte e a cultura que aqui é produzida.

Ao que tange tirar os profissionais das artes do amadorismo e da clandestinidade, (ALCALDE, BOURLEGAT; CASTILHO, 2007, p. 233), ressaltam a importância do poder público em promover ações que visem capacitar esses trabalhadores.

Para que esses fatos sejam revertidos deve-se fomentar a cultura da cooperação e da confiança entre os membros da comunidade, realizar treinamentos e capacitação gerencial, para que elas dependam pouco dos agentes externos, governos e associações de classe e assim consigam definir sozinhos aonde, como e quando atingir a auto-suficiência do grupo.

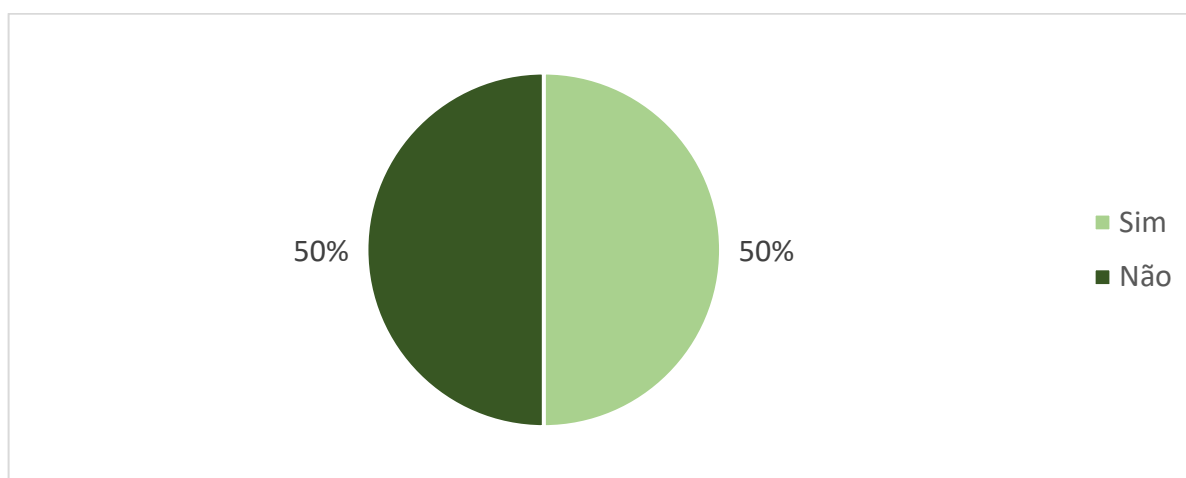
Em geral, não há muitos fatores de escolha, mas sim agentes ligados a oportunidades e demandas oferecidas pelo poder público, o que acaba não sendo muito e de instituições privadas como o SESC, donos de casas de shows, de bares, produtores e contratantes, estes que promovem festivais, feiras, festas e eventos.

O artista quer se manifestar, mas falta lugares com boa infraestrutura, falta apoio do poder público e falta que os moradores de Rondonópolis olhem mais seriamente para os artistas da casa.

Visando contemplar o objetivo principal da pesquisa no qual busca compreender as dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, bem como, a acessibilidade dessas ações na área urbana de Rondonópolis, foi indagado aos artistas amadores via questionário se segundo suas opiniões existiria algum tipo de segregação em espaço em Rondonópolis que os impendem de frequentar determinados espaços, e se a resposta fosse sim, que eles discorressem sobre os motivos.

No julgamento se haveria ou não segregação sociocultural urbana no município, o resultado foi um empasse em relação as opiniões, onde 50%, disseram que não percebem esse fenômeno ou que desconhecem, e os outros 50% responderam que existe segregação socioespacial no processo de ocupar determinados lugares. Observe tal retratação no Gráfico 7.

Gráfico 7- Na sua opinião existe algum tipo de segregação em espaço aqui da cidade de Rondonópolis que o impede de frequentar determinados espaços? Se sim, quais são os motivos? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: Da pesquisa

Nas justificativas foram mencionados que os espaços da cidade muitas vezes recebem todos os públicos, sendo de livre acesso, onde não percebem nenhum tipo de barreiras que os impeçam de adentrar em determinados espaços, o que confirma as respostas de que não há segregação para 50%. Porém, em alguns casos os outros 50% existe o impedimento de realizar suas expressões artísticas em ambientes privados pelos proprietários, em alguns ambientes públicos requerem autorização e isso costuma ser bem burocrático de se conseguir, em outros casos a plateia não

prestigia ou ficando incomodada com a presença do grupo de artistas, agindo com falta de respeito.

Outro fenômeno que explica essa seletividade, é quando as apresentações são bem divulgadas e acabam sendo de interesse da população, os preços são absurdos tornando inacessível para muitos. No entanto, quando temos um projeto acessível, normalmente ele não tem uma divulgação com bom alcance, continuando o ciclo de segregação e não valorização do que é local, ou tido como tipo de arte considerada consumível e lucrativa pelo capitalismo.

É válido tecer críticas em relação a valorização e comercialização das artes no mundo capitalista onde artistas e consumidores estão a mercê do que é visto como comercial ou não, onde existe uma taxaço dos trabalhos artísticos, para que ações, obras e manifestações artísticas estejam nos formatos do que é comercial. Sempre o mais do mesmo, o que é ideológico, original e diferente quase sempre não é aceito pelo sistema. A prerrogativa ideológica não é mais algo vendável. Ou jogam-se as regras do mercado ou se está fadado ao fracasso. Não há espaço para lacunas, para prerrogativas, para crenças, como a dos amadores: a objetividade comercial e o conhecimento especializado devem prevalecer. (MELO; ANDRAUS, 2015, p.107)

Outro ponto levantado é a pouca demanda de espaços culturais públicos, e ainda que eles sejam descentralizados, sendo isso uma questão urgente. A cidade conta com um dispositivo como o Centro Cultural José Sobrinho, mas para o número de habitantes do município esse acaba sendo insuficiente, até mesmo a oferta de arte e cultura nos bairros afastados do grande centro seria a melhor maneira de garantir o direito ao acesso a esse segmento.

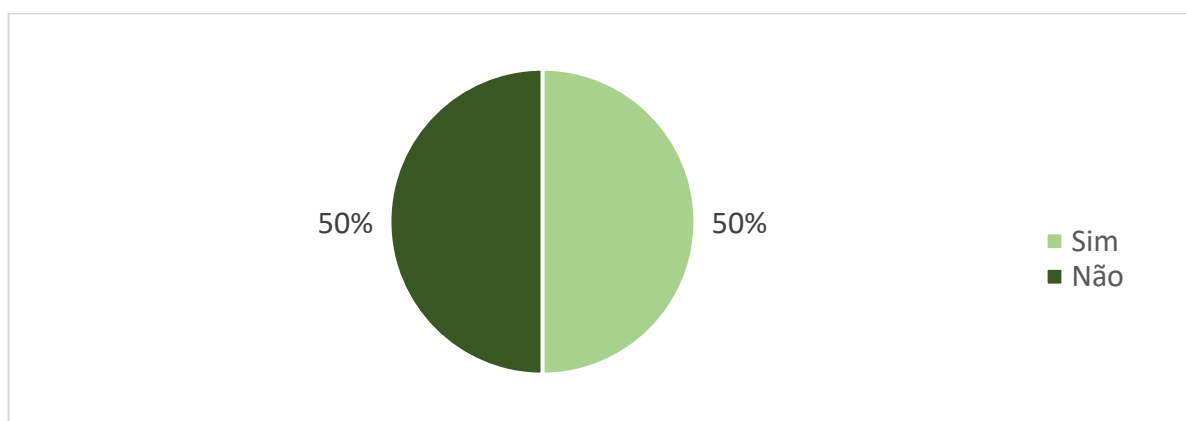
Existem sim, espaços que são ofertados e destinados para alguns públicos distintos, uns para públicos adultos e outros mais familiares que atendem tanto adultos como crianças por exemplo, mas a inacessibilidade vai além desse aspecto, aquele que apresenta condições de se locomover, aqueles que possuem maior poder aquisitivo possui maiores acessos e oportunidades no mundo das artes, comprando ingressos de shows privados, fazendo aulas e cursos particulares, enquanto quem não possui essas condições fica desassistido e segregado.

Essas diferenças são reforçadas por Trivinho (2006, p. 110) ao destacar a arte no contexto da segregação, dizendo que:

É pela recolocação da divisão esquemática entre aptos e inaptos, alicerçada na distribuição social aleatoriamente desigual dos acessos como capital simbólico, que o modus operandi da cibercultura realiza a forma de segregação técnica doravante mais avançada, incomparavelmente mais eficaz, porque impassível de fácil identificável em meio ao emaranhado de sulcos e desvios da pródiga fenomenologia dos processos cotidianos.

Sobre o fato de possuir ou não acesso a todos os ambientes nos quais os artistas gostariam de estar presente para prover suas manifestações, ocorreu um novo equilíbrio, onde metade disse que sim, que conseguem acessar todos os lugares, e a outra metade relatou que não alcançam todos os espaços que gostariam, configurando um total de 50% para uma parcela e 50% para outro, um equilíbrio de meio a meio. Como vemos no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os 50% que responderam não, metade levantaram pontos a respeito da falta de apoio, onde a cultura e os artistas não são visto, lembrados e valorizados, ressaltando que a tentativa de se sustentar sendo artista no cenário atual é praticamente inconcebível, tendo que se manterem com trabalhos principais em outras áreas, deixando a arte como algo paralelo para manter a sanidade, e através disso, não é possível ter acesso a espaços que mesmo que queiram muito ocupar, acabam por não ter essa disponibilidade de horário.

Sendo presente o sentimento de serem lesados enquanto artista, pela inexistência de um teatro municipal, tendo que se submeter a dispositivos como o Sesc, dependemos das pautas de uma gestão que possui dificuldades em abrir o

diálogo com outras faixas etárias, onde relatado que quem trabalha com espetáculos para o público adulto, acabam não tendo oportunidade de se apresentar em espaços fechados e formais quando necessário.

Porém a quem diga que seja privilegiado, por sim conseguir estar em todos os ambientes (50% das respostas sim da pesquisa) na qual entende que está de acordo com a proposta de apresentação do seu segmento artístico, mas que um dos maiores motivos para que isso aconteça, é pelo fato do artista estar na gestão da cultura, seja pública ou seja privada.

As demandas relacionadas a ocupação de espaços vão de acordo com as necessidades de cada um, pelo fato dos entrevistados serem de diferentes segmentos artísticos, de distintos graus de instrução e classes sociais, que ocorre esses resultados com margem ao mesmo tempo tão distintas e similares, dentro desse grupo existem pessoas que se apresentam de forma mais esporádica, outros de maneira rotineira, uns podem se dedicar as artes em período integral, outros não, e as oportunidades são diferentes, as desigualdades existem e elas também se mantem no campo da acessibilidade de espaços.

Apesar do grande contraste das pronúncias anteriores, houve unanimidade entre os artistas amadores quando a autodefinição e afirmação de serem artistas, haja visto que não existe definição e enquadramento único para tal pessoa ser considerada artista, mas existe um processo de taxação muitas vezes levantado pela mídia e opinião pública, sobre quem de fato se encaixa em padrões artísticos estipulados pelo sistema capitalista, num fenômeno de julgamento do que é o não é arte, mas felizmente 100% dos entrevistas disseram se considerar artistas, desempenhando um importante papel na sociedade em que vivem.

Arslan (2010, p. 10) faz um alerta a cerca as taxações feitas a classe artística amadora em relação aos artistas profissionais, destacando que:

No senso comum, profissional é aquele que faz arte como investigação pura da linguagem e amador aquele que faz arte por deleite. Mesmo aquele que vive de vender pinturas é chamado de amador se não faz arte como investigação de linguagem. Ou seja, a separação estaria, neste caso, marcada por uma concepção diferente de arte.

Se autoafirmando como artistas, mesmo que viver em sociedade seja complicado, pois muitas vezes essa sociedade não respeita e nem apoia a classe. Onde desempenham um papel importante, ajudando os jovens, e abraçando minorias

e levando arte e cultura para todos os lugares, desempenhando um bom papel enquanto cidadãos.

São artistas por trabalharem nessa área, onde levar o melhor para as pessoas, através de aulas e apresentações, com essência, paixão e admiração, por esse seu lado cultural e artístico, que por mais que não sejam profissionais é algo feito de dentro para fora, feito com amor, onde se sentem realizados pessoalmente.

Mesmo ser artista é um conceito um tanto variável, mas se acredita que a partir do momento que se tenha um processo criativo, com desejo de compartilhar, já ocorre o entendimento de ser artista, como alguém que veio para não acomodar com algo que incomoda, mas alguém que critica e defende esse direito, pessoas ativas socialmente, que contribuem com o desenvolvimento da sociedade através do seu trabalho, um trabalho que movimenta a economia, que promove reflexões e que necessita de investimentos, projeções de futuro como qualquer outro.

Podendo citar Freud, em mal-estar na civilização, para explicar esse processo onde os artistas lutam constante entre o que os move, e o que o tecido social aprova. A questão decisiva estaria em saber até que ponto o desenvolvimento cultural dos seres humanos conseguiria “dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição” (FREUD, 1996a, p.147).

Através desses levantamentos a respeito da liberdade, das dinâmicas espaciais e sociais que acarretam em dilemas sociais ao que tange a imposições e a luta das pessoas para escaparem ao que lhes é imposto (FREUD 1930, p. 102) destaca que:

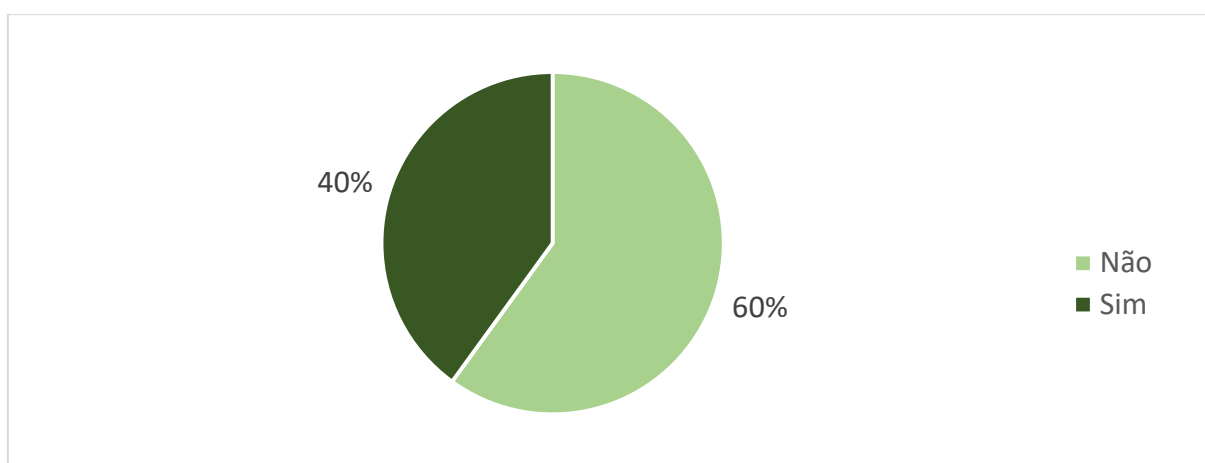
O maior desafio das lutas da humanidade centraliza-se em torno da tarefa de encontrar uma acomodação conveniente entre as reivindicações culturais do grupo e as do sujeito, e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização [justiça] ou se tal conflito é irreconciliável.

Os artistas amadores fazem parte de pessoas que lutam, estudam e está sempre em busca de levar arte e cultura como proposta de formação integral do indivíduo, sendo um grão de areia na imensidão das possibilidades que se pode alcançar, depende de oportunidades e dos incentivos e apoios das pessoas que fazem parte dessa jornada, que vão ao encontro com esta consonância. A cena artística é existente e forte em nossa cidade, embora cheio de pontos a crescer e se desenvolver,

mas, sabe-se que é necessária uma intervenção latente de profissionais do poder público para que mais manifestações possam acontecer.

Ao serem questionados sobre se saberiam da existência de uma classe de artistas de rua se manifestando em espaços não convencionais em Rondonópolis, e se caso a constatação fosse positiva, quais seriam as características dessa classe, o gráfico 09 mostra que do total de 100% dos interrogados, 60% entenderam que não conhecem e não enxergam uma classe de artistas de rua em Rondonópolis, no entanto os outros 40% apontaram a presença desse grupo no município e elencaram alguns atributos.

Gráfico 9 - Na sua opinião, existe uma classe de artistas de rua em Rondonópolis, se sim quais são as características dessa classe? (Grupo A Artistas Amadores)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Para quem disse sim (40%), alegou que eles estariam principalmente em praças e semáforos, e que tirariam seus sustentos de espaços não convencionais, como as ruas com dança, teatro, circo e música. Mas que viam um processo de organização coletiva, no formato de grupos, sendo majoritariamente trabalhos solos, não se configurando exatamente como uma classe única dentro da cena artística local.

Os que levantaram parecer negativo a existência de uma classe composta por artistas de rua em Rondonópolis (60%), estes apresentaram argumentos de que essa classe já existiu, mas por algum motivo, que ninguém sabe ao certo, essa classe extinguiu-se e no momento não existiria mais. Era visto uma classe de artistas de rua

em Rondonópolis, principalmente malabaristas, no entanto todos esses artistas, por algum motivo não oficial, não exercem mais sua arte nas ruas de Rondonópolis.

É visto que existem pessoas que trabalham nas ruas, mas não se sabe ao certo se eles entrariam dentro de uma categoria, não se sabe se há um entendimento coletivo a respeito do que é esse trabalho nas ruas, é algo incerto, onde não exista nenhum tipo de diálogo entre as outras camadas artísticas da cidade a respeito disso.

São vistos grafites, artistas circenses na paisagem da cidade, estando estes em constante formação, mas é necessária uma mobilidade maior do poder público para que tais manifestações ganhem mais espaços, notoriedade e possibilidades de atuação.

Dentro da própria cena artística fica perceptível o processo de invisibilidade ocorrente com os artistas de rua, tendo pouca adesão e ações no próprio meio artístico do município. Ser artista é difícil, duras penas são enfrentadas, e ser artista de rua é ainda mais árduo, e não são todos que estão dispostos a enfrentar o que eles enfrentam, precisa ter muita coragem e disposição.

A fim de fomentar o debate sobre as problemáticas vividas pela classe artística independente de Rondonópolis, e entender as vivências dos mesmos nesses espaços, foi questionado aos artistas amadores, quais são os pontos positivos e os negativos em se apresentar em espaços públicos não convencionais?

Os positivos se dão ao público e sua amplidão, onde se pode alcançar várias classes, desenvolver e expandir cultura por todos os lados, permitindo acessos, resgates da cultura, amostras de trabalho, tendo contato com pessoas de todas as faixas etárias, podendo alcançar quem as vezes nunca teve contato com esse tipo de expressão, pois acesso é poder e o poder é a informação os alcançando, independente de divulgação ou investimentos.

Outro aspecto afirmativo está ligado ao reconhecimento do público, também em se ter novas oportunidades de ter ajudas financeiras revertidas em figurinos, maquiagem e estrutura para o grupo.

O trabalho em espaços não convencionais é visceral, instigante e muito poético, ele não é só um trabalho, ele é parte de uma intervenção urbana, modifica a maneira de ver a cidade, está relacionada à liberdade, e para o artista poder escolher onde se apresentar é um direito e uma liberdade criativa permitindo que se tenha também o fator surpresa, dando acesso aos bens culturais e possibilidades de contemplação e formação cultural.

Já os aspectos negativos estão ligados a falta de apoio das secretarias e governo, é levantado também a pouca infraestrutura, com carência de estrutura, banheiro, tomadas, cobertura, água e outros elementos a disposição do artista, por não serem tão propício a práticas artísticas, em espaços pequenos com muito fluxo de pessoas e veículos podem ocorrer acidentes e os artistas e terceiros podem vir a se machucar.

A foto 9 retrata alguns dos dilemas vividos pelos artistas que utilizam espaços não convencionais para manifestar seus dons, sempre de acordo com as possibilidades de cada espaço, mesmo ao relento, sem condições mínimas de estrutura, os artistas se preparam para entreter e agraciar seu público.

A foto 9 mostra um artista amador da cidade de Rondonópolis se maquiando para apresentar a peça teatral Nequino no Picadeiro, peça essa que retrata trechos da vida e obra do poeta mato-grossense Manoel de Barros na praça Martinha Carvalho.

Foto 9 - Artista amador se maquiando em espaço não convencional, com defasagem na estrutura física do lugar.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Estar à mercê da violência é outro prisma negativo, onde o desprezo por parte das pessoas que não curtem tal prática também fica evidente, o que dificulta pôr em prática e executar o trabalho que foi planejado, pois o elemento cênico não cabe, a energia não aguenta, a lista é imensa.

Nota-se que os elementos negativos são bem pertinentes e sérios, mas ao se fazer as análises, observa-se que as quantidades de elementos positivos se mostram em maior número, apesar dos percalços no processo, na medida em que o artista se manifesta e entra em contato com o público esse se realiza. Os problemas citados devem ser sanados, os artistas e público merecem respeito, o Estado precisa valer das suas atribuições e tornar esses ambientes melhores, na medida em que os pontos negativos sejam solucionados na sua totalidade, e se tornem cada vez mais insignificantes.

Continuando no processo de se entender as vivências e as dinâmicas pessoais dos artistas do espaço e com sociedade no qual ele está inserido, dando ênfase na valorização dos artistas, perpassando pelo campo material, historiográfico e pessoal, a pesquisa buscou abordar personalidades de se enriquecer com aspectos empíricos através de experiências e conhecimentos, com isso, desejou-se saber por que você escolheu ser artista, se é que foi uma escolha?

As respostas começam com falas ligadas à paixão, dons, fonte de renda, por eu gosto muito e vários outros. A fala de que não foi uma escolha, mas sim as artes que os escolheram foi constante, mas que também aconteceu por necessidade. Ser artista é algo que está na vida de muitos desde a infância ao participarem de projetos culturais nos quais marcaram suas vidas.

Outros iniciaram nesse mundo através de um convite, outros gostam da rua, das praças, dos quintais, pois assim foram criados, e ocupar espaços não convencionais como as ruas proporciona uma proximidade, uma intimidade com o público.

Ir para a rua confronta o processo porque não é possível prever tudo. Não se tem controle sobre o tempo, sob a reação das pessoas, sob o público que se aproxima para assistir, sendo de fato imprevisível, sendo um trabalho vivo, que dialoga com vários espaços, ser artista na maioria dos casos é uma consequência da formação empírica de cada indivíduo, podendo ir também para a formação acadêmica.

Continuando nessa toada, foi perguntado como se deu o processo de aprendizagem da atividade artística que você executa nos espaços não convencionais. Assim, foi destacado que foi com dificuldades e pouco incentivo do meio social, projetos sociais, outros começaram na escola, em grupos de jovens da igreja católica, houve quem estudasse por anos e se aperfeiçoou em oficinas sempre que tivesse oportunidade.

Também teve quem agarrasse as oportunidades de ensinamentos de amigos, em encontros e reuniões com outros artistas para trocar, aprendido olhando-os ensaiar, de forma informal ou não formal, conseqüentemente há muita troca de conhecimento e interação cultural, assim, houve aperfeiçoamentos profissionais e pessoais.

Por último o questionário tratou de saber como a pandemia de Covid-19, se estabeleceu sobre você e sobre seu trabalho nas ruas. As falas acompanhadas de confissões atribuíram a um período significativo, no início negativo, pois foi um período sem fonte de renda, por conta da paralisação onde os artistas que se manifestam em grupos tiveram que se afastar.

Foram dias terríveis, pois o público não mais frequentava as praças e com isso os artistas de rua ficaram sem sua principal fonte de renda. Foi bem complicado, pois não tinha como promover ensaios e apresentações e trabalhos em geral. Com isso, houve realizações de lives através das redes sociais, porém não deu muito certo, não era a mesma coisa. Em alguns casos tiveram ajuda através da secretaria de cultura, e assim, tiveram que esperar tudo normalizar para voltar às condições adequadas.

Com a pandemia um longo período de intervalo das apresentações, com afastamento de atividades como estudos, todos os trabalhos ficaram paralisados por quase dois anos, até voltar aos poucos com tímidas apresentações online e o retorno foi um pouco estressante, esse tempo recluso deixou os artistas um tanto quanto "enferrujados" e abalados.

4.3.2 Artesãos, os artistas que constroem esperança com suas mãos: a Vitrine da Arte de Rondonópolis

O processo de análise de dados continua ao discorrer agora sobre os dilemas, as vivências, as experiências dos artesãos que atuam em espaços não convencionais presentes no perímetro urbano do município de Rondonópolis, onde as dinâmicas ligadas ao espaço vivido entre esses artistas com os espaços e a sociedade no quais estão inclusos, dão base para destacar os resultados apresentados a seguir.

A busca é entender a relação dos artesãos com os espaços em que eles ocupam e efetivam a inter-relação homem/natureza, onde o espaço vivido é fruto das dinâmicas existentes pelos elementos físicos e sociais presentes neste ambiente.

Na medida em que são empregados sentidos, sentimentos e interpretações humanas nesses espaços, os mesmos se tornam um lugar, estes que são ligados as interpretações e as afetividades do homem no espaço em que ele habita, onde o lugar influencia na cultura e nos hábitos das pessoas, e as pessoas implementam suas manifestações nesses lugares, sendo um processo mútuo, o homem age no lugar e o lugar influencia o homem. Essa relação se dá na influência do meio sobre o homem, bem como na criação de significados e valores que influenciam o meio. (SANTIN, 2017, p. 329).

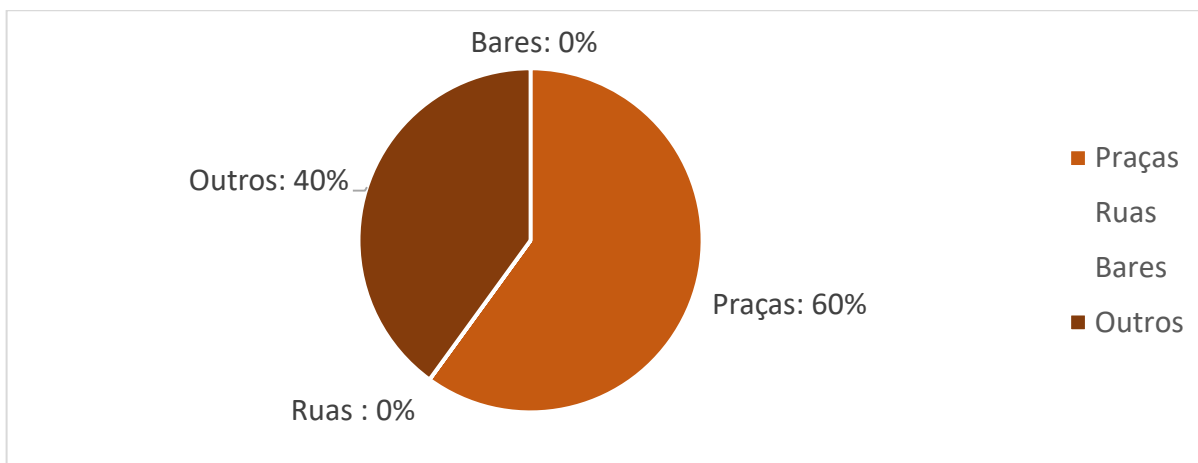
Massey, (2008, p. 29) (apud GONÇALVES, 2013, p. 01), explica a conexão do homem com o espaço que o cerca, na medida que o processo de inter-relação entre o homem e o espaço aconteceria através de três direcionamentos, descritos como:

Na primeira proposição, reconhece o espaço “como o produto de inter-relações, como constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno”. Na segunda proposição é compreende-o como: “esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então, deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos”. E por fim na terceira proposição, a autora reconhece o espaço como: “estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão [...] embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se [...] Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de histórias-até-agora”.

Para entender todos esses fatores, foram entrevistados um total de cinco artesãos, pessoas essas que criam, constroem e confeccionam objetos artísticos com suas próprias mãos, estes que expõem e vendem suas obras em espaços não convencionais como ruas, praças, bares e outros estabelecimentos. Dentre os artistas que responderam ao questionário, três deles, ou seja, 60% sendo a maioria, disseram que se fazem presentes principalmente em praças, os outros dois, que equivalem a 40%, marcaram a opção outros, e explicaram que ocupam todos os espaços citados como alternativa e também alguns outros. Não foi marcado diretamente as alternativas

ruas e bares, mas tais espaços também são frequentados por esses artistas para comercializarem suas obras, como veremos de forma mais detalhada em instantes. O Gráfico 10 evidencia tais dados.

Gráfico 10 - Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente? (Grupo B Artesãos)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Ao replicar suas visões e interpretações sobre as perguntas compostas no questionário, foi unânime dizer que o principal lugar onde eles apresentam seus trabalhos, é na Praça Brasil, 60% uma das principais de Rondonópolis, situada bem na área central, onde cotidianamente tem um grande fluxo de pessoas transitando por este espaço. A Praça Brasil, acaba sendo uma vitrine ao ar livre para os artesãos.

Além da praça, os 40% que marcaram a opção outros dizem que o casario acaba sendo um outro importante espaço de visibilidade para esses artistas, onde eles mostram seus artesanatos para as pessoas que estão nos bares e estabelecimentos comerciais presentes nesse lugar que também recebe muitos turistas, sendo que uma artesã entrevistada possui uma loja formal nesse espaço, com isso, nota-se que os artesãos atendem aqueles que procuram seus trabalhos em estabelecimentos fechados, mas que também estão em espaços abertos informais, não só esperando que o consumidor vá até eles, mas eles também vão ao encontro dos seus fregueses.

Nesse processo também é de praxe que os artesãos estejam nas feiras municipais de Rondonópolis, onde foram mencionadas principalmente a feira da Vila Operária e a feira da Vila Aurora, esses artistas têm passe e carteirinha para estarem nesses lugares que são grandes centros comerciais, por essas feiras estarem cada

dia em um lugar da cidade, eles conseguem alcançar um maior público que venha a consumir suas obras.

Como no caso da foto 10 que mostra o acervo de peças de um artesão rondonopolitano na feira da Vila Operária.

Foto 10 - Exposição de artesanato na feira da Vila Operária



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Dentro de toda essa dinâmica foi transcrito que também é comum que alguns artesãos saiam a noite para vender seus produtos em lanchonetes e bares, como a principal fonte de renda dos artesãos é a venda das suas obras de arte, eles estão onde as pessoas estão, portanto no período diurno eles frequentam os espaços onde as pessoas passam para ir trabalhar, pagar conta e comprar algo, a dinâmica é essa, e no período noturno eles vão para os lugares onde as pessoas buscam lazer e diversão, na tentativa de desempenhar o seu trabalho e conseguir meios para subsidiar dignamente, se manter e pagar suas contas.

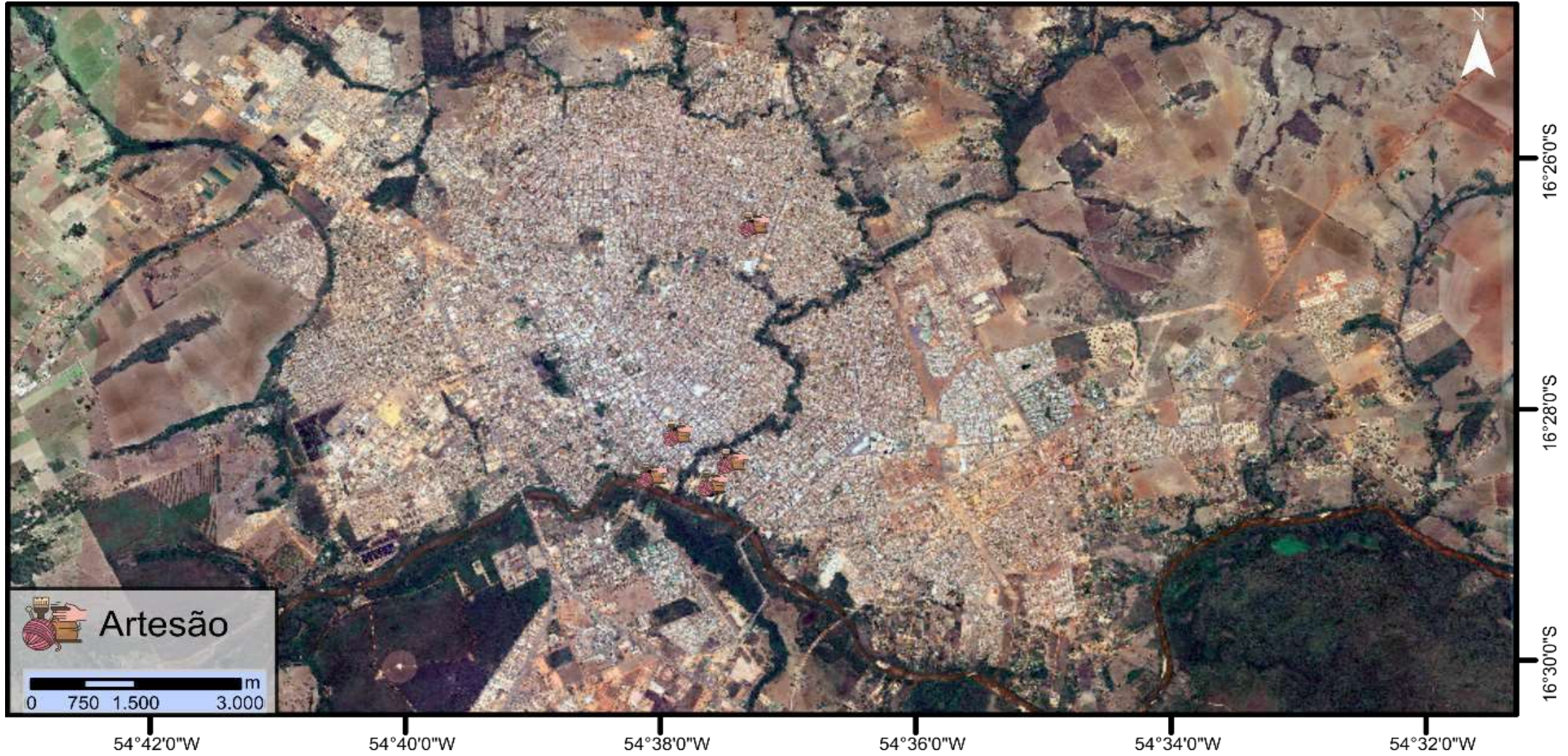
Todos os artistas que responderam ao questionário nesse grupo (B) caracterizam-se por serem artesãos, no processo de caracterização da cena artística por esse estudo, quis o pesquisador abordar os artistas informais que ocupam espaços não convencionais separadamente, cada um possui seus atributos de natureza intrínseca, sabendo que práticas de cada grupo são diferentes, e que poucos

são os estudos voltados a essa classe, a pesquisa visou abordar o máximo de artistas possível.

Então, todos os resultados desse bloco estão relacionados 100% as competências do grupo artístico de artesãos, estes que fazem pintura corporal e de rena, que fazem esculturas de arame, madeira e barro, que confeccionam brincos, pulseiras, anéis colares e outros objetos de adornos corporais e também de ambientes. Tais dinâmicas estão ligadas ao fazer do artesão, tecer tramas com fios, moldar barro e arames, pintar telas que se enredam e configuram as paisagens do seu lugar, ao mesmo tempo em que se cria a si mesmo (BOCCO; LAZZAROTTO, 2004, p. 45).

O Mapa 3 demonstra os principais pontos onde os artesãos costumam frequentar para expor e desenvolver seu artesanato, arte e cultura no perímetro urbano de Rondonópolis.

Mapa 3 - Espaços não convencionais que os artesãos, mais se fazem presente em Rondonópolis/ MT.



Fonte: Google Earth
Elaboração: Laboratório de Cartografia-DEGEO-ICHS-CUR-UFR
Organização: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os espaços não convencionais onde os artesãos mais frequentam no perímetro urbano de Rondonópolis, são principalmente a Feira da Vila Operária, a Feira da Vila Aurora, o Casario, a Praça Brasil e a Praça dos Carreiros, desses cinco, quatro estão na região central, e apenas um, a feira da Vila Operária não se encontra no centro.

Todos os principais espaços não convencionais citados nas entrevistas são públicos, e estes apresentam grande movimentação de pessoas, as praças por ficarem bem no centro da cidade, rodeadas por lojas e estabelecimentos, e a Praça Brasil em si, fica localizada na região com a maior concentração de agências bancárias da cidade, o que favorece a circulação de pessoas, que vão para esses lugares com veículos próprios, ou por transportes públicos.

As feiras citadas são as duas maiores da cidade, sendo cobertas e com infraestrutura consideradas boas pelos artistas. Por serem áreas onde se desenvolve muitos comércios, onde as pessoas vão para abastecer suas geladeiras e dispensas para a semana, acabam sendo também grandes vitrines para os artesãos exporem seus trabalhos, essas feiras funcionam em dias específicos, a Feira da Vila Aurora nas sextas-feiras e a Feira da Vila Operária aos domingos.

O casario é um lugar bem conhecido da cidade, onde lojas voltadas para o artesanato local funcionam ali diariamente, sendo um ponto de encontro de várias tribos em Rondonópolis, é um lugar bem sugestivo e propício para os artesãos que possuem lojas fixas ali, e também para os artesãos itinerantes que expõem nas ruas, mas que no período noturno expõem e vendem suas artes ali.

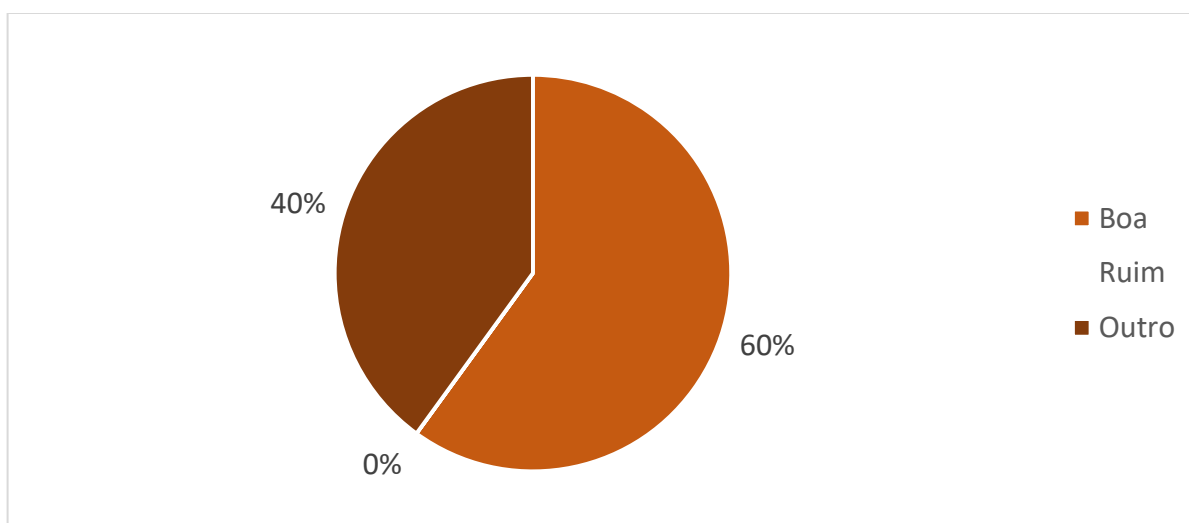
É certo que ocorre uma maior concentração dos artesãos na região central, onde foi relatado que a Praça Brasil é o principal ponto onde os artesãos se fazem presentes, o único local que foge dessa realidade é a Feira da Vila Operária, mas que é localizada na região central no distrito da Vila Operária. Sendo assim, podemos ver no mapa os principais espaços que o artesão utiliza para promover a arte e a cultura em Rondonópolis.

Vale destacar que esses são os lugares mais citados nas entrevistas tidos como os mais importantes, onde é constante a presença desse grupo artístico ali, e como destaque, outros espaços privados fazem parte do cotidiano desses artistas como bares, conveniências e eventos privados, mas durante os questionamentos esses espaços não foram nominados. É certo que os artesãos estão onde tem um maior

número de pessoas, com grande movimentação comercial, mas que apesar disso eles vão até as pessoas, levam beleza para suas vidas e promovem a arte e cultura local.

Dando continuidade na análise de dados, a seguir é apresentado o Gráfico 11 que ressalta as opiniões dos artesãos a respeito da cena artística de Rondonópolis.

Gráfico 11 - Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis? (Grupo B Artesãos)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Como a pesquisa deseja trazer a crítica dos artistas em relação ao segmento no qual eles estão inseridos na comunidade no qual faz parte, que o exame feito pelos artesãos sobre a cena artística e cultural de Rondonópolis é muito importante. Sendo assim, 60% acham que a o conjunto artístico da cidade desempenham um bom papel, sendo bastante ativa, com trabalhos de qualidade e que no parâmetro geral a mesma é forte e produtiva, onde receberiam ajuda do poder público, ocupando espaços regidos por esse poder como a secretaria de cultura, definições de serem um grupo unido.

Já 40% deram outro parecer em relação a essa pergunta, no qual pontos de vista foram levantados, como caracterizar o cenário artístico local mediano, como foi dito, que é mais ou menos, onde precisaria de mais apoio, pois os incentivos são poucos, também foi ressaltado que os trabalhos desenvolvidos e os artistas são admiráveis e bem-vindos, mas que o mesmo se encontra em desenvolvimento, e ainda é muito restritiva.

O artesanato auxilia no desenvolvimento local, como colocam Alcalde, Bourlegat e Castilho (2007, p. 233):

O comportamento dos artesãos, a percepção das políticas e as mudanças não são automáticas. A aprendizagem é um processo de médio e longo prazo, constituindo-se em oportunidades concretas de desenvolvimento. No entanto, verificou-se com o estudo que na comunidade de artesãos de Três Lagoas-MS a falta de: espaço físico para a venda dos produtos, mercado para os produtos, recursos financeiros, divulgação dos produtos e a dependência dos agentes externos, relação interpessoal são fatores que dificultam o desenvolvimento da comunidade de artesãos no local.

Nenhum artesão avaliou negativamente a cena artística rondonopolitana, pois é certo que a mesma carrega muita qualidade, tendo trabalhos destacados em escalas estadual regional e nacional, com trabalhos pautados na seriedade e mais alto nível, pois mesmo que órgãos públicos não destaquem estes trabalhos de tal forma, os artistas tendem valorizar a si e também os seus semelhantes.

É notório que o grupo de artesãos não ficam no campo da informalidade aqui no município, eles possuem uma organização própria, com uma associação que cuida e luta pelos seus direitos, chamada de Associação Poguba de Artesãos de Rondonópolis – Apar, onde alguns dos entrevistados fazem parte dessa associação, possuindo carteirinha profissional de artesão e assim tendo benefícios resguardados a sua profissão.

Assim como conta no blog da Associação Poguba de Rondonópolis em uma publicação feita em 14 de julho de 2012 a respeito dos seus trabalhos, origem e principais características:

A APAR - Associação Poguba de Artesãos de Rondonópolis tem por compromisso divulgar, representar e criar meios legais para os artesãos exporem e venderem os seus artesanatos seja dentro a cidade ou, até mesmo, outros estados. A Associação Poguba já realizou exposições, além de Rondonópolis, em Cuiabá, Primavera do Leste, Brasília entre outros. A denominação de Poguba vem do nome dado ao Rio Vermelho tem por significado - rio de águas avermelhadas. Desta forma, o primeiro nome de Rondonópolis foi Rio Vermelho. Rondonópolis fica localizado no entroncamento das rodovias para Campo Grande e Alto Araguaia.

Portanto, os artesãos realizam um importante trabalho no município, além de gerar artes, manter os costumes e culturas de Rondonópolis vivos e presentes nas suas obras, esses profissionais movimentam a economia local, estando em feiras, praças, ruas e estabelecimentos comerciais, sendo o cartão de visita do município para aqueles que vem de outros lugares do Brasil e mundo, como retrata a foto 11.

A foto 11 evidencia uma artesã que faz parte da associação Poguba expondo seu trabalho nos corredores da Universidade Federal de Rondonópolis.

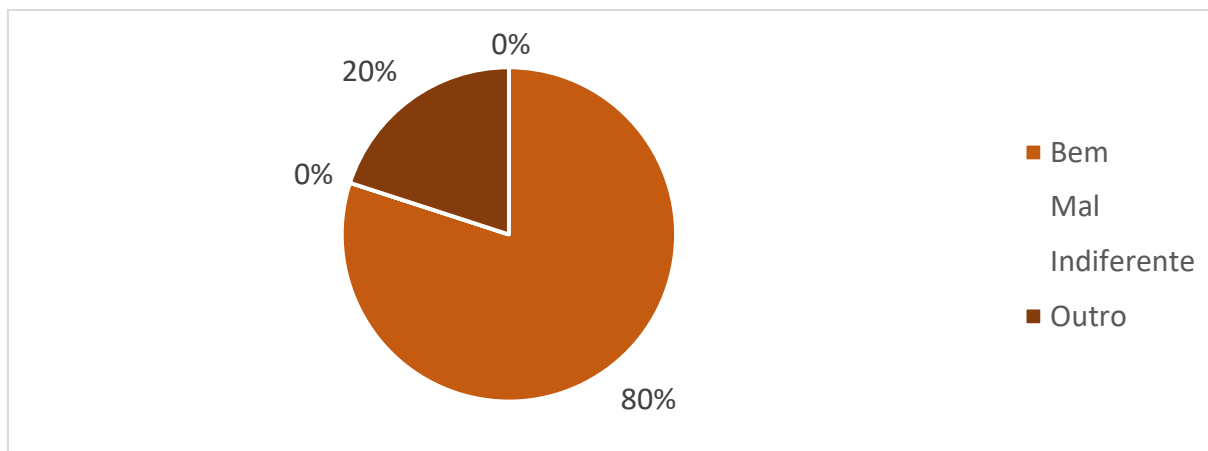
Foto 11 - Feira de Artesanato na UFR



Fonte: Acervo da Associação Poguba de Rondonópolis
Disponível: <http://associacaopoguba.blogspot.com/>

Quando perguntado sobre a forma que costumam ser recebidos pelo público que consomem sua arte, os artesãos foram categóricos em dizer que na maior parte das vezes são recebidos muito bem, o que totaliza 80% dos entrevistados, o equivalente a 20% destacou que na maioria das vezes é bem recebido, mas que também acontece de em casos esporádicos algumas pessoas virarem a cara, e por isso marcou a alternativa que corresponde a forma de tratamento nem bem e nem mal, sendo outro, felizmente nenhum entrevistado diz ser massivamente tratado mal ou de forma indiferente. Todos esses percentuais podem ser acompanhados no gráfico 12.

Gráfico 12 - De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho? (Grupo B Artesãos)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Todo artista possui o dom da comunicação e da expressividade, onde conseguem cativar as pessoas através de gestos, conversas, olhares e ações, os artesãos encantam visualmente o consumidor com sua arte, mas é através da fala que acaba ganhando ainda mais a admiração do cliente, mas nesse caso não é uma relação vendedor e comprador, até mesmo porque preço é só um símbolo, o valor da arte é incalculável, o sentimento empregado na produção da peça, a estima causa pela felicidade em se adquirir determinado objeto são incalculáveis, onde as trocas não ficam só no campo financeiro, mas principalmente no afetivo.

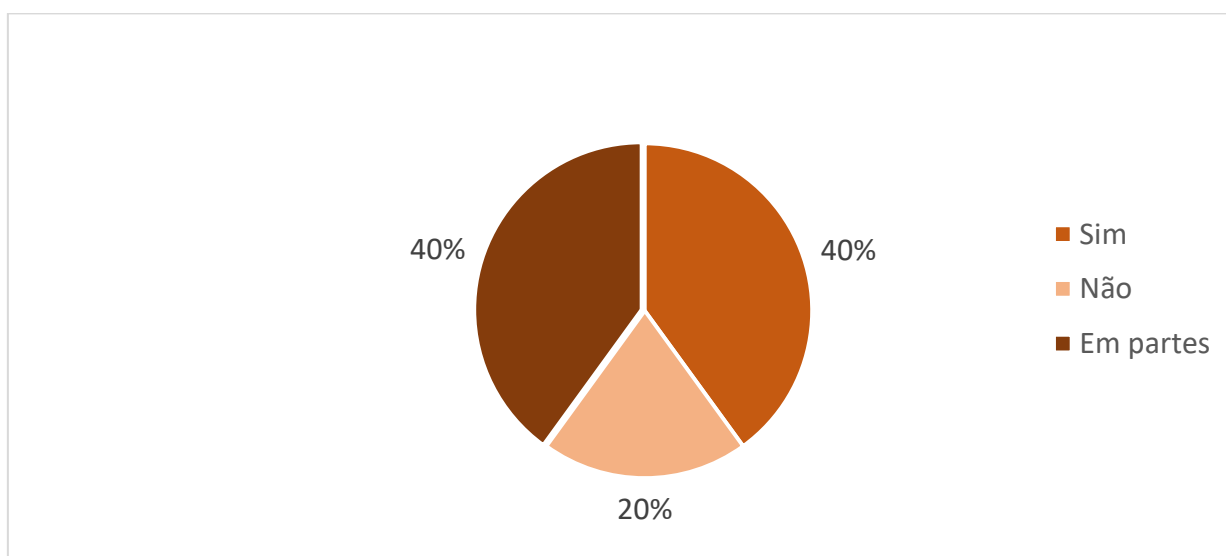
Geralmente os artistas que vendem sua arte em espaços não convencionais são muito educados, sabendo abordar e chamar a atenção do cidadão para seu trabalho de maneira muito respeitosa, não havendo nenhum tipo de importuno, só consome seu trabalho quem de fato deseja, postos esses que amparam as respostas 60% que marcaram a opção bem, mas também acontece que só pelo simples presença dessas pessoas em determinados ambientes causa desconforto, incômodo esse causado muitas vezes pelo preconceito, e é onde acontecem casos de maus tratos e segregação, onde os artistas são retirados principalmente de locais privados, motivos esses ligados ao 40% que assinalaram a alternativa outros. Nos relatos essa realidade foi minimamente apontada, mas mesmo que seja em menor grau, essas atitudes devem ser combatidas.

Foi destacado nos relatos individuais que o rondonopolitano é um povo acolhedor e simpático, que recebem bem e são respeitadores, nesses casos, faz-se a análise que o munícipe apesar de não ter o hábito de consumir grandiosamente

material artístico local, a educação tende a prevalecer, mesmo que cidadão rondonopolitano precise de uma evolução em relação a procura e valorização da arte local, é válido destacar que os artesãos conseguem e tiram o seu sustento do trabalho desenvolvido na cidade, há muito o que melhorar, mas a gratidão e a essência tida pelos artistas fica nitidamente evidente em seus relatos.

A infraestrutura dos espaços em que os artesãos utilizam para vender, expor e expressar suas artes, foram julgados da seguinte forma, 40% disse que esses espaços contemplam as suas necessidades, sendo o que eles consideram como fundamentais para subsidiar minimamente bem, 20% chegou ao parecer que os espaços não possuem uma boa estrutura, com condições precíguas de uso e que junto com o processo de ocupação teria vários problemas inclusos, sendo os demais 40% chegaram ao parecer de que suas necessidades são alcançadas em parte, onde umas são cumpridas e outras deixam a desejar. Ao se defrontar com o Gráfico 13 adiante, observamos as opiniões dos artesãos que responderam ao questionário apresentados de forma de porcentagem.

Gráfico 13 -Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas? (Grupo B Artesãos)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

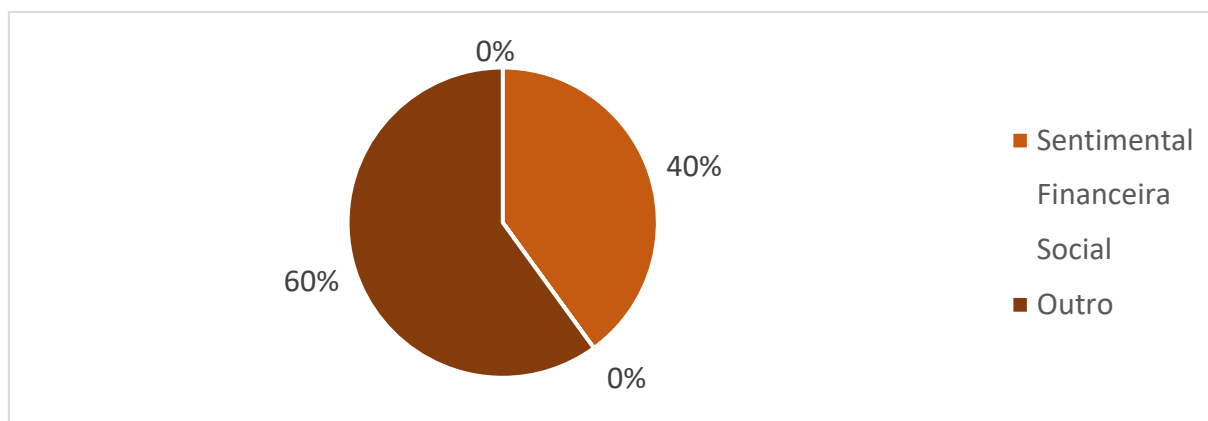
As feiras são os principais espaços que apresentam boas condições para presença desses profissionais, por serem cobertas, ter energia elétrica e banheiros o que equivale aos 40% que disseram sim, porém uma realidade que tem mexido com o conforto dos artistas e que tem causado transtornos com a classe, os feirantes e a

sociedade em geral é a reforma na feira da Vila Aurora, onde a mesma está sendo realizada em um espaço improvisado, espaço esse que não conta com os elementos estruturais básicos citados acima corresponde os 20% que marcaram o campo em partes. O casario apesar de ser aberto, apresenta no seu interior banheiros e lojas de amigos e parceiros que contam com água e um espaço seguro caso seja necessário, os artistas abrigam e ajudam os seus parceiros.

É nas praças que se apresenta o maior número de elementos desfavoráveis, 40% dos entrevistados evidenciam que até mesmo por conta das várias reformas que esses espaços passaram nos últimos anos, as reformas foram feitas, os artistas ficaram longos períodos sem ocupar esses espaços e ainda assim, as estruturas não foram melhoradas ao que compete as carências passadas pelos artistas e a sociedade que passa por esses locais.

Toda a sociedade paga impostos, enquanto cidadãos pagam impostos, possuem direitos e deveres ao que se refere a todos os campos políticos, sociais, econômicos e pessoais, os elementos básicos desses locais não é luxo, mas sim necessidade, trabalhar em condições mínimas relacionados a salubridade é algo previsto em lei, o orçamento municipal deve contemplar esses ambientes, o conforto mínimo acarreta em benefícios para todos os envolvidos, artistas e sociedades não devem se conter só com o mínimo, mas requerer o que é bom, com qualidade elevada, mas tudo isso parte primordialmente do poder público.

Ao adentrar em um campo mais pessoal, ligado a relação que os artistas artesãos possuem com os espaços em que eles expressam suas manifestações, procurou-se saber como era caracterizada tal questão, com isso, se chegou a tais fatos, 40% apontaram que a relação com os lugares é sentimental, os outros 60% disseram suas relações se enquadram perspectivas sentimentais, financeiras sociais e também outras. Mas os aspectos financeiros e social não são os principais, pelo menos, não nas respostas dadas no questionário, como podemos ver no Gráfico 14.

Gráfico 14 -Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte? (Grupo B Artesãos)

Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os artistas gostam muito e amam desenvolver sua arte, onde 40% evidenciou o quesito sentimento, para alguns, a função de promover a arte e a cultura é como uma terapia, que alivia o stress, trazendo bem-estar físico e mental, além de realizações pessoais, fora que os que marcaram a opção outro 60% destacam que além do sentimento o fato de serem artesãos também o seu trabalho, o sustento da sua família, e que seus trabalhos ligados a sociedade são admiráveis, levando arte e cultura para todos, sendo grande fomentadores.

Ao analisar as respostas dadas pelos artesãos sobre como funcionaria o processo de escolha dos locais onde eles desenvolveriam seus atributos artísticos, foi revelado que acabam acontecendo por escolha própria, normalmente é onde tem mais gente reunida, maior fluxo de pessoas como casario, lanchonetes e conveniências.

No geral em cada cidade existem locais onde acontecem essas manifestações artísticas, no caso da exposição de artesanato, em geral a uma maior concentração em uma praça, avenida ou calçadão, no caso de Rondonópolis a concentração das feiras de artesanato acontece na praça Brasil que fica no centro da cidade. Em espaços como feiras já é algo garantido, mas os artesãos também costumam receber convites de terceiros para exporem seus trabalhos.

A foto 12 mostra um artesão de Rondonópolis, fazendo o seu artesanato na praça Brasil, região central da cidade, o mesmo é um artista itinerante, bastante conhecido na cena artística local pelo seu trabalho e sua simpatia, humilde e bastante talentoso cativa todos que passam pelos locais no qual costuma expor sua arte.

Foto 12 - Artesão expondo sua arte na Praça Brasil em Rondonópolis/MT.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

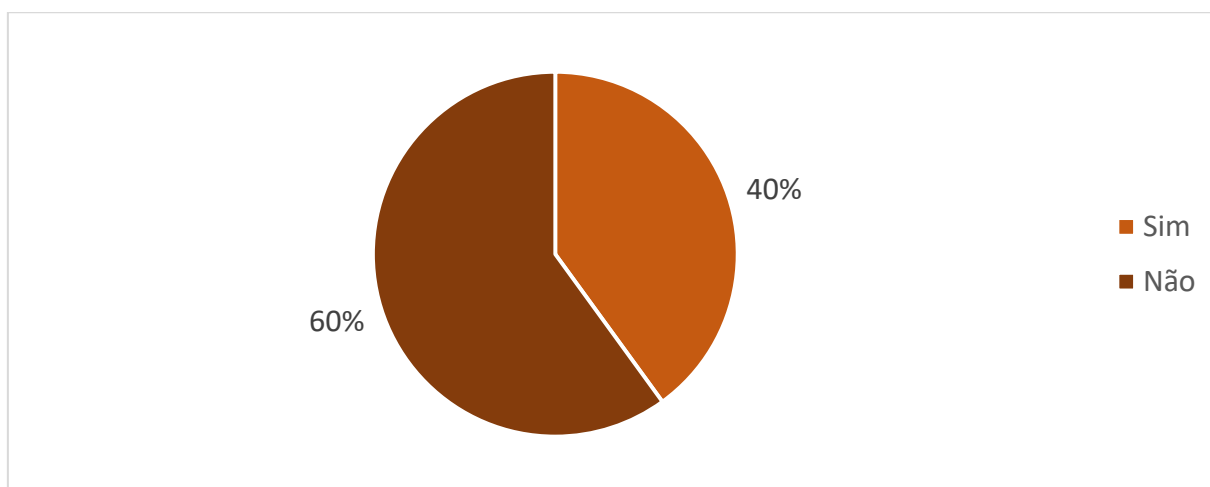
Os fatores que levariam os artesãos a escolherem determinados espaços para expressar e divulgar sua arte e possivelmente receber por isso, estão voltados a razões precisas como maior número de público, com receptividade, saber que vão ter a rentabilidade, e o fato de conhecer as pessoas e os lugares ajuda muito, já ter uma clientela fiel é um bom motivo.

Outro fator preponderante é conseguir o seu sustento, pagar aluguel e investir em material, por isso escolhem horários alternativos ao de trabalho da maioria da população, em geral a concentração em happy hour, bares e restaurantes é onde itinerantemente esse grupo de artistas expõem seus trabalhos para as pessoas, onde o bom tratamento, que geral acontece, faz com que os artesãos busquem por esses espaços não convencionais no perímetro urbano de Rondonópolis.

Ao que tange a fenômenos de segregação sofrido por esse grupo de artistas, a análise feita com base nos dados coletados, revelam que 60% não sofre com esse

fenômeno, e 40% diz sentir seus reflexos de forma parcial, em casos onde tentam comercializar seu artesanato em bares e conveniências e são recebidos de forma arbitrária pelos donos, funcionários e clientes, quando são maltratados pelas pessoas que passam pelas praças e feiras em que eles estão. Através do Gráfico 15, destacado a seguir tais resultados são vistos de forma mais clara.

Gráfico 15 - Na sua opinião existe algum tipo de segregação em espaço aqui da cidade de Rondonópolis que o impede de frequentar determinados espaços? Se sim, quais são os motivos? (Grupo B Artesãos)



Fonte: Da pesquisa

Os três artesãos que responderam não (60%), relatam que possuem vagas fixas em determinados ambientes, tendo pontos em feiras, lojas físicas no casario como mostra a foto 13, por terem carteirinha profissional de artesão, conseguem ocupar todos os ambientes que gostariam, onde eles querem estar, ali estão. Até mesmo ocorre um processo de familiaridade com certos espaços, onde eles se sentem bem e já tem uma ligação afetiva por tal lugar, gostando de estar ali, e não vendo a necessidade e ocupar outros.

Foto 13 - Loja de artesanato no casario em Rondonópolis/MT



Fonte: Da pesquisa

Os dois que disseram sim (40%), afirmam sentir essa separação e impedimento espacial em suas vivências de forma parcial, pois não é em todos os lugares que eles conseguem ter livre acesso, em alguns casos, não é nem questão de barrar, mas de não se encaixar, não se sentirem à vontade ou inclusos nesses espaços, não serem bem-vindos.

Os espaços formais são segregadores não só em aspectos econômicos, mas também culturais, existe um padrão imposto pela sociedade burguesa em relação as características das pessoas que frequentam espaços convencionais, fechados, ligados ao tradicionalismo e as que frequentam os não convencionais, livres e ligados a contemporaneidade. Aqueles que não se encaixam em padrões normativos em relação a classe social, poder aquisitivo, tom de pele e outros fatores acabam se sentindo destoados, como se não pertencessem a determinados lugares.

Por conta do estilo de vida, do tipo de roupa que usam, de características culturais, fenótipos de alguns artistas, os mesmos se sentem pertencentes, aos espaços não convencionais que são abertos para todos, fluidos, que acolhem a todos.

WALDMAN (2003, p. 46) ao tratar da discriminação sofrida por grupos ao longo da história destaca que:

No caso da discriminação racial, tais conotações referentes ao espaço são muito antigas. Elas surgem, por exemplo, nas expressões pelas quais índios, negros, judeus e ciganos, entre outros, deveriam conhecer o seu devido lugar. Este lugar, para além de sua concretude física propriamente dita, é

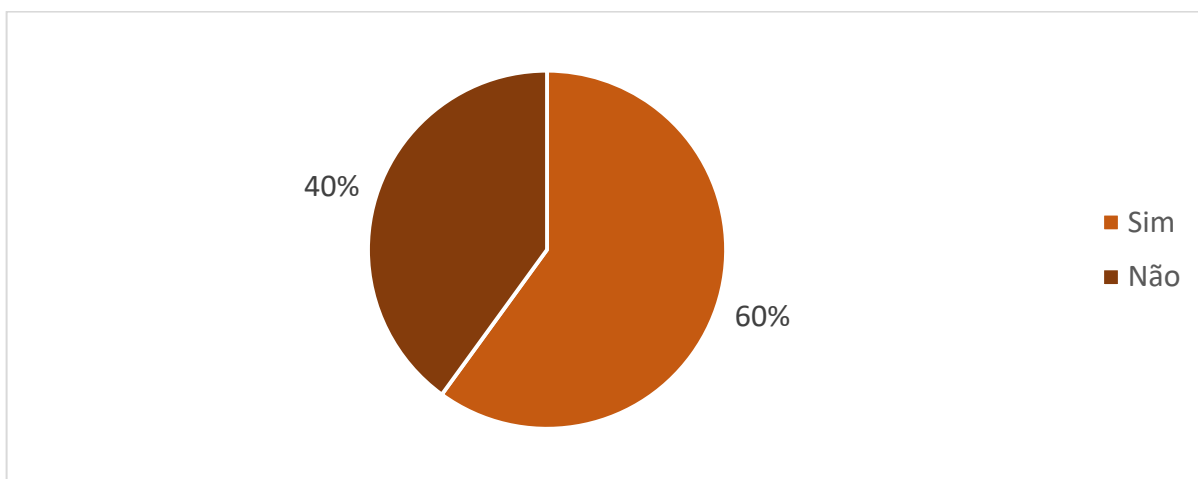
referendado a partir de outras inferências, invisíveis, pertinente a um inconsciente social, que por sua vez, não pode ser pensado como um mero resultado mecânico de uma base material. Discutir os significados espaciais que perpassam pelas relações raciais incorpora uma interconexão fenomenológica de grande complexidade, que nem sempre dispõe de um instrumental teórico adequado e eficaz em traduzi-las.

Existem alguns espaços que já são destinados para tais práticas, mas quando tentam acessos outros, são grandes os empecilhos, como em determinados estabelecimentos comerciais privados. Casos de discriminação foram relatados, onde o artista sofreu discriminação pela vestimenta e pelo tipo de trabalho, tais atitudes geram desconfortos e traumas, então esses artistas preferem estar em ambientes onde já conhecem, onde se sentem seguros, em espaços que já construiu a relação de afeto com as pessoas e os elementos que compõem esse lugar.

Porém, também foi destacado pela maioria que aqui em Rondonópolis eles sempre tem uma boa receptividade dos seus trabalhos, com uma boa aceitação das suas manifestações artísticas, e consideram o rondonopolitano bem acessível nesse sentido.

Os mesmos dados e análises feitos na pergunta anterior também cabem na próxima, que se refere ao acesso por parte dos artesãos em todos os ambientes nos quais eles gostariam de habitar enquanto artistas, se mantendo inalterados os percentuais de 60% para aqueles que sim, conseguem acessar esses espaços, e 40% para aqueles que não são capazes de chegar em todos os locais nos quais gostariam sendo artistas, é possível acompanhar tais constatações no Gráfico 16.

Gráfico 16 - Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista? (Grupo B Artesãos)



Inúmeros são os motivos levantados por aqueles que disseram não (40%), como, a visão de se existir lugares que não vão permitir a presença deles no seu interior, espaços estes que são fechados, cheios de regras e privações e por isso, busca trabalhar em lugares mais abertos, as vezes a tentativa de acessar esses espaços acaba nem acontecendo, haja visto que os espaços não convencionais suprem as suas demandas.

Os que não enfrentam problemas ligados a segregação espacial e cultural em Rondonópolis, os 60%, relatam que possuem boa relação com os donos dos estabelecimentos privados, no qual eles permitem e aprovam a presença deles ali. Mas também observam que do ponto de vista do estado e do poder público, poderia haver mais possibilidades de realização do artesanato, com mais acolhimento e valorização.

É válido salientar mais uma vez que as experiências são únicas, que o processo de vivências acontece de diferentes formas com cada pessoa, cada um possui um estilo de vida, cada um faz suas escolhas, até mesmo, atributos físicos, sociais e econômicos que dão sustentação para a segregação, o preconceito e discriminação são distintos em cada caso. Cada um com um estilo próprio, com suas próprias vivências, trafegando em uma cultura comum de poder com seus materiais e espaço de trabalho, onde que por vezes são imputados a eles a fama de vilões, uma popularidade de arruaceiros e briguentos (GONÇALVES, 2013, p.11).

Essas diferentes opiniões, essa divergência nas respostas é que faz com que essa pesquisa seja rica, não é pensado em chegar em um denominador comum nas análises, ter uma resposta única e uma verdade absoluta, pelo contrário, é através dessas diferentes visões que problemas são levantados, que soluções podem ser aplicadas, através das discussões aqui propostas é esperado que ocorra melhorias para todos os rondonopolitanos, reparações que tragam benefícios para os artistas, mas também para toda a sociedade.

Ao continuar a análise dos dados, e aprofundando em esferas mais empíricas e pessoais, das interpretações e sentidos dos artistas, foi proposto uma autoanálise entre os artesãos que responderam ao questionário, na busca de saber se eles se viam como artistas, e como eles se enxergam enquanto seres que vivem em sociedade.

Coletivamente, todos os artesãos indagados se veem como artistas, e defendem esse ideal firmemente, sabendo que suas ações são fundamentais, sendo

preciosas suas interações com as pessoas que conhecem cotidianamente e que é muito gratificante quando o público também os enxerga como artistas, quando existe a valorizações dos dons dados a eles por Deus como foi dito. Em muito os artistas são manifestações das próprias contradições que existem na sociedade, que o seu principal trabalho é muito nobre, pois agradar e levar alegria para todo mundo não é fácil, mas quando acontece é muito gratificante.

Os artistas prestam um grande serviço para a cena artística local, valorizando o lugar em que vive, destacando e dando notoriedade para suas manifestações culturais, com registros de documentações concretas do seu lugar e das suas vivências nesses espaços afetivos (JOHANN, 2010, p. 27)

Johann, (2010, p. 27) destaca o trabalho dos artistas populares, validando suas contribuições para a sociedade e local onde estes estão inseridos. Sendo que os artistas populares, em geral, são os que primeiro colocam em evidência o lugar onde vivem, buscando ver seu trabalho valorizado e reconhecido. Pode-se dizer que um dos grandes valores da arte popular é a documentação do modo de vida do lugar onde vivem.

Continuando na mesma toada, foi perguntado aos artistas que fazem parte desse grupo sobre se haveria uma classe de artistas de rua em Rondonópolis, e se a assertiva fosse verdadeira, quais seriam suas características? Na busca de responder tal questão, foi dito que existem artesãos, em 100% das respostas, os hippies e os artistas que desenvolvem suas práticas nas ruas, sendo de poucos integrantes, mas que de fato existiria, sendo comum a amizade e a proximidade de artistas de rua com os artesãos.

Esse grupo seria formado por pessoas que passam, são artistas passageiros, itinerantes, mas que um ou outro teria paradeiro fixo na cidade. Os artistas de rua entre si teriam uma coesão, mas não a nível municipal, tendo uma organização mais relacionada aos países que compõem a América Latina, sendo o âmbito em que o artista itinerante mais transita, onde o processo de ser viajante estaria ligado a um estilo de vida e um nível mais voltado para a identificação cultural.

Ser artesão é refletir as características do local que o artista está inserido, valorizando a cultura local e regional, através de retratações dos cotidianos de sua cultura, natureza e religião, onde se valoriza também as matérias-primas locais e a mão de obra dos que ali nasceram como ressalta (ALCALDE, BOURLEGAT; CASTILHO, 2007, p. 233).

A atividade artesanal está ligada ao estilo de vida e do grau de comércio com comunidades vizinhas, sendo o artesanato uma manifestação da vida comunitária. Sobretudo, a comunidade deve ser orientada no sentido de produzir objetos de uso mais comum no lugar, seja em função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa, portanto, é preciso pesquisar quais os produtos que o mercado deseja comprar.

Continuando nas dinâmicas voltadas para os relatos de experiências e avaliações de vivências tidas pelos artesãos ao longo das suas vidas artísticas, o estudo quis compreender quais eram os fatores bons e ruins em manifestar suas habilidades artísticas e culturais em espaços não convencionais.

Foi notório que os fatores positivos ultrapassam o negativo, onde alguns entrevistados disseram que durante esse processo não haveria elementos ruins só bons, tanto que, o que de desfavorável foi citado, são as reformas de algumas praças e feiras que acabou prejudicando a permanência nesses espaços, tendo que improvisar e adequar a condições de infraestrutura ainda piores, algo que causa adversidade é quando falta material, com as matérias-primas usadas para a confecção das obras, impossibilitando assim o artesão de desempenhar suas funções, no mais, o que teve maior peso é a desvalorização do poder público e de uma pequena parcela da sociedade que não se identifica com suas manifestações.

A quem diga que receptividade do povo e o fato de surpreender as pessoas é o que de melhor acontece, nessa relação homem e lugar, não existindo tempo ruim quando se trata de ocupar espaços não convencionais para desenvolver sua arte e cultura, no qual a liberdade em expressar suas artes em espaços públicos, nos espaços de todos, em que em geral são as massas trabalhadoras que tem acesso, podendo ter convívio diário com a classe trabalhadora, onde tudo culminaria em identificação, liberdade, e em sentimentos de pertencimento.

E é por meio desses pontos positivos ressaltados que é possível ter base para se entender o porquê da escolha de alguns em ser um artista que ocupam espaços não convencionais, e essas qualidades também dão sustentação para aqueles que não fizeram tal escolha, mas que atualmente ama o que faz, e em si possui ligações afetivas com esses locais.

As respostas foram muitas, algumas bem diferentes, outras similares, mas cada um teve o seu motivo, houve quem disse que entrou nessa vida por questão financeira, por ser uma atividade desempenhada depois de perder o emprego, ou depois de um acidente, essa que foi uma opção de momento, que deu certo e então

continuou, a quem tenha se tornado artesão de forma natural, começando tendo seu primeiro contato com esse segmento artístico em festas, com influência dos amigos que ensinam, que aconteceu sem nenhuma projeção, os convites foram surgindo, e começou a gostar e se apaixonou por isso.

A escolha de ser uma artista que trabalha em espaços não convencionais como as ruas também acontece por se fazer parte da classe trabalhadora, por não conseguir ter condições financeiras de poder conhecer lugares que gostaria, de viajar, estar no litoral, estar no interior, conhecer o pantanal, conhecer a Amazônia, conhecer o Nordeste, com valor ganho enquanto trabalhador formal na sociedade, mas com o artesanato de forma itinerante conseguir conhecer várias cidades do país. Por ver essa manifestação artística como meio de garantir subsistência e realizar sonhos é válido para alguns.

Por livre escolha ou não, o que se deduz é que os artistas artesãos são muito felizes, que suas manifestações possibilitam que seus sonhos sejam alcançados, que consigam viver dignamente, levando arte e cultura para as pessoas. Durante as conversas era nítida a felicidade, o orgulho e o brilho no olhar de cada um deles, por serem quem eram, que apesar de simples, os mesmos se viam muito satisfeitos com os rumos que suas vidas tomaram.

Sobre como se deu o processo de aprendizagem das atividades artísticas executadas nos espaços não convencionais por esse grupo, percebeu-se que muitos aprenderam com colegas, amigos e companheiros através de trocas, onde fica nítido que ninguém é detentor de conhecimento absoluto, onde sempre buscam aprender algo novo, e quando se aprende é passado para frente, não tendo sentimentos de competitividade e de monopólio do conhecimento, onde o conhecimento é passado de um para o outro e nesse processo de toca, todos saem ganhando.

Johann (2010, p.38) explica o processo de produção do artesanato por parte dos artistas e ressalta que:

O trabalho desses artesãos, normalmente, resulta da experimentação, ou seja, testam materiais e formas até chegar ao resultado desejado. Nessa categoria do artesanato, apesar do trabalho acontecer em família ou pequenos grupos, não implica a contratação do trabalho de outras pessoas, seja na extração da matéria-prima ou comercialização dos objetos produzidos.

Muitos aprenderam por si próprios, sendo autodidatas, um dom natural presente em sua essência desde sempre, onde não se sabe como ou por que, mas eles relatam que foram escolhidos pelas artes, possuindo um tipo de facilidade de aprender tal arte, alguns, só de olhar conseguem reproduzir e fazer tal arte. Manifestação essa que também é passada como herança de família.

Através de experiências interativas com outros artesãos se consegue aprender novas técnicas, ocorrendo um processo de ensino e aprendizagem entre as pessoas, a uma aceitação de aprender, não tendo dinâmicas hierárquicas, onde a trocas sempre acontecem, os ciclos se mantêm e assim tal expressão artística e cultural sempre tem seus adeptos, onde a perspectiva maior é que esse segmento nunca acabe, que nunca morra.

Para finalizar, buscou-se saber como a pandemia de Covid19, se estabeleceu sobre os artesãos, e sobre seus trabalhos nas ruas? Então foi dito que foi um período onde tudo ficou parado, e quem tinha suas reservas financeiras teve que suar e passar a viver desse montante, para quem conseguia foi um período só de produção, processo esse que aumentasse o mostruário, mas que também foi algo reconfortante e terapêutico nesse momento tão doloroso para alguns.

Por conta do afastamento social e o distanciamento entre as pessoas, houve artista que relatou que entrou em depressão, por não conseguir fazer o que tanto ama e por não ter mais o contato com o público.

Foram dias difíceis e ruins, no auge da pandemia, quando tudo parou, foi um tempo em que alguns artesãos ficaram sem chão, onde tudo ficou mais complicado e difícil, quem tinha o hábito de viajar para outros locais para vender sua arte ou comprar material não pode mais, e conseqüentemente sem o público que consome seus produtos a questão financeira ficou quase que insustentável.

Mas também ocorreu que, aqueles que precisaram contar com a solidariedade de terceiros em momentos difíceis, os mesmos lhes estenderam a mão. Em momentos em que o artesanato não propiciava dinheiro, a solidariedade foi um caminho que trouxe muita ajuda, seja num prato de comida, num agasalho, numa doação, as pessoas que podiam ajudar e aqueles que aceitavam ajuda, fez com que surgisse atos de boa vontade e amparo ao próximo, onde na medida do possível todos ficaram bem.

É notório que a Pandemia de Covid-19 afetou bruscamente os artistas artesãos, esse que tem como principal fonte de renda a venda das suas obras

artísticas, diferente dos artistas amadores, que na sua maioria tem outros empregos, o artesanato como pode ser percebido através dos relatos passaram por um período bem conturbado em suas vidas, economicamente, psicologicamente e socialmente.

Durante as falas e exposição dos relatos, não foi apontada ajuda por parte do poder público nesse período, o que mostra o descaso por parte dos governantes, daqueles que deveriam proteger, não foi constatado que os artistas entrevistados tenham recebido algum tipo de auxílio, ou que políticas públicas conseguiram alcançar as pessoas desse grupo, como não houve relato, foram feitas essas análises.

4.3.3 Os Artistas de rua e suas vivências nos Espaços não convencionais

As análises dos dados continuam com o grupo C que é composto por artistas de rua, aqueles que se apresentam nos semáforos das ruas e que utilizam os espaços urbanos para desenvolver suas artes, através do grafite, do teatro de rua, do Hip Hop ou outros tipos de manifestações que são realizadas em espaços não convencionais no perímetro urbano de Rondonópolis.

É sabido que esse grupo é o que mais sofre com o preconceito e a falta de assistência por parte do poder público, pois o estilo de vida desses artistas e a forma como eles entendem o que é arte é alvo de duras críticas sociais. Os artistas que se apresentam nas ruas são os que estão sujeitos aos elementos climáticos como calor, chuva e frio, são eles que correm mais riscos por transitarem em espaços com grande fluxo de carros, motos e pedestres, estando a mercê da hostilidade, da violência, e da falta de infraestrutura para trabalhar e apresentar seus dons artísticos.

Apesar dessa realidade cheia de percalços, os artistas que se apresentam em espaços não convencionais como ruas e praças são os que possuem contato direto com os espectadores, a poucos metros de distância, levando alegria, entretenimentos e amor para as pessoas que passam pelos locais onde eles estão, e em troca ganham aplausos, sorrisos, dinheiro, mas o que mais vale é o reconhecimento.

A fim de entender a realidade, e as dinâmicas vividas pelos artistas que se manifestam nas ruas em Rondonópolis, foi aplicado um questionário para quatro artistas que usam espaços não convencionais urbanos para promover seus dons artísticos. De início, foi pensado em se entrevistar cinco artistas desse grupo, o grupo C, mas durante as visitas de campo o número total sugerido, não foi alcançado, haja

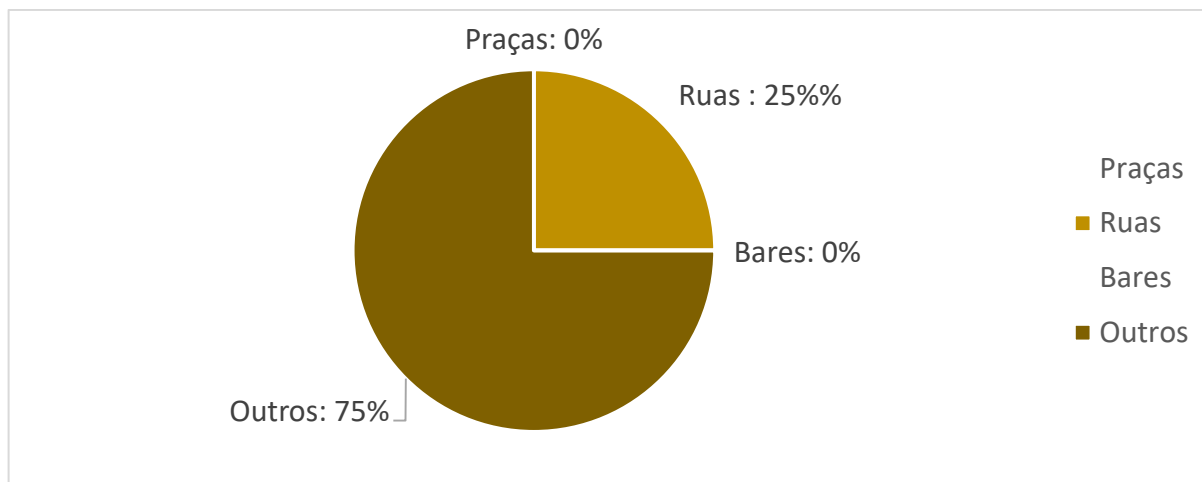
visto que a maioria dos artistas que se manifestam nas ruas são itinerantes, não se fixando em locais por longos períodos, também por ocupar diversos pontos dentro do município, não tendo um único lugar onde promovam suas ações, que o alcance do número total de artistas de rua não foi possível até o encerramento dessa pesquisa.

Ao que tange a algumas características do grupo de artistas urbanos na contemporaneidade, (REIA, 2014, p. 39) destaca as dinâmicas vivenciadas pelos artistas itinerantes na sociedade.

Consequentemente, os artistas e intelectuais de hoje acabam passando boa parte do tempo em trânsito; espera-se também que eles sejam capazes de fornecer sua produção para uma audiência global. Além disso, graças aos modernos meios de comunicação, eles podem interagir com artistas e influências do mundo todo, indo além dos gostos e das orientações do seu entorno imediato. Mesmo o que é típico e intrínseco àquela cultura acaba transcendendo seus limites, não em nome da universalidade, mas para serem turisticamente reproduzidos e disseminados globalmente – e a cidade acaba se tornando homogênea, sem ser universalizada. A arte de rua se propõe, muitas vezes, a ocupar esse espaço público em disputa com sua heterogeneidade, fomentando a (re) apropriação da cidade midiática e turística.

Em relação a análise dos dados, inicialmente foi perguntado aos artistas do grupo C, quais eram os locais da cidade em que eles frequentariam para se manifestarem artisticamente, as respostas podem ser acompanhadas no Gráfico 17. Por ser uma pergunta fechada, contendo alternativas os artistas puderam marcar uma ou mais, com isso, totalizou-se que 75% dos que responderam ao questionário assinalaram a opção outros por frequentarem ruas, praças, bares e outros lugares como semáforos, já 25% destacaram que se apresenta principalmente nas ruas do município.

Gráfico 17 - Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente? (Grupo C Artistas de rua)



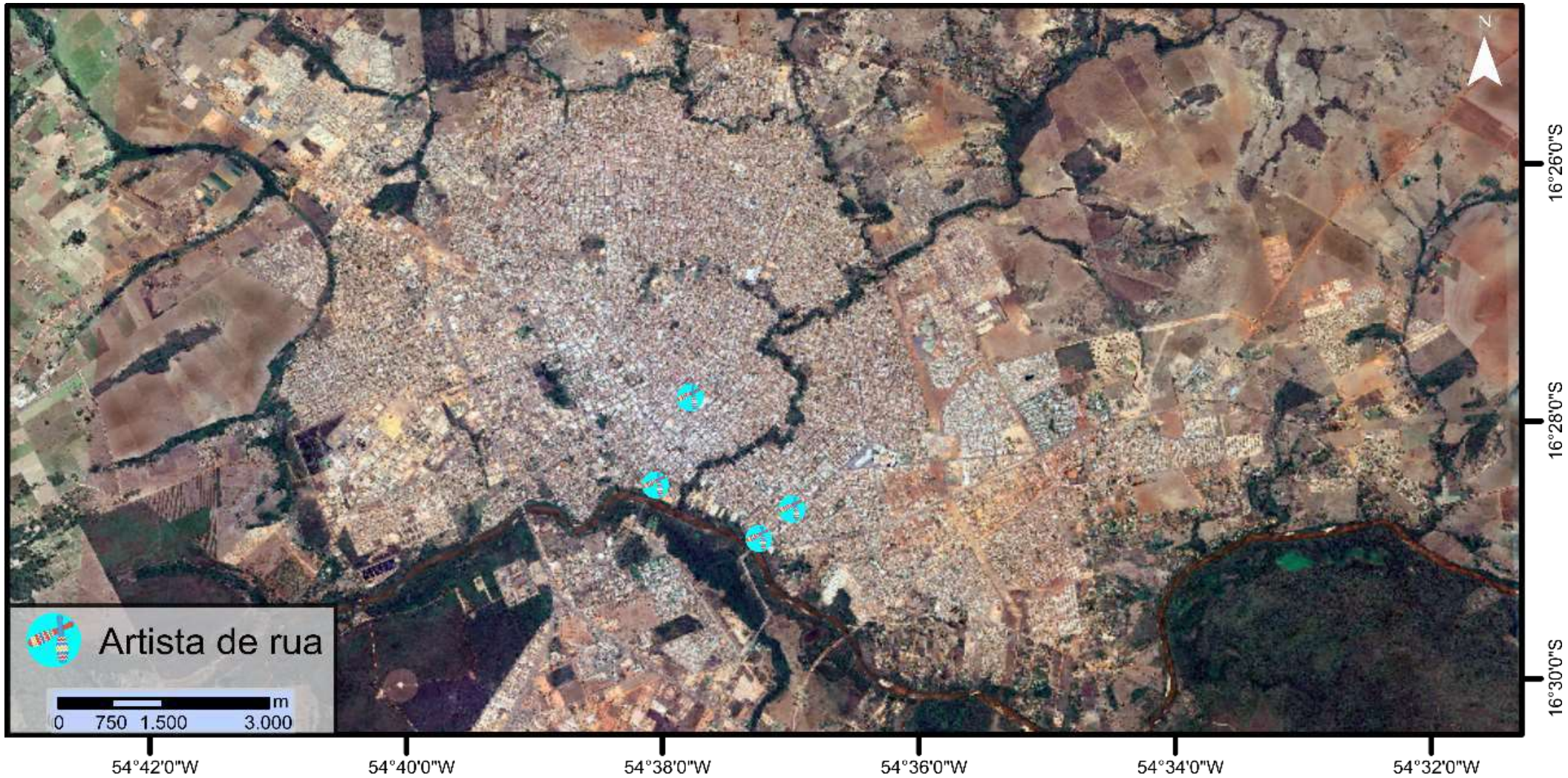
Fonte: GALVÃO, Raphael Martins (2022)

Os espaços habitados pelos artistas de rua são os mais variados possível (corresponde à opção outros, sendo 75% do gráfico), não sendo uma regra geral se apresentar em um determinado espaço cotidianamente, em entrevista foi dito que eles se apresentam em todos os lugares descritos na pergunta e em vários outros, mas principalmente nos semáforos.

Os semáforos controlam o tráfego de veículos e pessoas, no momento e que o sinal está vermelho, o artista de rua se apresenta e depois passa recolhendo contribuições financeiras daqueles que prestigiaram seu show e podem ajudar com qualquer quantia em dinheiro ou ajudas de outras formas, como comida, palavras de incentivo ou um sorriso.

Os principais pontos citados pelos artistas de rua de Rondonópolis para a promoção das suas manifestações artísticas e culturais seriam os semáforos de ruas e avenidas bem movimentadas da cidade, como: o semáforo da Av. Dom Pedro II com a Av. Bandeirantes, o semáforo da Av. Lions Internacional com a Rua Fernando Corrêa da Costa, o semáforo AV. Lions Internacional com a Av. Dom Pedro II, e o semáforo Rua XV de Novembro com a Av. Amazonas. Como consta no **Mapa 4**.

Mapa 4 - Espaços não convencionais onde os artistas de rua mais manifestam suas expressões artísticas do perímetro urbano de Rondonópolis / MT.



Fonte: Google Earth

Elaboração: Laboratório de Cartografia-DEGEO-ICHS-CUR-UFR

Organização: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Percebe-se que os artistas se concentram principalmente na região central do perímetro urbano do município, por conta do maior número de pessoas e veículos que transitam por essas vias, essa concentração na região central acontece por ser a área mais favorável a remuneração para os artistas de rua, sendo pontos estratégicos, se fazendo presente principalmente nos horários de *rush*.

Como mostra a foto 14, onde um artista de rua faz malabares no cruzamento da Avenida Bandeirantes com a Dom Pedro II por volta das 11:30 da manhã, horário de muito movimento de pessoas e veículos por essas vias. O mesmo se apresenta quando o sinal fica vermelho e depois passa recolhendo moedas e cédulas de dinheiro.

Foto 14 - Artista de Rua fazendo malabares no semáforo do Av. Dom Pedro II em Rondonópolis/MT.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os semáforos acabam sendo o principal ponto de manifestação dos artistas de rua que participaram da pesquisa, até mesmo, o maior número de entrevistas aconteceu nos semáforos, enquanto os artistas trabalhavam, durante as conversas, foi dito que eles preferem estar nesses espaços por causa do controle do tempo,

também porque é mais rápido, ali eles acabam lucrando mais, nas praças e ruas que não tem a presença de sinaleiros, as vezes não tem tanta movimentação, as pessoas ficam mais dispersas, os artistas de rua ficam nesses locais mais nos finais de semana, onde geralmente os munícipes vão em busca de lazer nas praças, bares e determinadas ruas, como no caso de Rondonópolis a Avenida Lions.

Quando perguntado para os artistas caracterizados pelo estudo como os que se expressam principalmente no espaço não convencional rua, sobre o tipo de manifestação artística que os mesmos desenvolviam no perímetro urbano de Rondonópolis, todos, 100%, marcaram a alternativa outros, pois todos desse grupo bebem da fonte dos sete tipos de arte existentes, sendo, a música, a dança, a pintura, a escultura, o teatro, a literatura e o cinema.

Melo, (2004, p. 87) salienta as diversidades de ações dos artistas de rua, perpassando por várias vertentes artísticas, com um vasto leque artístico, assim, a autora ressalta que:

As artes de rua constituem um conceito aglutinador de um conjunto de manifestações culturais que têm por denominador comum a utilização do espaço público, nomeadamente a rua, e que podem ser constituídas pelo teatro de rua, pelo novo circo, por feiras culturais ou/e arte, espetáculos musicais e por diversos outros tipos de manifestações expressivas culturais.

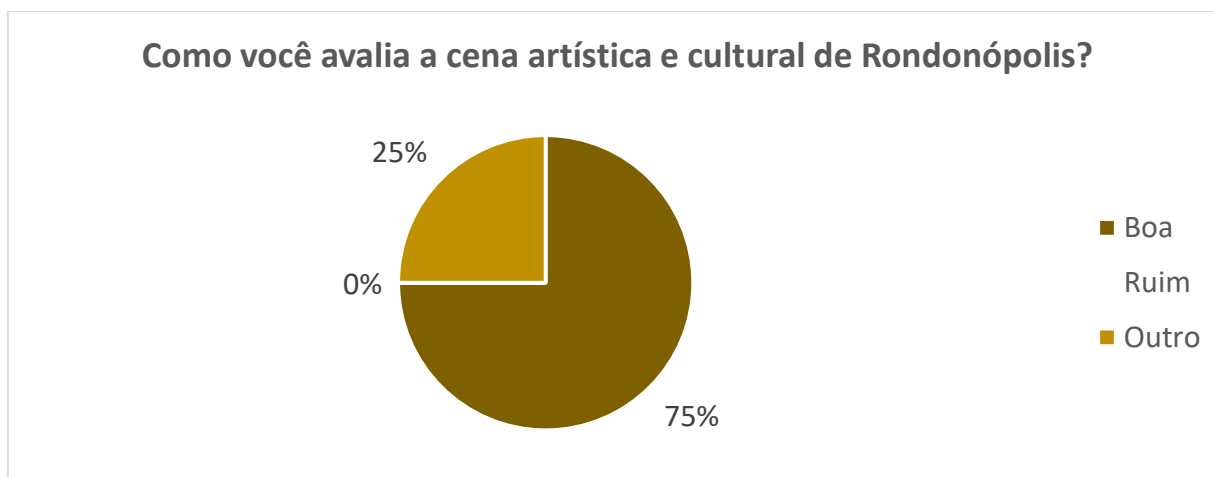
Os artistas urbanos, são versáteis, não perdem a oportunidade de ter contato com o seu público, utilizando todo o seu arcabouço de conhecimentos artísticos e culturais para agradar os expectadores e conseguir subsídios para viver dignamente. Mas especificamente foi citado pelos entrevistados que as principais modalidades praticadas são o Malabarismo com facas, massas e bambolês, a Pintura/Grafite, o artesanato, a música instrumental, a pirofagia, que é a arte de engolir, cuspir ou passar fogo pelo corpo.

Mesmo sendo nômades na sua grande maioria, os artistas de rua, acabam contribuindo muito com a cena artística do município no qual eles estão presentes, e assim de maneira direta, participam do movimento artístico de maneira efetiva, promovendo e desenvolvendo a arte e a cultura local, e também inserindo as características e os elementos da cultura do seu local de origem, onde são perpetuadas trocas e um intercâmbio artístico-cultural entre todos os cativados.

Ao responder o questionário, os artistas se depararam com uma pergunta voltada para a avaliação da cena artística de Rondonópolis, sendo assim, eles tiveram

que fazer o julgamento com base nas opções pré-estabelecidas como boa, ruim ou outro. O resultado dessa pergunta é exposto no gráfico 18, onde fica nítido que 75% reconhecem o movimento artístico rondonopolitano como bom, nenhum julgou como ruim, 0%, e 25% assinalou a alternativa outros.

Gráfico 18 - Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis (Grupo C Artistas de rua)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

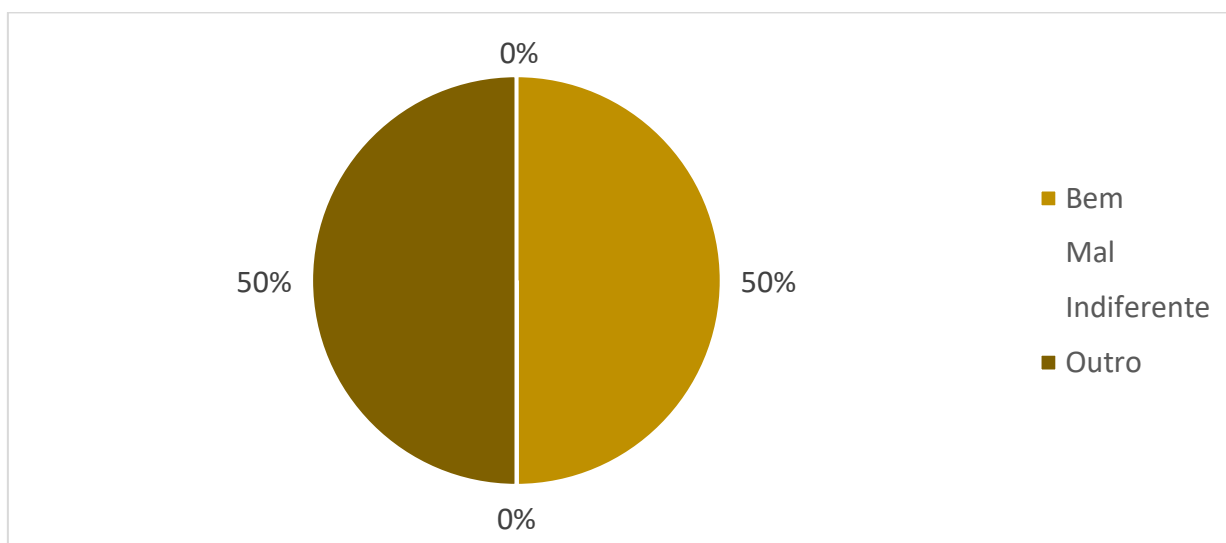
Os que deram parecer positivo (os 75% dos entrevistados), os que taxaram a cena artística do município de Rondonópolis como boa, fizeram questão de salientar que tanto os artistas locais, quanto os habitantes da cidade recebem bem, ajudando e acolhendo aqueles que chegam na cidade, com isso, Rondonópolis acaba sendo um ponto sempre revisitado pelos artistas itinerantes, e aqueles que disseram estar tendo o primeiro contato com o movimento artístico local, se diz muito satisfeito com a experiência.

Nenhum artista do grupo C se diz insatisfeito ao estar incluso do meio artístico e cultural da área analisada na pesquisa, não foi levantado nas respostas dadas no questionário, nem nas conversas informais tidas com os artistas de rua, algo de ruim ou desagradável no grupo de artistas residentes em Rondonópolis, muito menos das pessoas que vivem aqui.

O artista que marcou a alternativa outros, e que corresponde aos 25% do total, argumentou que a cena artística rondonopolitana está evoluindo, que a mesma apresenta elementos que podem melhorar, como o incentivo do poder público, que a mesma cresce e ganha notoriedade na medida em que a cidade avança com a promoção e o acolhimento de todas as formas de arte presentes no seu entorno.

Ao que tange a forma como esses artistas costumam ser recebidos pelas pessoas que prestigia e acompanham seus trabalhos quando estão em Rondonópolis, 50% apontaram que são bem acolhidos, os outros 50% marcaram o campo outro, o não que seria de maneira ruim, indiferente ou boa, no qual dependeria de vários fatores conforme situações e casos que costumam ser bem adversos entre si. É possível acompanhar tais percentuais no Gráfico 19:

Gráfico 19 - De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho? (Grupo C Artistas de rua)



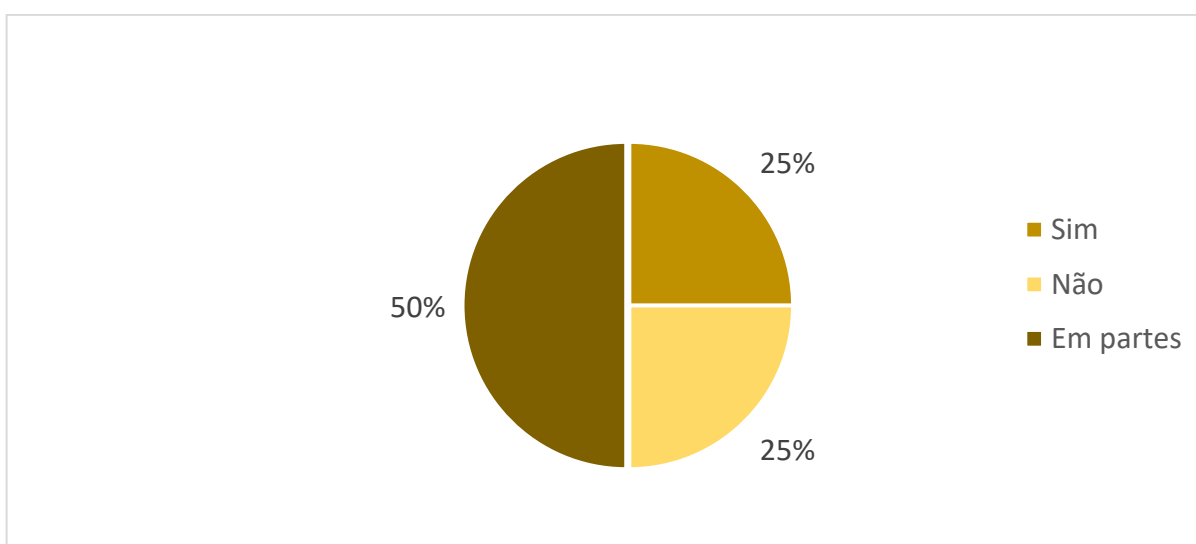
Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os 50% que se dizem satisfeitos com a forma que são tratados e considerados pelas pessoas que assistem suas manifestações artísticas e culturais frisaram que são tratados com respeito pela grande maioria, e não sofre problemas de cunho pessoal com a sociedade local.

Os que marcaram outro, sendo o 50% restante, contou que cada situação é uma história, sendo que o fenômeno de aceitação e apreciação dos seus trabalhos varia conforme os ideais de cada pessoa com a qual ele tem contato. É importante destacar que dos quatro artistas categorizados como de rua, três não são brasileiros, um argentino, um uruguaio e uma chilena, e suas experiências do Brasil dependem muito da região em que estão, geralmente se é recebido bem, mas que já houve eventos nos quais sofreram preconceito, realidade essa que acontece mais nos estados da Região Sul segundo relatos.

Quando perguntado que os espaços nos quais os artistas de rua utilizavam para se manifestar artisticamente possuía a infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas, as respostas que podem ser acompanhadas no gráfico 20, correspondem a 25% sim, sendo adequados e contendo as estruturas necessárias para a promoção das suas manifestações, 25% disseram que os espaços não possuem condições estruturais tidas como necessárias para seu bem-estar artístico e pessoal, e 50% relataram que esses espaços contemplam em partes suas precisões.

Gráfico 20 - Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas? (Grupo C Artistas de rua)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os 25% que corresponde à opção sim, não dá tanta relevância a aspectos estruturais dos lugares em que apresenta, não dando grande importância para elementos arquitetônicos ou ambientes com grandes formalidades, para esse representante dos artistas de rua, o primordial é a presença de público, a circulação de pessoas, foi explicado que ele permanece ali por poucas horas do seu dia, principalmente no horário de maior movimento nas vias públicas, e o que é fundamental para o desenvolvimento do seu trabalho são seus equipamentos pessoais, que o mesmo leva consigo e a receptividade das pessoas que podem o ajudar financeiramente.

O que indicou não como resposta, também 25%, relatou que falta ambientes para suas necessidades básicas, que as vezes precisa contar com a ajuda das

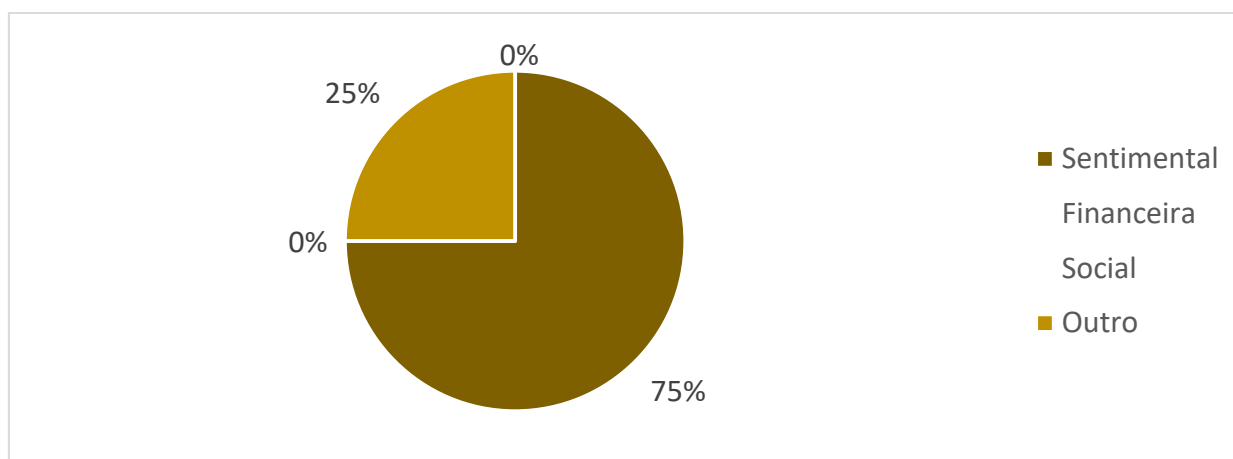
peessoas que moram próximas dos lugares em que ele geralmente frequenta, ou dos comércios que estão no entorno, outro ponto destacado é que, por já estar inserido nessa vida por muito tempo, sempre se hospeda ou aluga pequenos espaços para que sua estadia seja mais tranquila enquanto estiver em determinada cidade.

Já a maioria que totaliza 50% e que avalia que esses espaços possui uma infraestrutura adequada em partes, no tocante se suprir suas necessidades pessoais e artísticas, na realidade em que vivem as coisas são muito relativas, pois cada lugar possui características únicas, alguns ambientes são mais favoráveis para a presença dos artistas do que outros, até mesmo, para eles não é vantajoso que o espaço tenha uma boa infraestrutura, mas que a quantidade de público seja baixa ou não prestigiem suas ações, além do mais como eles estão sempre viajando, e estão sempre em novos lugares, eles precisam de tempo para procurar e conhecer os melhores lugares na cidade, o que nem sempre acaba sendo possível.

Na medida em que as perguntas iam sendo feitas, e as dinâmicas voltadas para a relação dos artistas com os espaços não convencionais em que eles ocupavam para se manifestar ia se aprofundando, pois, entender e destacar as vivências dos artistas e com o lugar é o foco principal do estudo. Sendo assim, buscou-se entender, como é sua relação dos artistas de rua com os espaços em que eles utilizavam para expressar sua arte.

Ao acompanhar o Gráfico 21, observamos que 75% das respostas dos artistas o grupo C, estão voltadas ao aspecto sentimental, e 25% ligadas a todas as outras, como, financeira, social e também sentimental.

Gráfico 21 - Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte? (Grupo C Artistas de rua)



As respostas ligadas aos 75%, que atrela a relação dos artistas de rua com os espaços informais onde são desenvolvidas sua manifestação ao campo sentimental, ficando evidente a satisfação e o prazer em serem artistas urbanos e levarem arte e cultura para as pessoas, os mesmos estão associados a essa dinâmica pois gostam muito, é por amor à arte e a liberdade, amam ser itinerantes, estar em diferentes lugares, conseguir viajar para vários municípios, estados regiões e países de todo o mundo, e assim conseguir se manter através do seu trabalho artístico, fazendo o que infelizmente muitos não conseguem, viver da sua arte, levar sonhos e espaços em todos os lugares que se faz presente, fazendo a vida do outro melhor, contribuindo para formação artística e cultural de terceiros.

Os outros 25% também valoriza e é ligado ao aspecto sentimental de todo esse panorama, mas também dá o mesmo destaque para o sentido social e econômico de toda a dinâmica existente, pois cada um dos elementos destacados é importante em grau e gênero. O fator sentimental é importante, fazer o que gosta é significativo, propicia felicidades e satisfação pessoal, e o campo do sentimento não é só pessoal, mas também social.

O âmbito social é muito relevante entre os artistas de rua, pois o seu papel é mais que necessário no mundo atual, as ações dos artistas não formais, como os artistas de rua, é doação, promover arte e cultura num país que não valoriza esses elementos é o mais puro ato de amor ao próprio, esses artistas que por vezes são execrados por determinada parcela da sociedade, é a que mais contribui para o fomento artístico, pois o artista de rua não exclui, não separa, pelo contrário, ele integra e entrega o seu melhor para toda a sociedade.

Buscariolli, Carneiro e Santos (2016, p. 897), ressaltam o trabalho democrático do artista de rua no processo de desenvolvimento e promoção a arte e da cultura nos centros urbanos.

O trabalho dos artistas de rua se apresenta como uma manifestação democrática, pois abrange constantemente diversos perfis de pessoas, em situações cotidianas variadas e pode ocorrer em diferentes horários e locais da cidade. Para o artista, essa diversidade é importante para enriquecer o trabalho, quase intrinsecamente permeado por dificuldades.

E o financeiro que acaba não sendo o primordial nessa relação artista e espectador, também merece destaque, pois é dos seus trabalhos que os artistas tiram

o seu sustento, pois artista de rua não é pedinte, mas sim trabalhador, é algo sério, que requer empenho, dedicação e muito esforço para aprender e aperfeiçoar essas técnicas, esses artistas atingem um grande número de pessoas, quem nem sempre são vistos com bons olhos, e nem sempre o incentivo financeiro vem, mas uma coisa é certa, eles são persistente e resilientes, e o principal, artistas.

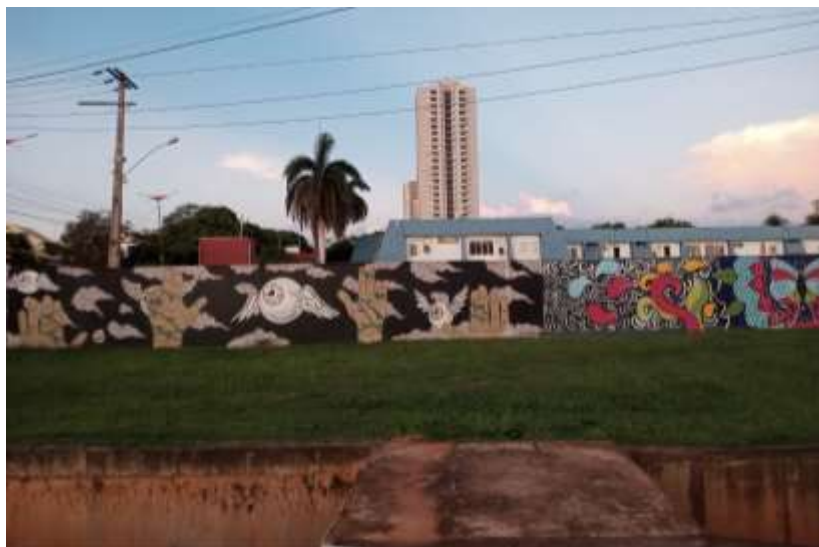
Os artistas de rua não se manifestam só no sentido de isso ser seu trabalho, a grande preocupação desses artistas não é só em se obter formas de subsidiar, mas utilizar as ruas como experiência, como palco para suas apresentações e, assim oferecer algum tipo de entretenimento para o público, ainda que este não o reconheça ou não aprecie o seu trabalho (BUSCARIOLLI, CARNEIRO e SANTOS. 2016, p. 897)

Sobre o processo de escolha desses lugares pelos artistas, foi dito que eles são escolhidos através de análise prévia do ambiente, no qual eles vão andando pela cidade e vão analisando o fluxo de pessoas, que acaba sendo o fator preponderante para a escolha dos espaços que eles irão se apresentar, quanto maior o movimento de pessoas da rua, melhor é para o artista de rua, pois os maiores fluxos favorecem maiores rendimentos, mas tudo isso depende muito da energia e da disposição do artista, no qual não é fácil viver a mercê do tempo, sob sol e chuva para desenvolver seu trabalho.

Especificamente sobre a arte de grafite, quando não é um trabalho realizado por vias contratuais, os artistas procuram sempre locais abandonados, terrenos baldios, caixas de energia, com o intuito de dar uma nova vida para os espaços da cidade como mostra a foto 15.

Na foto 15 observamos uma obra feita pelo grafiteiro residente em Rondonópolis Luis Badaró, feita em um muro nas margens da avenida dos Estudantes.

Foto 15 - Grafite que compõe a paisagem da Av. dos Estudantes no perímetro urbano de Rondonópolis/MT.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

A respeito dos motivos que levam os artistas de rua a escolher determinado espaço para expressar sua arte e possivelmente receber por isso, são destacados fatores de cunho pessoal, como por exemplo o gosto por viajar e conhecer diferentes locais, o que possibilita níveis de mudança de espaços constantes, onde se promove também a visibilidade da popularização dos seus trabalhos.

Outros confessam que ocupam esses espaços, pois não tiveram muitas oportunidades ao longo de suas jornadas, por ser aquilo que sabem fazer, e por não conhecerem outro estilo de vida. Mas que a oportunidade de conhecer diferentes locais, conhecer diferentes povos, contando com a hospitalidade, tendo acesso a culinária, a cultura e a língua de diferentes países são um grande atrativo para esse grupo de artistas.

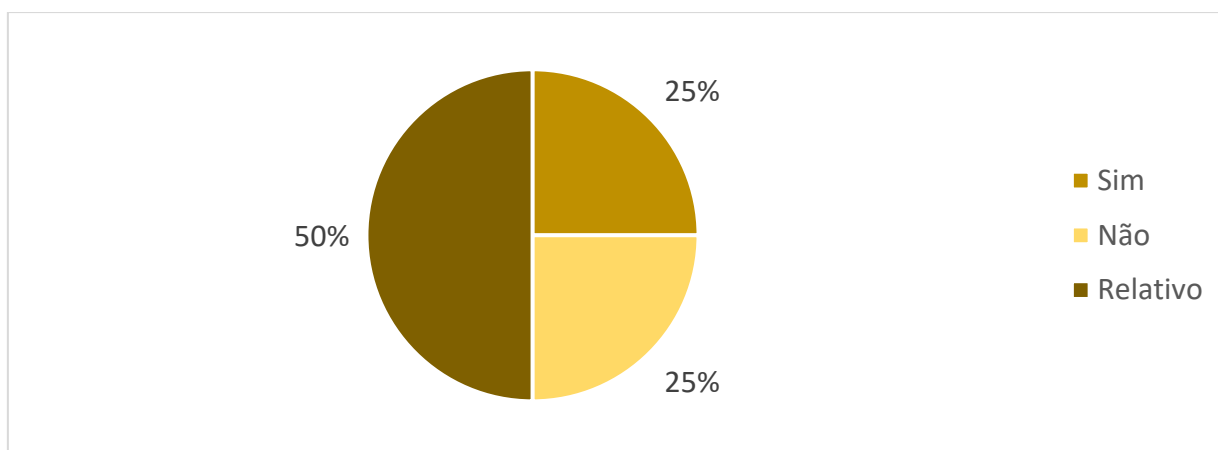
A cerca da opinião dos artistas sobre a ocorrência do fenômeno de segregação existente em espaços da cidade de Rondonópolis, que os impediria de frequentar determinados espaços, e os motivos se isso fosse constatado, 100% dos entrevistados afirmaram ocorrer tal fato no município.

Segundo os artistas de rua é recorrente o preconceito principalmente de alguns donos de estabelecimentos, que não gostam e não são favoráveis a presença desses artistas e alguns ambientes privados. Onde a segregação existe, porém, é um tanto quanto mascarada, assim as pessoas têm a falsa impressão de que os locais são todos acessíveis e acolhedores, mas que na verdade não são, podendo habitar

determinado espaços quando o artista é contratado para eventos, aí sim o acesso a esses lugares é permitido, mas geralmente essa parcela dos artistas não formais acabam trabalhando e atuando principalmente nas áreas públicas como ruas, praças, feiras e semáforos.

Quanto ao acesso a todos os ambientes nos quais os artistas de rua gostariam de habitar, 50% relataram que não frequentam todos os espaços que tem vontade, 25% diz que acessa esses ambientes de forma relativa, e mais 25% afirma que, sim, consegue estar presente em todos os lugares que deseja estar. É possível acompanhar tais dados no Gráfico 22.

Gráfico 22 - Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista? (Grupo C Artistas de rua)



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Os que sofrem segregação associam tal fator a discriminação, desenvolvida por um pequeno número de rondonopolitanos, mas os donos de estabelecimentos privados seriam os que mais cometeriam esse tal ato, isso graças ao preconceito que sofrem por causa das suas roupas, aparências e estilo de vida fora dos padrões tidos como aceitos pela sociedade.

O que explica os 25% que diz conseguir acessar todos os ambientes que gostaria enquanto artista de forma relativa não explicou os motivos de isso acontecer, mas é feita a dedução de que nem todos os espaços são acolhedores, alguns são bastante elitizados, não acessíveis a todos os públicos, possuindo barreiras físicas que limitam a entrada de determinada classe social em suas dependências. Os outros 25% disseram perceber o processo de segregação mas

afirma que nunca sofreu com tal desprazer e que mesmo sendo um artista urbano transita em todos os lugares que deseja.

Quanto a autoafirmação desse grupo, sobre se entenderem como artistas e como se enxergariam enquanto ser que vive em sociedade, por unanimidade, todos disseram se ver como artistas, fazendo questão de enfatizar que seriam artistas de rua, um instrumento cultural, com possibilidades de alterar percepções da população sobre a arte nos espaços públicos e privados. E o seu principal papel é cultural, é levar cultura para as pessoas, levar a sua arte para aqueles que não tem possibilidade de ter acesso as artes, para quem não pode ir ao circo, pode ver um pouquinho, e se encantar através do seu trabalho.

No que diz respeito a existência de uma classe de artistas de rua em Rondonópolis e quais seriam suas características, por serem itinerantes e não terem contatos tão profundos com todos os artistas não formais que se expressam em espaços não convencionais em Rondonópolis, os mesmos não sabem dizer se existe uma classe de artistas de rua local, quando eles estão na cidade eles promovem ações, mas não fazem parte de um grupo único de artistas de rua rondonopolitanos, onde se vê artistas dos mais variados estilos, mas sem diferenciação de classes.

Acerca dos pontos positivos e negativos em se apresentar em espaços públicos não convencionais no perímetro urbano de Rondonópolis, cada um dos entrevistados levantou os ônus e bônus sobre suas vivências nesses lugares. Os pontos positivos mais destacados estão ligados ao fato de poder fazer o que gosta, desenvolver sua arte, trazendo satisfação pessoal, os fazendo relaxar e serem felizes, o que também pode ser destacado como bom é a quebra dos conceitos iniciais de espaços não convencionais específicos. Algo que é muito benéfico para os artistas e que é muito enfatizado pelos artistas que responderam ao questionário é o contato, a ligação com o público, tirar um sorriso das crianças, das pessoas que passam pelos ambientes nos quais eles estão é o que compensa, é o que faz tudo valer a pena, pois as trocas que ali acontecem são ótimas, alcançar as pessoas, promover trocas culturais, viver novas experiências é o lado positivo de toda essa dinâmica.

Algo de muito relevante que os artistas de rua fazem, é agregar movimento, sentimento, dando outros significados, levando arte para quem precisa em lugares carentes de cultura. Os artistas de rua evidenciam uma retórica compartilhada que forma sua visão do mundo e do papel do artista como elemento contestatório dos

modelos vigentes pelos padrões impostos pelo sistema que nos rege (REIA, 2014, p. 34)

No que concerne aos pontos negativos, o que foi destacado nas respostas dos artistas de rua, é que nem sempre a remuneração pelos seus trabalhos nas ruas e semáforos é satisfatório, as vezes consegue uma boa quantia, por outras não conseguem arrecadar tanto, outro ponto descrito, associa-se a ignorância por parte de alguns membros da sociedade local, que xinga ou maltrata esse grupo durante suas apresentações.

O perigo no qual são expostos todos os dias ao ocupar ruas bastante movimentadas também foi destacado, onde alguns artistas relataram já ter sofrido acidentes, sendo atropelados, assim, suas vidas são expostas a perigos constantes. As ameaças, a falta de incentivo do poder público, a omissão de ajuda por parte dos assistentes sociais, a violência cometida pela polícia foram questões bastante enfáticas nos relatos dos artistas de rua, mas também foi falado sobre os amparos que recebem, vindo principalmente da igreja e de instituições filantrópicas.

O fenômeno de desagrado de alguns pontos de vista mais conservadores também foi ressaltado, e isso entristece muito os artistas, suas manifestações são de amor, e quando percebem que estão desagradando, isso fere seu espírito de artista, até mesmo porque o combustível do artista é o carinho do público. Outros pontos evidenciados estão vinculados a suas habitações em lugares impróprios, tendo que dormir em calçadas, ao relento, o vício em drogas foi posto no campo negativo pela maioria dos artistas entrevistados, e a preocupação com o futuro desse grupo também foi destacado, pelo receio de se ter doenças por conta da exposição excessiva ao sol, e que no futuro seja refletido em seus corpos e sua história por suas escolhas ruins.

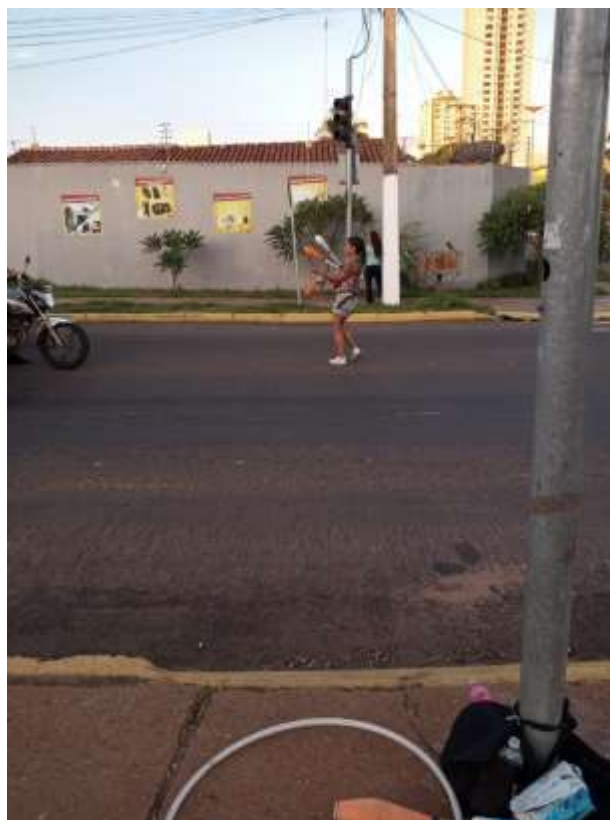
Em relação as dificuldades enfrentadas pela classe artística, (McQUIRE, 2006, p. 137), destaca percalços e problemas vividos pela classe que por muitas vezes vive sobre mazelas.

Se, por um lado, o planejamento urbano produziu ganhos incontestáveis no que tange a fluxos ineficientes, espaços miseráveis de moradia e crises endêmicas de saúde nas cidades industriais, por outro, entre os muitos problemas posteriormente identificados, estava a questão do espaço público: até que ponto as tentativas de planejar espaços urbanos e sistemas de circulação cada vez mais complexos sucumbem em tentativas prescritivas de controle do comportamento público? [...] as ruas foram baseadas no desejo de eliminar qualquer espaço que permitiria “ao povo” se constituir como um sujeito coletivo revolucionário.

O preconceito é muito recorrente na existência desses artistas, para as mulheres que estão inclusas de vida de artista itinerantes, o machismo e medo da violência é algo que sempre ronda seu dia a dia, além dos mais, os estereótipos por ser mulher e viajar sozinha sempre acontecem, no qual principalmente homem tentar tirar vantagem e se aproveitar das artistas mulheres, onde seus cuidados precisam ser redobrados.

Na foto 16 foi feito o registro da apresentação de malabares de uma artista itinerante nas ruas de Rondonópolis.

Foto 16 - Artista de Rua do sexo feminino fazendo malabares nas ruas de Rondonópolis/MT



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Quanto aos fatores que levaram os artistas do grupo C a se tornarem artistas de rua, se é que foram passíveis a escolha, as respostas mais descritas foram, que em alguns casos essa dinâmica vem de família, é uma cultura familiar, o processo de liberdade e ser viajante, e que por conta disso, já andou por toda a América Latina e do Norte.

Há aqueles que não escolheram, que aconteceu de forma natural, sem nenhum tipo de pretensão inicial, onde tudo começou com pequenas intervenções

ainda no período de faculdade e quando se deu por conta já estava imerso nesse mundo, e não quis mais sair.

É notório que esse processo de naturalidade é bem comum entre os artistas de rua, onde sempre se viram inseridos no contexto de se apresentar em espaços não convencionais, que suas vivências cotidianas os levaram para esse caminho, por não ter tido oportunidades em outras áreas, esses abraçaram a arte com garra e determinação, não se lembrando de ter feito escolhas, mas que suas vivências sempre estiveram relacionadas a esses processos que são bastante comuns dos lugares de onde vieram.

Por sempre gostar da arte, música e pintura, por ter esses dons desde sempre, ao ter contato mais efetivo com as artes urbanas como os malabares, a pirofaria e o grafite, e perceber que essas ações lhes permitiam viajar e alimentar seu espírito de liberdade, se apaixonaram por esse estilo de vida e se mantêm nessa filosofia desde então.

Na foto 17 pode-se observar o trabalho com pirofaria feito por um artista itinerante na Avenida Dom Pedro II na cidade de Rondonópolis, o mesmo se apresenta em vários lugares da cidade levando sua manifestação até as pessoas.

Foto 17 - Artista de Rua fazendo pirofagia na Av. Dom Pedro II em Rondonópolis/MT.



Fonte: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Em relação ao processo de aprendizagem das atividades artísticas que os artistas de rua executam nos espaços não convencionais, para cada caso a uma especificidade dentre os quatro entrevistados desse grupo, houve quem aprendesse as artes de que praticam na infância, com familiares e amigos, e a partir disso foi se especializando suas práticas ao longo da vida. Nesse sentido, quanto mais intervenções eles aprendem, mais eles passam para terceiros, onde o domínio total de tais técnicas é fator primordial para esse grupo, eles melhoram seu desempenho na medida em que se apresentam.

Muitos aprenderam com amigos e companheiros de jornadas, iam aumentando seu arsenal artístico na medida em que viajavam e conheciam pessoas novas ao longo da vida, onde o conhecimento é sempre transmitido de um para outro, sendo símbolo de companheirismo e união, não sendo egoístas em relação aos saberes artísticos, os amparos entre os artistas são evidenciados na forma de ajuda mútua.

Suas falas durante as entrevistas chamam bastante a atenção, onde foi ressaltado que para ser artista de rua, a pessoa precisa estar disposta a se ajudarem, parafraseando uma artista de rua, “se a gente não se ajudar, quem vai? ”, essa classe que por vezes sofre com a exclusão social, incluem todos sem preconceitos, pois sabem o quanto é complicado passar por isso. Para os artistas de rua o conhecimento nunca é escondido, sempre passado de um para outro, onde todos ganham.

Por fim, buscou-se entender como a pandemia de Covid-19, se estabeleceu sobre os trabalhos dos artistas de rua, mas para uns não influenciou em muita coisa, pois não ficou doente e não tomou a vacina, foi um tempo muito difícil, mas não teve mais medo.

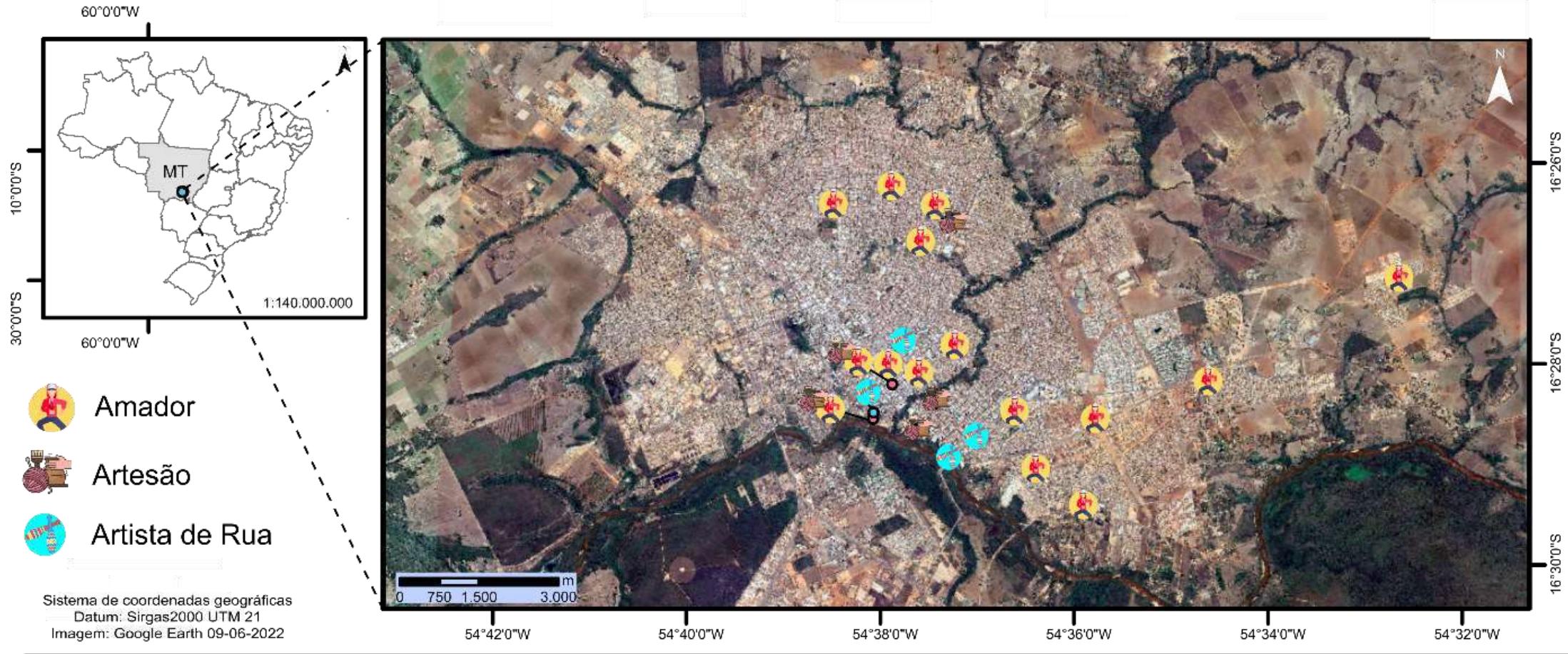
Para outros ficou mais notável que a arte, principalmente de rua, é essencial. Ela muda a dinâmica da população e da vida do artista. Com a pandemia, nossa atenção ficou voltada para coisas que antes não eram dadas a devida importância.

Durante a pandemia muitos tiveram que contar com a ajuda de terceiros, pois não conseguiram receber o auxílio emergencial e não conseguiram acessar políticas públicas que os amparassem nesse momento, mas também foi dito que conseguiram se virar e não faltou o básico.

O isolamento social tornou tudo muito mais complicado, pois eles não podiam viajar, mas teve quem contasse com o serviço social, conseguiu vagas em albergues e ganhando cestas básicas, onde muito se contou com a solidariedade das pessoas.

O mapa 5, apresenta todos os espaços não convencionais onde os artistas informais ocupam no processo de desenvolvimento da arte e da cultura no perímetro urbano de Rondonópolis/MT, locais estes onde artistas amadores, artesãos e artistas de rua se apresentam e fomentam o cenário artístico local.

Mapa 5 - espaços não convencionais onde artistas informais se manifestam em Rondonópolis/ MT.



Fonte: Google Earth
Elaboração: Laboratório de Cartografia-DEGEO-ICHS-CUR-UFR
Organização: GALVÃO, Rafael Martins (2022)

Ficou demonstrado que a arte e a cultura não formais ocupam diversos espaços no perímetro urbano de Rondonópolis, estimulando o consumo de arte e de cultura por toda a sociedade e em todos os lugares em que se faz presente. É certo que existe uma maior concentração nas áreas centrais, mas as áreas periféricas também são contempladas, haja visto que a maioria dos artistas amadores e artesãos vivem nessas áreas mais afastadas, e utilizam esses espaços próximos das suas residências para se juntarem com outras pessoas e promoverem suas manifestações artísticas, e vale lembrar que os artistas itinerantes vão onde tem público, sendo assim, se forem convidados ou se acharem necessária a sua presença nos pontos mais afastados da cidade ali estarão, pois esses são populares, acessíveis a tudo e a todos, desde a elite até os grupos mais populares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento desse estudo, foi possível verificar, por meio dos resultados da pesquisa, que a movimentação artística, e suas ações informais no município são muito importantes, pois acontecem em espaços com maior fluxo de pessoas, alcançando assim uma maior parcela da sociedade, que elas ocorrem principalmente na região central, pois é onde acontece uma maior circulação de pessoas e também de capital.

Observou-se também, que os processos de fomento das artes acabam acontecendo em maior grau pelos artistas informais, pois estes vão aonde o público está, por serem itinerantes e por ocuparem locais abertos, que mesmo sem grande infraestrutura, acabam alcançando pessoas de diversas classes, não sendo segregadores, mas sim agregadores. Essa realidade ficou explícita no capítulo que trata do referencial teórico, onde foram descritos e caracterizados os espaços convencionais e não convencionais, ponto este muito importante para o estudo.

Os artistas informais ocupam diversos pontos do área urbana de Rondonópolis, sendo os pontos centrais, como as praças municipais, sendo principalmente a Praça dos Carreiros e a Praça Brasil, feiras municipais como a Feira da Vila Aurora e a Feira da Vila Operária, espaços públicos como o Casario, semáforos de vias públicas como os dos cruzamentos da Avenida Bandeirantes com a Dom Pedro II, além de pontos nas periferias como o Beco Cultural no Jardim Atlântico, a praça do bairro Alfredo de Castro, quadras esportivas das escolas Silvestre Gomes Jardim e Daniel Martins Moura

Chegou-se ao levantamento desses pontos através da análise da pesquisa, também através de conversas formais e informais com artistas ativos no cenário artístico rondonopolitano que relataram ocupar e desenvolver atividades artísticas e culturais nesses locais, com isso foi feito levantamento de campo em alguns desses espaços, para análise e estudo desses ambientes. Todos esses pontos foram localizados, referenciados e mapeados, permitindo assim que fossem construídos os mapas presentes na pesquisa.

Ao que se refere aos debates a respeito das problemáticas que pairam sobre as vivências da classe artística mais informal, pode-se destacar com pontos preponderantes as questões ligadas ao preconceito vivido pela parcela dos artistas de rua que sofrem com a hostilidade de clientes e donos de estabelecimentos;

violência sofrida e causada por pessoas e órgãos que deveriam os proteger e os atender, como a polícia e os assistentes sociais; a segregação socioespacial que impossibilita que artistas frequentem, exponham e se sintam pertencentes nesses espaços; também a falta de infraestrutura mínima nos espaços não convencionais que eles ocupam, como falta de banheiros, bebedouros; mas também elementos que enriqueceriam suas manifestações como luz, som e palco; a falta de prestígio junto à uma parcela da sociedade que possui uma visão preconceituosa da sua arte, que os veem como desocupados, malandros e vagabundos, onde julgam seus trabalhos e inferiorizam suas manifestações.

Em relação aos problemas, o principal, sendo sempre ressaltado pelo objeto analisado, mas também muito perceptível pelo responsável pelo estudo em tela, que além de cientista também é artista, é o lamentável fato de haver pouco incentivo e amparo do poder público com a classe artística da cidade, onde o Estado que deveria suprir as necessidades básicas da sociedade em todos os campos, inclusive o da arte e da cultura é totalmente falho, pois não valoriza, não investe, não incentiva da forma como deveria fazer. Observou-se que as políticas públicas são limitadas, só abraçam os grandes centros e o que é comercializável, e por conta disso artistas informais, que ocupam espaços não convencionais, na falta de ação do poder público, acabam sendo mais ativos pela necessidade de sobrevivência, pois mesmo sem incentivo e ajuda desenvolvem um importante papel, que é não deixar o movimento artístico rondonopolitano se extinguir, apesar de todos os percalços e toda a dificuldade enfrentada diariamente.

O que podemos destacar de factual sobre as ações não formais ligadas a arte e a cultura rondonopolitana, é que ela é rica e diversa, que manifestações ligadas a dança, músicas, artes cênicas, artesanato, malabarismo e grafite acontecem em grande escala em todo o perímetro urbano de Rondonópolis, que apesar de não ser valorizada pelo poder público e por uma pequena parcela da sociedade a mesma é forte e ativa, onde suprem as necessidades artísticas e culturais de todos os municípios apesar de sua classe social e econômica. A arte e a cultura de Rondonópolis estão em ascensão, que apesar de serem jovens fornecem bons frutos e de ótima qualidade para a sociedade local e regional.

Com a conclusão desse estudo fica evidente que a classe artística informal de Rondonópolis desenvolve um papel de grande relevância em relação a promoção e o desenvolvimento da arte e da cultura local, fomentando e desenvolvendo ações

que buscam contemplar toda a população local, e que o apoio e o incentivo por parte do poder público devem ser mais amplos, haja visto que os artistas informais que ocupam espaços não convencionais em em Rondonópolis desenvolvem medidas que são de responsabilidade do Estado, que é levar arte e cultura para todas as pessoas, como é previsto e garantido por lei.

As manifestações artísticas realizadas pelos artistas amadores, artesãos e artistas de rua em Rondonópolis, atingem de maneira direta e indireta centenas de munícipes diariamente, levando arte e cultura pelos quatro cantos da cidade, levando sorrisos, entretenimentos, e lazer para as pessoas, apesar das dificuldades, percalços e sofrimentos, os mesmos são resistentes e continuam fazendo aquilo que escolheram para suas vidas, fazendo o que amam, não se prendendo a padrões e definidos por um sistema totalmente excludente e deficitário.

Ser artista no Brasil não é uma tarefa fácil, quando essa realidade é trazida para a região Centro-Oeste, no estado do Mato Grosso, mais precisamente da cidade de Rondonópolis, situada na região sudeste do estado, tida como uma cidade do interior, a realidade se torna mais difícil, isso por falta de políticas públicas voltadas para a cenário artístico, pela falta de hábito dos rondonopolitanos em buscar atividades artísticas que não estejam dentro de um padrão capitalista comercializável.

O que foge da cultura regionalista mato-grossense, o que é considerado pela mídia como arte, o que seja distante do tradicionalismo sertanejo, acaba enfrentando uma grande resistência por parte da população local, infelizmente existe de maneira subjetiva uma taxação do que é arte e o que não é, o que é bonito e o que é feio, isso com base em pensamentos e opiniões preconceituosas e atrasadas, e por conta de todo esse modelo e dinâmicas, a classe dos artistas informais é menos valorizada, vista e tida como menos importante.

Os artistas informais, os que não estão por de trás de cortinas, paredes, guardados em construções arquitetônicas, mas que estão nas ruas, praças, feiras, ao ar livre, à mercê do tempo, são taxados e vistos por muitos de formas negativas, mas esses merecem o reconhecimento de toda a sociedade, políticos, empresários e cidadãos, pois seus trabalhos são memoráveis, eles movimentam, dão vida e mantém acesa a cultura local, a raiz, a diversificada, a que foge das taxações e dos moldes igualitários impostos pela globalização massificada.

Toda a classe artística, especialmente a informal, merece e deve ser vista, ouvida, valorizada e bem remunerada, medidas de incentivo devem ser criadas e

postas em prática, o povo precisa ter acesso de maneira rápida, prática e gratuita a todo tipo e forma de manifestação artística e cultural, para que assim não haja estranheza ou pensamentos e falas equivocadas sobre as manifestações culturais do nosso país, que é múltipla e riquíssima.

Espaços artísticos devem ser agregadores, é preciso que todo artista tenha acesso aos mais variados tipos de locais para a promoção e produção da sua arte, assim, como os espaços não convencionais, os convencionais devem ser de livre e fácil acesso a todo artista, não sendo elitizados, onde só um grupo social consiga frequentar, para que assim não haja estranheza ou sensação de não pertencimentos de alguns artistas por esses espaços.

A arte é fundamental na vida das pessoas, a cultura faz parte da essência de todo um grupo, ambas precisam ser destacadas, pois uma sociedade sem arte é uma sociedade sem educação, e um povo sem cultura é um povo sem alma, e tanto a arte, quanto a cultura precisam estar presentes na vida das pessoas de maneira natural, pois a sociedade não tem fome só de comida, mas também de cultura e fazer artístico, e isso precisa ser oferecido pelos governantes dessa nação, e aqueles que levam e possibilitam acesso a essas dinâmicas de maneira informal devem ser amparados, respeitados e afeiçoados por todo e qualquer brasileiro.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO POGUBA DE RONDONÓPOLIS. **UFMT - Rondonópolis - Mato Grosso**. Disponível em: <<http://associacaopoguba.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **Geografia, natureza e sociedade**. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2009.

AZEVEDO, Mariângela Oliveira de; OLANDA, Elson Rodrigues. **O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia**. *Ateliê Geográfico*, v. 12, n. 3, p. 136-156, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/57540/32762>>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

BERRIEL, Virgínia. **A importância dos artistas na luta pela democracia..** Disponível em: <<https://www.cut.org.br/artigos/a-importancia-dos-artistas-na-luta-pela-democracia-0c80>>. Acesso em 14 de maio de 2016.

BOAVA, FERNANDA MARIA FELÍCIO.; BOAVA, Diego Luiz Teixeira.; ANTONIALLI, Luiz Marcelo. A fenomenologia social na pesquisa em estratégia. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, v. 13, p. 171-203, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712012000500007>. Acesso em: 24 de setembro. 2022.

BUSCARIOLLI, Bruno; CARNEIRO, Adele de Toledo; SANTOS, Eliane. **Artistas de rua: trabalhadores ou pedintes?** *Cad. Metrop, São Paulo*, v. 18, n. 37, pp. 879-898, set/dez 2016.

CARVALHO, Andréa Freire de; NASCIMENTO, Yasmim de Farias; SOARES, Maria José Nascimento. **O método fenomenológico de Edmund Husserl**. 6º Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”: São Cristóvão SE, 2012.

CLAVAL, Paul. **“A volta da cultura” na geografia**. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, ano 01, número 01, 2002.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural, um balanço**. *Revista Geografia*. v.20. n. 3. P. 005-024. set/dez 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Cultura, política, economia e espaço**. *UERJ*, n. 35. P. 27-39, Jan/Jun de 2014.

DELFIN, Lucas. ALMEIDA, Lara Aparecida Machado de Almeida. IMBRIZI, Jaqueline Maria. **A rua como palco: arte e (in) visibilidade social.** USS: São Paulo, 2017.

DO NASCIMENTO, Taiane Flores; DA COSTA, Benhur Pinós. **Geografia Cultural e Humanista:** Tendências Geográficas. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/03.pdf>>. Acesso em 22 de outubro de 2022.

DUTRA, Janice Jara conceição. Arte de rua. Revista Especialize On-line IPOG - Goiânia - 5ª Edição nº 005 Vol.01/2013 – julho/2013.

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. **Cultura e Geografia.** <<http://feth.ggf.br/Cultgeo.htm>>. Acesso em abril de 2022.

ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues. **Filopono e Descartes:** conceito de extensão material. *Analytica-Revista de Filosofia*, v. 2, n. 2, p. 83-104, 1997. Acesso em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/413/370>

FERREIRA, Manuela Lawenthal. KAPANAKI, Annie Rangel. **A cidade e a arte:** um espaço de manifestação. *Tempo da Ciência*. volume 22. número 44. 2º semestre de 2015.

FERRETTI, Orlando Ednei. **A geografia cultural e a geografia humanística.** <<http://www.webartigos.com/artigos/a-geografia-cultural-e-a-geografia-humanistica/66139/>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

Freud, Sigmund (1996a). **O mal-Estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

GALVÃO, Rafael Martins. **Espaço e cultura em Rondonópolis/MT:** das políticas públicas às manifestações artísticas e culturais. Rondonópolis/ MT: UFMT, 2016.

HASLER, Márcio Luís. **Contribuição geográfica para o estudo do lugar.** Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 8, núm. 16, 2009, pp. 157-165 Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil.

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. **O ensino de geografia nos anos iniciais:** o lugar em Milton Santos como ponto de partida. *Revista GeoSertões*, v. 5, n. 10, p.

226-240, 2020. Acesso em:
<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/1636/pdf>
HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanista**. Revista Território, v. 4, n. 7, p. 67-78, 1999. Acesso em:
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56336188/geografia_humanistica_e_o_conceito_de_lugar-with-cover-page.pdf

Holzer, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 113-123, 2003.

IBGE. **Mato Grosso – Rondonópolis**. Disponível em:
<<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/rondonopolis.html> >. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

GUERRA, Viviane Loiola. **A cultura, os símbolos e a sociedade**. Serra: FABAVI, 2008.

LARAIA. Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D. et alii. (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

MCQUIRE, Scott. **The politics of public space in the media city**. First Monday, Chicago, Special Issue n. 4, feb. 2006.

MELO. Sara, Santa Maria da Feira: **A função das artes de rua para a definição e projecção de uma política cultural local**. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Artes e Culturas, 2004.

MOREIRA, Ruy. **Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. etc..., espaço, tempo e crítica**, Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas. N° 1(3), VOL. 1, p. 55-70, junho, 2007.

Acesso em:

http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_ensinoGeografia2016/racioc%EDnio%20geogr%E1fico%20-%20ruy%20moreira.pdf

NASCIMENTO, Taiane Flores do. COSTA, Benhur Pinós da. **Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões**. Geografia, Ensino & Pesquisa. vol. 20. n.30 (2016).

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. A **Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. 2013. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Geografia, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09122013-114313/pt-br.php>. Acesso em: 10 de maio. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRONAC. **O que é a Lei Rouanet**. < <http://www.cultura.gov.br/projetos-incentivados1>>. Acesso em: Abril de 2022.

PEREIRA, Clevisson J. FERNANDES, Dalvani. **Cultura e dimensões do viver em Yi-Fu Tuan: algumas aproximações geográficas**. RAEGA, p. 53-73, 2011.

REBOUÇAS, Evill. **A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

REIA, Jhessica. **A cidade como palco: Artistas de rua e a retomada do espaço público nas cidades midiáticas**. Contemporânea. Ed.24, Vol.12, N 2, 2014.

ROSENDALH, Zeny. **Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

AS

NTELLI, Gabriel Santos. **A cultura como espaço de transformação social**. <<https://brasiledesenvolvimento.wordpress.com/2011/01/16/a-cultura-como-espaco-de-transformacao-social/>>. Acesso em: 31 de Agosto de 2020.

SANTOS, Joelson. **Juventude no teatro: Textos de teatro para jovens**. Rondonópolis, MT: E.O.S. Editora, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 6^o ed, São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **O Lugar e o Cotidiano**. IN: A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 4^aed., 8^a reim., p.313-330, 2014.

SANTOS, Milton. **Ordem universal, ordem local: resumo e conclusão**. in: a natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 4^a ed., 8^a reim., p.331-339, 2014a.

SCHNEIDER, Luiz Carlos. **Lugar e não-lugar: espaços da complexidade**. *Ágora*, v. 17, n. 1, p. 65-74, 2015. Acesso em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/5311/4343>

SELLTIZ, Wrightsman e Cook. 1987. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU.

SILVA, Jovânia Mar Jovânia Marques de Oliveira, LOPES, Regina Lúcia Mendonça, DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. *Rev Bras Enferm*, Brasília 2008 mar-abr; 61(2): 254-7.

SMITH, Graham, GREGORY, Derek, MARTIN, Ron. **Geografia humana**, sociedade, espaço e ciência social. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1994.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; PIREHOWSKI, Dariane. O **conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. *Perspectiva Geográfica*, v. 9, n. 11, 2014. Acesso em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/11154/8417>

TESORO, Luci Léa Lopes Martins. **Rondonópolis-MT: Um Perfil Histórico**. Rondonópolis: LLL MT, 1999.

TESORO, Luci Léa Lopes Martins. **Rondonópolis-MT: Um Entroncamento de Mão Única**. São Paulo: LLL MT, 1993.

TKATCH, Camila. **O espetáculo “os pálidos” e o espaço não convencional**. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Curitiba, 2016.

TRIVINHO, Eugênio. **Estética e cibercultura: arte no contexto da segregação dromocrática**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica PUC – SP. 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place: humanistic perspective**. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht : Reidel, 1979, p. 387-427.

WALDMAN, Maurício. Imaginário, espaço e discriminação racial. GEOUSP, **Espaço e Tempo**, São Paulo, N° 14, p. 45-63, 2003.

APÊNDICES

A seguir temos a proposta de questionário que será aplicado na pesquisa, após tramitar pela Comissão de Ética da UFR:

Questionário para ser aplicado aos artistas de Rua – Pesquisa do Mestrado

1. Quais são os locais da cidade que você costuma frequentar para se manifestar artisticamente?

- a. Praças
- b. Ruas
- c. Bares
- d. Outros

2. Quais são os tipos de manifestações artísticas que você realiza nesses espaços?

- a. Dança
- b. Teatro
- c. Musica
- d. Acrobacia
- e. Outro

3. Como você avalia a cena artística e cultural de Rondonópolis?

- a. Boa
- b. Ruim
- c. Outro

4. De quais formas você costuma ser recebido pela parcela da sociedade que prestigia seu trabalho?

- a. Bem
- b. Mal
- c. Indiferente
- d. Outro

5. Os espaços que você utiliza para se manifestar artisticamente possui uma infraestrutura adequada para suas necessidades pessoais e artísticas?

- a. Sim
- b. Não
- c. Em partes

6. Como é sua relação com os espaços em que você expressa sua arte?

- a. Sentimental
- b. Financeira
- c. Social
- d. Outro

7. Como funciona o processo de escolha desses locais onde você desenvolve seu lado artístico?

8. Quais são os fatores que levam você a escolher determinado espaço para expressar sua arte e possivelmente receber por isso?

9. Na sua opinião existe algum tipo de segregação em espaço aqui da cidade de Rondonópolis que o impede de frequentar determinados espaços? Se sim, quais são os motivos?

10. Você possui acesso a todos os ambientes nos quais você gostaria de habitar enquanto artista?

11. Você se vê como um artista e como se enxerga enquanto ser que vive em sociedade?

12. Na sua opinião, existe uma classe de artistas de rua em Rondonópolis, se sim quais são as características dessa classe?

13. Quais são os pontos positivos e os negativos em se apresentar em espaços públicos não convencionais?

14. Por que você escolheu ser um artista de rua, se é que foi uma escolha?

15. Como se deu o processo de aprendizagem da atividade artística que você executa nos espaços não convencionais?

16. Como a pandemia de Covid19, se estabeleceu sobre você e sobre seu trabalho nas ruas?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) participante:

Este documento é um termo de consentimento livre e esclarecido para sua participação voluntária na pesquisa intitulada Atividades não formais: um estudo das manifestações artísticas e culturais em espaços não convencionais em Rondonópolis/MT.

Esta pesquisa é requisito obrigatório do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PP GEO, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Campus Universitário de Rondonópolis – CUR, sob a orientação do Prof. Dr. Ronei Coelho de Lima.

O objetivo do estudo é compreender as dinâmicas artísticas e culturais desenvolvidas em espaços não convencionais, bem como, assimilar a posição e a acessibilidade dessas na área urbana de Rondonópolis, para reconhecer e valorizar os artistas locais, mapear seus espaços e explicitar a arte e a cultura de Rondonópolis, através das vivências e das experiências no espaço habitado.

Todas as informações pessoais coletadas serão confidenciais e o pesquisador assegura total e irrestrito sigilo sobre sua participação. Portanto, não haverá identificação pessoal, nome, apelido, garantindo assim, seu anonimato enquanto participante da pesquisa. Também é preciso considerar que você tem a liberdade de desistir de sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem qualquer forma de constrangimento ou coação.

Este documento será utilizado apenas para os fins desta pesquisa e divulgação dos seus resultados. Esta pesquisa não implica em riscos físicos e/ou materiais aos participantes, podendo, no máximo, causar algum desconforto ou constrangimento durante a realização das entrevistas. Para minimizar os eventuais riscos, serão desenvolvidas as seguintes ações: esclarecimento prévio sobre a pesquisa, possibilidade de interrupção ou desistência pelo (a) participante a qualquer momento; sigilo e acesso aos resultados da pesquisa; participação voluntária e sem ônus para a Instituição nem para os participantes.

Os benefícios serão indiretos para o participante da pesquisa e direto para instituições de pesquisa, políticas públicas, planejamento e gestão do território.

Assim, em caso de dúvidas poderá entrar em contato com o pesquisador através do telefone (66) 99641-9011 ou pelo e-mail: rafhageo@gmail.com. Poderá ainda, solicitar esclarecimentos O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/CONEP) da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), no qual esta pesquisa está cadastrada, localizado na Avenida dos Estudantes, nº 5055, Cidade Universitária. Rondonópolis/ MT, CEP: 78736-900, telefone (66) 3410-4153 ou pelo e-mail: cep@ufr.edu.br. Ainda se preferir, poderá entrar em contato presencialmente no próprio Campus Universitário de Rondonópolis.

Eu, _____ confirmo estar sendo informado (a) verbalmente e por escrito dos objetivos que geraram a elaboração desta pesquisa e concordo em participar.

Serão firmadas duas vias deste documento, sendo uma via para o pesquisador e outra para o participante da pesquisa.

Atenciosamente.

Rondonópolis-MT, ____ de _____ de 2022.

Pesquisador: Rafael Martins Galvão

Fone (66) 99641-9011

Participante da Pesquisa

ANEXO**Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP (UFR)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDONÓPOLIS - UFR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ATIVIDADES NÃO FORMAIS: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS/ MT.

Pesquisador: RAFAEL MARTINS GALVAO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56771922.1.0000.0126

Instituição Proponente: Universidade Federal de Rondonópolis - UFR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.316.634

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas, neste campo, foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto de Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_DE_PESQUISA_1912854, 15/03/2022, p. 02):

O projeto de pesquisa, intitulado "ATIVIDADES NÃO FORMAIS: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS EM ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS EM RONDONÓPOLIS", se propõe a "discutir os problemas vividos pela parcela mais marginalizada da classe artística, visando saber se aqueles que se expressam em espaços não convencionais como ruas e praças sofrem algum tipo de segregação sócio espacial, e quais são os obstáculos que eles enfrentam por pertencerem a determinados grupos étnicos, raciais e econômicos, analisando o objeto de estudo pela sua própria ótica, através de seus relatos e experiências."

Objetivo da Pesquisa:

As informações elencadas, neste campo, foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto de Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_DE_PESQUISA_1912854, 15/03/2022, p. 02):

Endereço: AVENIDA DOS ESTUDANTES, 5055 Bloco Administrativo da UFR, térreo, sala 1
Bairro: CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 78.736-900
UF: MT **Município:** RONDONÓPOLIS
Telefone: (66)3410-4153 **E-mail:** cep@ufr.edu.br

Continuação do Parecer: 5.316.634

"Compreender as dinâmicas espaciais das manifestações artísticas e culturais desenvolvidas em ambientes não convencionais, bem como, a acessibilidade dessas ações na área urbana de Rondonópolis."

Objetivos Secundários:

"Fazer um mapeamento dos grupos e dos artistas que trabalham com manifestações em espaços não convencionais em Rondonópolis".

Identificar as características econômicas e sociais dos artistas de rua, levantando seu perfil e o local onde se inserem;

Caracterizar os principais problemas vividos pela classe artística independente de Rondonópolis, visando possíveis soluções para estes;

Explicar cada uma das ações não formais ligadas a arte e a cultura rondonopolitana."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

As informações elencadas, neste campo, foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto de Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_DE_PESQUISA_1912854, 15/03/2022, p. 04-05):

Riscos:

"Haja vista que por conta do período de pandemia é preciso tomar bastante cuidado ao promover contatos físicos de forma direta com o objeto de estudo, sendo assim, promover diálogos presenciais com os artistas que desenvolvem atividades não formais em espaços não convencionais em Rondonópolis/ MT acaba se tornando um risco a saúde dos envolvidos, no caso, pesquisador e dos participantes. Para amenizar as possíveis ameaças de contágio do Corona Vírus, serão seguidas todas as recomendações de segurança sanitária, como distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel, priorizando sempre a integridade dos envolvidos no estudo. Grande parte dos espaços não convencionais, ocupado por artistas informais, estão situados em vias públicas, com grande movimentação de veículos e pessoas, visto que são ruas, sinaleiros e praças, com isso, a atenção a abordagem ao artista e momento da entrevista devem ser feitos com o máximo cuidado. A abordagem será feita calmamente nos intervalos do artista ou em horas com menos fluxo no trânsito, e as entrevistas serão realizadas em áreas seguras no local e no horário a ser escolhido pelo participante. Se valendo da conduta de que a ética em pesquisa implica no respeito pela dignidade humana e a

Endereço: AVENIDA DOS ESTUDANTES, 5055 Bloco Administrativo da UFR, terreo, sala 1
Bairro: CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 78.736-900
UF: MT **Município:** RONDONOPOLIS
Telefone: (66)3410-4153 **E-mail:** cep@ufr.edu.br

Continuação do Parecer: 5.316.634

proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, há um risco de a pesquisa gerar um certo constrangimento a estes ou até mesmo criar uma certa expectativa. Ciente de tal fato e, tomando medidas de prevenção e proteção, serão informados aos participantes os objetivos e procedimentos adotados na realização da pesquisa. Ressalta-se também, que na pesquisa não haverá nada de natureza sigilosa e nem que implique em questões de natureza jurídico-política. Basicamente, se irá requerer informações relativas ao trabalho, às manifestações artísticas e culturais, a relação com o lugar, o processo de ocupação dos espaços, problemas vividos, autoanálise e avaliação da cena artística e cultural de Rondonópolis. Assim, os dados individuais serão tratados estatisticamente e analisados de forma coletiva, portanto, as informações repassadas não terão outro intuito a não ser na abordagem da totalidade. Essa é a metodologia adotada pelo IBGE, quando realizadas as suas pesquisas."

Benefícios:

"A referida pesquisa, possui o intuito de dar voz para uma parcela da sociedade que pouco é ouvida, vista e levada a sério. No geral toda a classe artística rondonopolitana por si só passa por grandes desafios no que tange a incentivos, apoios financeiros e prestígio, tanto do poder público, quanto da sociedade civil. Acredita-se que esse desprestígio possa ser ainda maior em alguns grupos como os artistas de rua, os artistas informais e

aqueles que expressam suas artes de modo livre e que retiram seu sustento através das suas manifestações, todos esses aqui citados acabam por constituir parte da classe artística da cidade de Rondonópolis. Através do desenvolvimento desta pesquisa, toda a sociedade ganhará em conhecimento, através de teorias amparadas em literaturas, conhecimento empírico através de relatos e histórias de vida, e o principal ganho será

referente a ter uma obra escrita por um rondonopolitano, sobre parte da sociedade rondonopolitana, para toda a cidade de Rondonópolis. Na medida em que exploram e promovem o senso crítico, individual ou coletivo, os artistas de rua que ocupam espaços não convencionais acabam se comunicando através dos seus corpos, suas vozes e olhares, promovendo reflexões e criticidades em seus espectadores, tratando de questões sociais."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo nacional, unicêntrico, com financiamento do próprio pesquisador. Seu

Endereço: AVENIDA DOS ESTUDANTES, 5055 Bloco Administrativo da UFR, terreo, sala 1
Bairro: CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 78.736-900
UF: MT **Município:** RONDONOPOLIS
Telefone: (66)3410-4153 **E-mail:** cep@ufr.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDONÓPOLIS - UFR



Continuação do Parecer: 5.316.634

/ Brochura Investigador	Brochura_Pesquisa.pdf	15:47:06	GALVAO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rostoassinada.pdf	15/03/2022 15:46:30	RAFHAEL MARTINS GALVAO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RONDONOPOLIS, 28 de Março de 2022

Assinado por:
RAQUEL GONÇALVES SALGADO
(Coordenador(a))



Endereço: AVENIDA DOS ESTUDANTES, 5055 Bloco Administrativo da UFR, terreo, sala 1
Bairro: CIDADE UNIVERSITARIA **CEP:** 78.738-900
UF: MT **Município:** RONDONOPOLIS
Telefone: (68)3410-4153 **E-mail:** cep@ufr.edu.br